



Universidade de Brasília – UnB – Instituto de Letras  
Departamento de Teoria Literária e Literaturas  
Programa de Pós-graduação em Literatura

## **CORA CORALINA**

### **A MULHER-POETA E SUAS MÚLTIPLAS VOZES**

Iêda Vilas-Bôas

Julho, 2009.



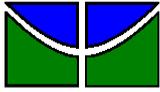
Universidade de Brasília – UnB – Instituto de Letras  
Departamento de Teoria Literária e Literaturas  
Programa de Pós-Graduação em Literatura

## **CORA CORALINA**

### **A MULHER-POETA E SUAS MÚLTIPLAS VOZES**

Iêda Maria Vilas Bôas Pereira

Trabalho apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Literatura, sob a orientação da professora Doutora Hilda Orquídea Hartmann Lontra, na Universidade de Brasília, em 10 de julho de 2009.



Universidade de Brasília – UnB – Instituto de Letras  
Departamento de Teoria Literária e Literaturas  
Programa de Pós-Graduação em Literatura

BANCA AVALIADORA DO TRABALHO:

---

Professora Orientadora: Doutora Hilda Orquídea Hartmann Lontra

---

Professora Doutora Elga Pérez-Laborde

---

Professora Doutora Olívia Aparecida da Silva

---

Mestra: Iêda Maria Vilas Bôas Pereira

## **Cora Coralina: A mulher-poeta e suas múltiplas vozes**

### Resumo

Essa pesquisa se insere na linha de pesquisa Recepção e Práticas de Leitura, do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília.

O estudo busca analisar a obra da escritora goiana Cora Coralina, trazendo os temas contemporâneos que permeiam sua obra, de forma que possibilitem a reflexão e a superação dos problemas abordados em sua temática. Pretende, também, contribuir para a prática de leitura crítica, reflexiva e valorizadora da mulher poeta e do ser humano.

Não basta somente gostar de ler Cora; é preciso se aprofundar cada vez mais nos estudos da Literatura e Teoria Literária para entender e decifrar o universo poético desta grande poeta. Partindo do primitivismo de seus versos, analisamos as múltiplas vozes que ecoam de sua obra, interligando-as ao dialogismo, metáforas, símiles, polifonia e a intertextualidade.

Quiçá as reflexões aqui ponderadas sirvam de elemento facilitador para a ampliação do universo literário dos leitores.

Palavras-Chave: literatura, análise literária, metáforas, dialogismo, intertextualidade.

## **Cora Coralina: A mulher-poeta e suas múltiplas vozes**

### **Abstract**

This study is of the reading reception and practice line of research of the graduate literature program of the University of Brasília.

It seeks to analyze the works of Cora Coralina, a writer from the Brazilian state of Goiás, treating the contemporary themes which permeate her work, so as permit reflecting upon and overcoming these theme's concerns. It also proposes to contribute to the practice of critical reading, reflecting upon and valuing the woman, poet and human being; let it be a reference to face discrimination, whether linguistic or otherwise.

It's not enough to enjoy reading Cora; one needs to deepen one's understanding of literature and literary theory to understand and decipher the poet's poetic universe. Beginning with the primitivism of her verses, we analyze the various voices which echo throughout her work, connecting them to dialogism, metaphors, similes, polyphony and intertextuality.

Maybe the reflections pondered here may facilitate broadening the readers' literary universe.

Key Words: literature, literary theory, metaphors, dialogism, intertextuality.

## SUMÁRIO

i - Capa	1
ii- Contra capa	2
iii- Banca Examinadora	3
iv- Resumo	4
v- Abstract	5
vi- Sumário	6
vii- Dedicatória	7
viii – Agradecimentos	8
<b>1. Considerações preliminares</b>	<b>9</b>
<b>2. Apresentação</b>	<b>11</b>
<b>3. Quem é esta mulher?</b>	<b>15</b>
3.1. Cora eclética	25
3.2. Cora dos goiases	29
3.3. Cora metalinguista	37
<b>4. O erotismo (natural) em Cora Coralina</b>	<b>43</b>
<b>5. Uma Velha Rapsoda</b>	<b>55</b>
<b>6. Cora Coralina: como se expressa esta mulher</b>	<b>63</b>
4.1 Cora Coralina: um ser - por essência- metafórico	63
4.2 Cora Coralina: confluência de vozes em seu universo literário	73
<b>7. Algumas considerações finais</b>	<b>79</b>
<b>8. Bibliografia</b>	<b>82</b>
<b>9. Anexos</b>	<b>85</b>
9.1. Depoimentos	85
9.2. Fotopoemas	101
9.3. A História de Aninha que virou Cora (Versão em Português)	116
9.4. A História de Aninha que virou Cora (Versão em Espanhol)	123

## DEDICATÓRIA

À Dona Odete (*essência de mulheres e lição para um milhão de homens*<sup>1</sup>) e ao Seu Vico (o mais terno dos seres).

Dedico esta pesquisa a vocês, que despertaram em mim o amor aos livros e à leitura, transformando uma menina curiosa em jovem estudiosa e, hoje, em mulher pesquisadora da literatura.

Queria muito tê-los, ainda, nesta dimensão terrestre e repartir com vocês de minha paixão por Cora Coralina que se transformou em Dissertação de Mestrado. Todo o meu amor, admiração e respeito filial.

---

<sup>1</sup>Neruda, Pablo, *Para Nascer Nascer*. São Paulo: Difusão Editorial, 1980. p. 93.  
(Despedida a Lenka - Jornalista Lenka Franulich – morreu em Santiago do Chile em 1925)

## Agradecimentos

Muitos contribuíram para que este trabalho tomasse corpo e forma escrita. Pessoas valorosas que entenderam os meus tempos em cavernas, de onde só saía depois de esgotado o pensamento que se debatia entre as teclas e o monitor para resultar em escrita. Companheiros da partilha de minha paixão por Cora. A esses, em especial, quero expressar minha eterna gratidão:

A minha orientadora – Hilda O. H. Lontra, por acreditar naquela que vinha de longe e lhe disse: “Quero você como minha orientadora!” Hilda é testemunho de sabedoria, agregação, bondade, exigência e amor, sobretudo, ao ser humano e à Literatura.

Aos mestres: Stella Maris Bortoni-Ricardo, Elga Laborde, Márcia Bortone, André Luís Gomes, Robson Tinoco, D. Yêda Leal da Costa (in memoriam) e Olga Pereira dos Santos.

A minha família: Reinaldo Filho, Nara e Alexandre, Mahyra e Rodrigo, Reinaldo Neto e Ana Laura.

Aos familiares: Lúcia (parceira de sonhos e escritas) e Pedro Irlei Resende, Zezé e Joe Weiss (meu irmãozinho), Martha e Paulo Nunes, Silvia e Domingos Rodrigues, Glaucia e Luís Otávio Vilas Bôas e à Lourdes (in memoriam).

Aos sobrinhos, sobrinhas, sobrinhos-netos e sobrinhas-netas, todos!

Aos amigos: Elisa Medeiros, Claudio Melo, Maristela Neves, Arlinda, Adriana Levino, Edna Freitas, Margareth Villalba, Eliane Cardoso, Clara Etiene, Bernadete Carvalho, Rosa Amélia e Lucinda Azevedo.

Ao grupo de pesquisa LER/UnB – Leitura, Escrita e Recepção.

A todos os que contribuíram com depoimentos e sugestões.

A vocês, minha eterna amizade e consideração.

## 1- Considerações preliminares

Ao trazer para a Academia o estudo sobre a escritora goiana Cora Coralina, procuro revelar uma paixão antiga. Amor à primeira vista, à primeira lida. Nos idos 1977 eu, jovem guardiã de livros de um colégio particular, recebi das mãos da freira responsável pelo setor o volume *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*, com a ordem expressa de guardá-lo no armário dos livros proibidos, porque não era livro recomendado para moças. Deveria guardá-lo junto ao Exorcista, Madame Bovary, D. Maria – A Louca e outros tantos títulos que nem preciso dizer que eram os que mais me chamavam a atenção.

Passei os olhos pelas folhas do livro e de imediato uma força ancestral invadiu meu peito adolescente. Os versos sublimaram em mim o amortecido gosto pela terra e remontaram-me às colheitas de algodão, à vida na Fazenda das Cabaças e na Terra Branca. Do fundo de meu pequeno baú de memórias, saíram todos os sons, todos os cheiros, todos os gostos agridoces da vida do campo. Aqueles versos suscitaram-me evocações seculares.

Li *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais* em uma tarde. Com o coração aos pulos. A cada ranger da porta da clausura conjugada à biblioteca, o mesmo era escondido aos sobressaltos. A freira desconfiava, com razão, de minha desobediência em guardar tal tesouro e, por muitas vezes, fui surpreendida por aquela voz paciente e melosa a lembrar-me as funções a mim destinadas. A figura pancesca<sup>2</sup> da freira jamais poderia entender o bem que houvera feito àquela adolescente curiosa e falante. Jurei com os dedos em cruz beijados e rebeijados que não mexeria em tais livros. Não consegui cumprir a jura. Passei a ser pecadora e nessa nova condição liberei-me das amarras e compromissos firmados e sentia-me livre para ler a poeta Cora Coralina. Li Cora dessa vez e não parei mais de lê-la. Decorei vários de seus poemas e me vali deles em muitas situações adversas de minha vida.

No ano de 1978, consegui convencer uma turma inteira de estudantes de 8ª Série de que na Cidade de Goiás (antiga Goiás Velho) havia excelentes discotecas. A dança frenética das discotecas era o auge para a moçada. Muitos questionaram que naquela cidadezinha interiorana não deveriam existir tais atrações. Firmei o pé e garanti diversão

---

<sup>2</sup> Relativo a Sancho Pança – escudeiro de Dom Quixote de La Mancha.

na certa. Porém, meu real desejo era estar perto, prostrar-me com a minha já tão conhecida (de muitas leituras) Cora Coralina.

Assim foi feito. Consegui ganhar a ira dos colegas, que encontraram uns poucos barezinhos monótonos, mas, de entremeio, tive o prazer de conhecer, de conversar uma tarde inteira, de provar de seus doces, de declamar com ela alguns de seus poemas, que já sabia de cor e salteado.

Devo ter-lhe esgotado a paciência, pois lá pelas tantas ela me perguntou se eu não tinha de ir embora que ela precisava descansar. Saí dali com a alma repleta de pura e doce poesia, com a certeza de que as coisas se originam de um mesmo marco e que este pode ser e estar bem próximo de nós. Cora Coralina traduzia todo o meu sentimento, meu sofrimento, meu pensamento. Por anos passei comprando livros de Cora e lendo-os até a última letra. Fiz deles livros de cabeceira, livros sagrados, fontes da mais pura verdade.

Um dia, um sonho: Cora a me dizer que tentasse o Mestrado, que ela estaria comigo, que eu não me preocupasse que as coisas iriam acontecendo. Acordei e anotei este idílio. Cada detalhe. Tudo parecia muito real e, desde então, procuro expressar, através de minhas palavras, embaladas pelas de muitos outros grandes pensadores, o estudo da obra de Cora Coralina

Procuro, hoje, através de minha prática de professora de Língua Portuguesa, situação em que o amor pela literatura sempre esteve presente, compartilhar de Cora e sobre Cora, por entender que a poeta pode contribuir no processo de formação de leitores críticos, interativos e reflexivos.

A leitura possibilita uma nova aprendizagem a respeito de velhos temas e será encarada como um interessante desafio que, ao ser vencido, cotidianamente, resultará em conhecimento, entretenimento, diversão e nova consciência social. Ler é atividade fundamental. A leitura precisa ocupar espaço nobre dentro e fora da escola. A leitura da literatura leva o leitor à expansão de experiências e a participar da transformação e democratização da sociedade. Em especial, a leitura de Cora consegue incentivar o espírito de cidadania, o respeito aos outros e a aceitação das diferenças (sociais, físicas, geográficas, psicológicas). Desejo que esta pesquisa possa inspirar, também, paixão em muitos outros leitores.

## 1- Apresentação

Aristóteles<sup>3</sup> definia a poesia como mimesis<sup>4</sup> e reconhecia que as representações dos desejos, sentimentos e ações humanas tinham a faculdade de levar o homem a sentir e expurgar seus pensamentos, de forma a purificar-se: a catarse. Convém esclarecer que Aristóteles falava da poesia declamada. A poesia escrita só aconteceu com o desenvolvimento humano e o passar dos tempos. Atualmente, a obra escrita alcança seu reconhecimento e pode chegar à concretização no leitor, essencialmente, pela leitura.

Essa reflexão se insere na linha de pesquisa Recepção e Práticas de Leitura, do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília. A recepção possui pressupostos milenares, com profundas repercussões na historiografia literária, como mostra Jauss.<sup>5</sup> Pela recepção, dá-se a superação e a ruptura com procedimentos historicistas, e chega-se à reescritura permanente da história da literatura, pelo eixo da estética.

A leitura da literatura resgata no leitor o que existe de humano no mundo das ciências. A literatura é uma arte e ao mesmo tempo uma ciência que se apresenta como compromisso do indivíduo nas relações de práticas sociais. E a leitura literária põe, segundo Castro:<sup>6</sup>

em exercício um conjunto de conceitos de que nem sempre nos damos conta. Quais conceitos especificamente? Um leitor, um texto, um autor, um contexto/mundo. São os quatro referentes fundamentais de qualquer leitura, mas um outro conceito possibilita a articulação destes quatro referentes: o ler. Uma leitura é a articulação no e pelo ler dos referentes: leitor, texto, autor, contexto/mundo. A tal articulação chamamos círculo de produção.

---

<sup>3</sup> Aristóteles nasceu em Estagira, na Calcídica (384 a.C. - 322 a.C.). Filósofo grego, aluno de Platão e professor de Alexandre, o Grande, é considerado um dos maiores pensadores de todos os tempos e criador do pensamento lógico.

<sup>4</sup> Em sua acepção geral significa mais que imitação; é representação.

<sup>5</sup> Hans Robert Jauss (1967/1994) desloca o eixo analítico valorizando o processo comunicativo da arte. Além desta importante contribuição, Jauss sistematiza o processo de "fruição estética".

<sup>6</sup> CASTRO, Manuel Antônio de. *O Acontecer Poético – A história da Literatura*. Rio de Janeiro: Antares, 1982. p.101.

As leituras são tanto mais diferentes quanto acentuam ou privilegiam um destes referentes. A leitura será poética quando o núcleo dominante for o ler.

Dessa forma, emergem as indagações que desencadearam esta pesquisa. Afinal, como a obra de Cora, que se aproxima, em certos momentos, das rapsódias, pode incentivar o gosto pela leitura? Em que medida esses textos podem contribuir para a formação de um leitor crítico e reflexivo? É possível encontrar na obra de Cora manancial para o enfrentamento de situações preconceituosas e, assim, assumir uma postura de colocar a literatura como instrumento de combate à exclusão social?

Essa pesquisa busca analisar a obra da escritora goiana Cora Coralina, trazendo os temas contemporâneos que permeiam sua obra, de forma que possibilitem a reflexão e a superação dos problemas abordados em sua temática. Pretende, também, contribuir para a prática de leitura crítica, reflexiva e valorizadora do ser humano.

No primeiro capítulo procuro desvendar, junto e com os leitores, *Quem é esta mulher* e assim enveredo por sua biografia e bibliografia, tecendo comentários baseados em sua história de vida e em suportes da teoria literária, na tentativa de evidenciar literariamente um pouco mais sobre essa fantástica escritora. Entretanto, o ser poético Cora Coralina é complexo e intangível; assim, para facilitar o entendimento de sua obra, passo a categorizá-la em: *Cora eclética*, *Cora dos goiases*, *Cora metalinguista*, *Cora erótica* e *Cora – Velha Rapsoda*. Em sequência, discorro sobre a metáfora em sua obra, e focalizo *Cora Coralina: Como se expressa essa mulher*. Para pontuar essa Cora Coralina, dois aspectos são abordados. No primeiro: *um ser por essência metafórico analiso* algumas metáforas encontradas em sua obra e, baseando-me em estudos de vários autores<sup>7</sup>, apresento reflexões sobre a contemporaneidade da obra de Cora Coralina. Em sequência, evidencio a polifonia de múltiplas vozes em seus escritos. Amparada pelos estudos de Bakhtin, apresento as vozes que saltam de seus textos: a Cora das minorias, dos desvalidos, dos desfavorecidos. Em *Confluência de vozes em seu universo literário* encerro a parte reflexiva da dissertação.

Como anexos, apresento depoimentos de pessoas que foram importantes na vida de Cora, ou que foram seus vizinhos e alguns que, assim como eu, elevaram a escritora

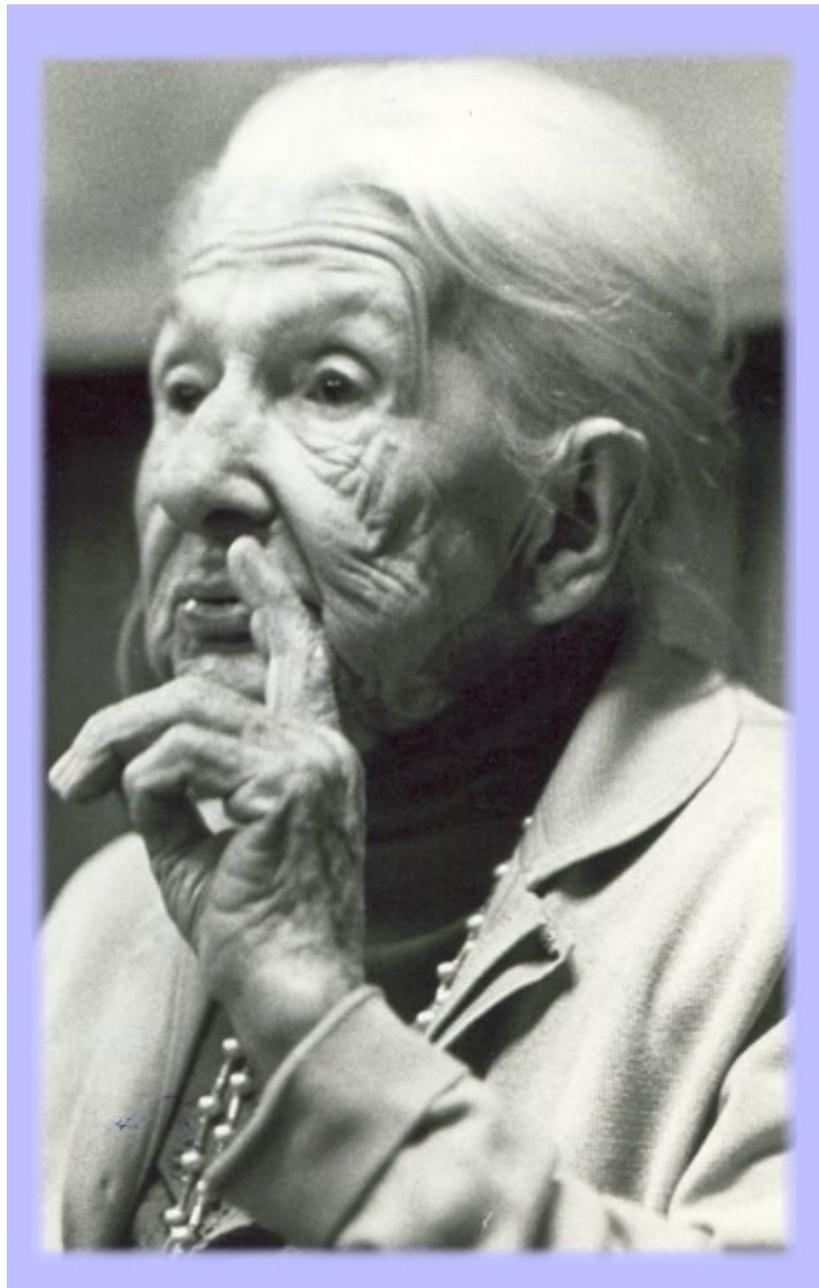
---

<sup>7</sup> Além de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, que assinam o Dicionário de Símbolos, foram consultados outros investigadores das questões de mito e de imagem, que serão apresentados em notas de rodapé, por darem apenas a sustentação às minhas leituras de Cora Coralina.

ao mais alto pedestal literário, tomando-a como objeto de dissertações e teses. Num esforço de mostrar aos leitores a beleza da Cidade de Goiás, a cidade em que Cora Coralina viveu, a qual escolheu para voltar e na qual terminou seus dias, apresento *Fotopoemas*, que, espero, possam traduzir a sensibilidade dos poemas de Cora pelas paisagens capturadas pela lente de Reinaldo Filho, Alexandre Thomas e Nara Bueno. Por último, anexo um trabalho que se consolidou ao longo desta pesquisa: *A história de Aninha que Virou Cora*, livro infantil que se encontra no prelo. Será publicado em julho.

Esse é o resultado de uma pesquisa que não se iniciou em outubro de 2007, mas que veio incorporando conhecimentos apreendidos através de pessoas, autores e leituras que deixaram em mim esta certeza: não basta somente gostar de ler Cora, mas, sobretudo, é preciso se aprofundar cada vez mais nos estudos da Literatura e Teoria Literária para entender e decifrar o universo poético desta grande poeta, partindo do primitivismo de seus versos com possibilidades múltiplas para abstrair deles conhecimentos de filosofia, sociologia, geofísica, graus de letramento, entre outros.

Através desse estudo procuro apresentar uma mulher simples, portadora de uma imensa veia poética: Cora Coralina faz-se doutora de vida e mestra de mestres!



### 3- QUEM É ESSA MULHER?

Cora Coralina, escritora goiana, é estrela de primeira grandeza em nosso cenário de literatura brasileira. Sua capacidade literária foi reconhecida por grandes nomes de nossa literatura e, conhecendo sua obra, disse muito bem o poeta:

Rio de Janeiro, 14 de julho de 1979.

Cora Coralina,

Não tendo seu endereço, lanço estas palavras ao vento, na esperança de que ele as deposite em suas mãos. Admiro e amo você como a alguém que vive em estado de graça com a poesia. Seu livro é um encanto, seu verso é água corrente, seu lirismo tem a força e a delicadeza das coisas naturais. Ah, você me dá saudade de Minas, tão irmã do seu Goiás! Dá alegria na gente saber que existe bem no coração do Brasil um ser chamado Cora Coralina.

Todo o carinho, toda a admiração do seu,

*Carlos Drummond de Andrade*

Impossível falar da obra e vida de Cora sem ressaltar seu espírito libertário, caráter firme e atitudes instigadoras. Anna Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas nasceu no século retrasado (20/08/1889), viveu e morreu no século passado (10/04/1985). A Ana que virou Cora e foi rejeitada pela cidade, criou asas e ganhou fama<sup>8</sup>.

Conforme dados biográficos registrados por sua filha, Vicência Brêtas Tahan (1989), a moça que escrevia aos 15 anos e foi tida como plagiadora do parente religioso, que foi ficando moça-velha, apegada aos livros, culta, inteligente perspicaz e sem casamento, ousou obedecer aos arroubos de seu coração e fugiu com seu amado, após a passagem dele pelo norte de Goiás: homem separado, com filhos em São Paulo e uma filha mestiça. Ao partir, levou consigo não mais que sonhos, sonhos tais que se desfizeram na rotina conjugal e no ciúme do esposo ao ver Cora alçando voo em terrenos políticos e econômicos.

---

<sup>8</sup> [www.cidadedegoias.com.br](http://www.cidadedegoias.com.br) Ana Maria Tahan - Editora do Jornal do Brasil e neta de Cora Coralina.

Cora enfrentou grandes problemas conjugais, cujas repercussões podemos observar embutidas em sua obra, ao lado da problemática da questão de gênero. A poeta vivia em uma sociedade patriarcal e machista, fato difícil de ser enfrentado nos séculos retrasado e passado, pois que, com alguma abertura, ainda hoje é vigente neste século XXI.

Omar da Silva Lima<sup>9</sup> esclarece que o “conceito de gênero se refere apenas às pessoas e às relações entre os seres humanos”. Explica os comportamentos de homens e mulheres da nossa sociedade e permite “a compreensão das dificuldades que as mulheres enfrentam na vida política, no trabalho, na vida sexual, reprodutiva e na família”. Talvez, por esse viés, possamos entender que todo o referencial feminino na obra de Cora justifica sua preocupação em fazer emergir de seus poemas as vozes das mulheres excluídas de seu tempo e que, ainda agora, emergem.

Dentro desse sistema patriarcal e tradicional era esperado que a mulher se sujeitasse à superioridade masculina. Ao homem cabia o papel de independência, decisões racionais, competência, diligência e poderio. A mulher deveria seguir um modelo preestabelecido de emoção e sentimentalismo, sendo legitimadora do padrão machista. Em seu poema *Das Pedras*<sup>10</sup> seus versos traduzem essa angústia em obedecer aos conceitos que não se acomodavam em seu peito:

*Ajuntei todas as pedras  
Que vieram sobre mim.  
Levantei uma escada muito alta  
E no alto subi.  
(...)  
Uma estrada,  
um leito,  
uma casa,  
um companheiro.  
Tudo de pedra.*

*Entre pedras  
cresceu a minha poesia.  
Minha vida...  
Quebrando pedras  
e plantando flores.*

*Entre pedras que me esmagavam  
Levantei a pedra rude  
dos meus versos.*

---

<sup>9</sup> LIMA, da Silva Omar. *Cora Coralina & Vozes Emersas*. Guarapari: Ex-Libris, 2007. p. 23.

<sup>10</sup> In *Meu Livro de Cordel*. São Paulo: Global, 2002. p. 11.

Cora tinha censores intra e extracasa, mas sua poesia extrapolava limites. Lemos, nas entrelinhas dos versos seguintes, certa amargura em relação ao fato de ter sido sempre incompreendida por marido e, inclusive, pelos filhos:

*Eles... Vigilantes, censores,  
Estranhos não ajudam, carregam pedras.  
Eles... sei de seu respeito filial.  
Juízes mudos, singulares, severos,  
No seu foro íntimo.  
Impenetráveis. Os autos...  
O julgamento constante em assembléia, reunidos ou não.  
A falta de afinidades...  
O choque, a vida intra-uterina,  
Eles, em formação, recebendo o rebate, bate que bate  
de tanta luta inglória...  
União frágil, desfeita espiritualmente, rota, rasgada, violentada.<sup>11</sup>*

Ana revolucionária, feminista, religiosa e líder política que enviuvou, viveu em terras distantes por 45 anos; plantou rosas e depois retornou à Goiás de sua meninice. Aos 76 anos, publicou seu primeiro livro, reconquistou a Casa Velha da Ponte, construiu um belo nome de doceira e fez poesia.

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas nasceu a 20 de agosto de 1889, na Cidade de Goiás, Estado de Goiás. Filha de Jacintha Luiza do Couto Brandão Peixoto e do Desembargador Francisco de Paula Lins dos Guimarães. Casou-se com Cantídio Tolentino de Figueiredo Brêtas, com quem teve seis filhos: Paraguassu, Enéias, Isis, Cantídio, Jacintha e Vicência; quinze netos e nove bisnetos.<sup>12</sup> Cedo ficou viúva.

Morou em Jaboticabal, Penápolis e Andradina, todas essas cidades no Estado de São Paulo. Faleceu em 10 de abril de 1985, em Goiânia – Goiás, aos 96 anos de idade.

Publicou em vida:

1965 – *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* – José Olímpio, SP.

Este primeiro livro de Cora Coralina compõe-se de 36 poemas e de um texto em prosa, intitulado NOTA, em que a autora explica como se acabou em Goiás o castigo de amarrar pedaços de louças quebradas, em forma de colar, que eram dependuradas no pescoço da criança arqueira. O livro foi, também, escrito em Braille. Na primeira parte, a

---

<sup>11</sup> In *Vintém de Cobre*. Goiânia: UFG, 1984. p. 198.

<sup>12</sup> Conforme relato de seu neto Paulo Salles.

poética coralineana registra, de forma quase documental, a vida em Villa-Boa de Goyaz, hoje Cidade de Goiás, e ainda, a infância (sua e de todas as outras crianças de modo em geral). Na segunda parte trata de nos apresentar problemas sociais da época e rende homenagem, em forma de versos contundentes aos excluídos: prostitutas, lavadeiras, presidiários, lavradores, menores abandonados.

Como socióloga, formada pela vida, cita Malthus,<sup>13</sup> embora fosse extremamente católica; nesse ponto contesta a Bíblia e ao preceito cristão do “crescei e multiplicai-vos”. Em seu poema *A outra face* trata do progresso, explosão demográfica e preceitos divinos.

*“Um estrondo abala a terra.  
A última bomba?  
Não. A explosão demográfica.  
Faz medo na vastidão  
Rarefeita  
de oito milhões  
de quilômetros quadrados.  
Talvez na manhã do amanhã  
um óbice à rapinagem.  
... e disse o criador:  
Crescei e multiplicai-vos.  
Enchei a terra  
Até os seus confins.  
Veio Malthus:  
Limitai os filhos.  
Planejai a família  
como qualquer empresa.  
Haverá mais bocas  
para comer  
do que abastos para ser comido.(...)”*

Em 1976 publica *Meu Livro de Cordel – Cultura Goiana*.

O livro constitui-se de 43 poemas, divididos em duas partes. Seu estilo aproxima-se da literatura de Cordel, embora possamos classificar Cora Coralina como uma rebelde literária, haja vista que não se filiou a nenhuma corrente. Como na obra anterior, o livro se divide em duas partes. Na primeira, os 28 poemas cuidam de nos revelar as pessoas, a natureza e os objetos habitantes e habitáveis da poesia coralineana. Na segunda parte, a autora faz uma retrospectiva autobiográfica com espasmos filosóficos.

---

<sup>13</sup> Thomas Malthus - Economista e demógrafo britânico. Ficou conhecido, sobretudo, pela teoria segundo a qual o crescimento da população tende sempre a superar a produção de alimentos, o que torna necessário o controle da natalidade.

Em 1983 – *Vintém de Cobre – Meias Confissões de Aninha* – Editora UFG.

Esta obra é consequência da parte final da obra anterior. Nela Cora se aprofunda em questões filosóficas e deixa claro seu pensamento acerca das situações. O livro se divide em três partes: *Livro I – Meias Confissões de Aninha*, com 33 poemas. *No Livro II – Ainda Aninha*, com 25 poemas, e o *Livro III- Nos Reinos de Goiás e outros*, com 17 poemas.

No total, a obra apresenta-nos uma biografia lírico-narrativa, com um tom histórico memorialista profundo, e consegue transformar em versos todo o sofrimento, dores, dissabores pelos quais Cora Coralina passou.

A respeito de *Meias Confissões de Aninha*, a poeta escreve:

*Confissões partidas*

*Quisera eu ser dona, mandante da verdade inteira e nua,  
que nua, consta a sabedoria popular, ela está no fundo de um poço fundo,  
e sua irmã mentira foi a que ficou em cima beradiando.  
Quem dera a mim esse poder, desfaçatez, coragem de dizer verdades...  
Quem as tem? Só o louco varrido que perdeu o controle das conveniências.  
Conveniências... palavras assim de convênio, de todos combinados,  
força poderosa, recriando a coragem, encabrestando a vontade.  
Conveniência... irmã gêmea do preconceito, encangados os dois,  
puxando a carroça pesada das meias verdades.  
Confissões pela metade...  
Quem sou eu para as fazer completas? (...) <sup>14</sup>*

Marlene Vellasco<sup>15</sup> trata bem esse assunto quando diz:

a poesia coralineana tanto transfigura em arte vivências pessoais, notadamente a infância da menina mal amada Aninha, dando origem a poemas autobiográficos, às “meias confissões de Aninha”, quanto recria estórias, lendas, resgata memórias subterrâneas que não constam nos autos oficiais do passado, de modo a promover um rearranjo da memória coletiva oficializada.

Publicações Póstumas (já preparadas pela autora).

1985 – *Estórias da Casa Velha da Ponte* – Global, São Paulo.

O livro compõe-se de contos e, já em sua abertura, traz uma ressalva da autora: NADA NOVO... e ao final ela nos adverte a “nos resguardarmos dos juízos apressados”. São dezessete contos que tratam de fatos cotidianos. Alguns com aportes

<sup>14</sup> In *Vintém de Cobre*. Goiânia: UFG, 1984. p. 146.

<sup>15</sup> VELLASCO, Marlene Gomes, *A poética da reminiscência. Estudos sobre Cora Coralina*. Goiânia: Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências e Letras. UFG, 1999. p. 38.

hilários – como no caso de *O casamento e a cegonha* e *O Prematuro* – em que percebemos uma veia humorística de extrema sutileza, a mesma veia que costumamos encontrar no povo goiano, que beira, quase sempre, à ironia:

*Logo mais aparecia na sala o dono da casa, ansioso e afobado, se desculpando e pedindo ao juiz e ao vigário fazerem o favor de acabar com a festa porque a noiva estava com dor de parto e a assistente já tinha chegado...*

*“Isto é que se chama aproveitar o tempo”, comentou um convidado, “numa só festa, casa a filha e chega a cegonha...”<sup>16</sup>*

*Era a hora do banho do bebê. Um menino bonito, graúdo, bem servido, com 4 quilos e 200 gramas de peso, esperneava dentro da bacia, seguro pela enfermeira.*

*- Coitadinho, lamenta Dona Janoca, compungida, tão forte, tão sacudido e tão prematuro...<sup>17</sup>*

Nesta obra, Cora Coralina traz histórias e personagens que, mais uma vez, definem o estilo coralineano como primaz em transformar o comum em algo sublime. É assim que conta a história de Minga, Zóio de prata, que para defender a irmã, esfola o “pingado ordinário”<sup>18</sup> e “depois de ver o cabra mole, estirado, fungando, Zóio de Prata assungou a saia, abriu as pernas e mijou na cara do Izé da Bina”<sup>19</sup> Relata com picardia a história de Seu Maia e D. Placidina com um lampião no meio da rua a estorvar seu sossego; a história de Miquita, com seu “jeito de boneca de pano malfeita”,<sup>20</sup> querendo se transformar em mulher-dama, entre outras. Muitas dessas histórias terminam em reticências, o que nos reporta a um silêncio reflexivo. Para melhor definir este silêncio, tomemos emprestado o que diz Bosi:<sup>21</sup> “O ser vibrante do silêncio não depende só da voz que o precede: ela dá estímulo, mas não é tudo. O outro momento da atenção, ponta extrema e fina do espírito, é que traz à consciência social o sentido vivo do silêncio.”

As reticências ou o ponto final, não somente separam um conto do outro, mas traduzem o silêncio que é repleto de sons e vozes da antiga Villa-Boa de Goyaz.

1986 – *Os Meninos Verdes* – Global, São Paulo.

É seu primeiro livro infanto-juvenil. Conta, em forma de ficção, o aparecimento de uns menininhos verdes dentre a verdura de seu quintal. Começa dizendo que não é

<sup>16</sup> In *Estórias da Casa Velha da Ponte*. São Paulo: Global. 1986, p. 50.

<sup>17</sup> Idem. p.94.

<sup>18</sup> Ibidem. p.14.

<sup>19</sup> Ibidem. p.13.

<sup>20</sup> Ibidem. p.45.

<sup>21</sup> BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1983. p. 107.

uma estória, mas um acontecido, dando vazão à grande contadora de “causos” que era e assumindo uma nuvem mágica crescente em torno de si.

Outras publicações da autora:

*O Tesouro da Casa Velha* - Livro lançado em comemoração aos 100 anos de Cora e da República (1889), com contos inéditos de seu espólio imaginativo em forma de escritos. Com uma aguçada memória, Cora Coralina relata através de contos a história de um tempo, que foi seu e que a perpassa para deixar aos mais jovens um referencial de textos em que se pode, inclusive, resgatar palavras e expressões em desuso.

*Villa-Boa de Goyaz* – tema principal de 20 crônicas poetizadas, incluindo o Cântico da Volta: “*Sou eu mesma que me reencontro em você, pequena goiana, incerta, desgraciosa, marcada pelo ferro em brasa de um destino duro*”.<sup>22</sup>

*A Moeda de Ouro que o Pato Engoliu* (Infantil). Livro Considerado “ALTAMENTE RECOMENDÁVEL PARA A CRIANÇA” pela Fundação Nacional do livro Infantil e Juvenil – 1997.<sup>23</sup> A história é uma carta que a avó Cora escreve da Cidade de Goiás para o neto Carlos Magno.

Cora Coralina recebeu inúmeras homenagens, diplomas, honorarias e prêmios. Tanto, que seu nome identifica inúmeras bibliotecas, escolas, ruas, creches e praças.<sup>24</sup>

---

<sup>22</sup> *Villa Boa de Goyaz*. São Paulo: Global, 2001. p.107.

<sup>23</sup> *A moeda de ouro que um pato engoliu*. São Paulo: Global, 2006. p. 1.

<sup>24</sup> Algumas dessas homenagens estão nesta nota, pois não podemos assegurar a exaustividade de tais informações:

Personalidade do Ano em Literatura, Rotary Clube de São Paulo, 08 de Março de 1985.

- Símbolo da Mulher Trabalhadora Rural, FAP da Organização das Nações Unidas (ONU), 1984.
- Homenagem Oficial dos Formandos do Curso de Direito da Faculdade Anhanguera de Ciências Humanas, 1984, Goiânia-GO.
- Grande Prêmio da Crítica, Associação Paulista de Crítico de Artes, Categoria Literatura, São Paulo-SP, 09/01/1984.
- Troféu Juca Pato – A Intelectual do Ano de 1983, União Brasileira de Escritores de São Paulo-SP, 20/06/1984.
- Gente de São Paulo, Paulistur e Prefeitura de São Paulo-SP, 20/08/1984.
- Homenagem da Secretaria de Cultura e Desportos do Estado de Goiás, Goiânia-GO, maio de 1984.
- Contribuição à Cultura, Conselho Municipal de Lazer, São Paulo-SP, 02/09/1984.
- Cidadã Goianiense, Câmara Municipal de Goiânia-GO, 29/11/1984.
- Honra ao Mérito do Conselho Permanente da Mulher Executiva, Goiânia- GO, 29/11/1984.
- Academia Goiana de Letras – Membro Efetivo, Goiânia-GO, dez. 1984.
- Homenagem da Assembléia Legislativa do Estado de Goiás, 1983, Goiânia-GO.
- Emérita Cidadã Jabuticabalense, Câmara Municipal de Jabuticabal - SP, 25 /07/1984.
- Doutora “Honoris Causa” da Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO, 18/08/1983.

A respeito da obra *Coralineana*, ressaltamos o que diz Richard Silva<sup>25</sup> em sua pesquisa de Mestrado:

*Cora Coralina possui uma obra de infindável importância enquanto relato da luta e fortaleza diante das diversidades da vida. Foi um ser*

- 
- Ordem do Mérito do Trabalho, Presidência da República, Brasília-DF, 15/12/1983.
  - Fundação Pedrosa Horta, Senado da República, 1983, Brasília-DF.
  - A “Mulher do Ano”, Grêmio Littero-Teatral Carlos Gomes, Goiânia-GO, 28/10/1983.
  - Homenagem Especial pelo Departamento de Literatura em Língua Portuguesa, Colégio Luiz de Queiroz, Piracicaba-SP, novembro de 1983.
  - Troféu Cora Coralina, Coordenadoria de Moral e Civismo da Secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro – RJ, 1982.
  - Homenagem Especial no 1º Festival das mulheres nas Artes, 1982, São Paulo-SP.
  - Troféu Idoso do Ano, 1º Encontro Nacional de Idosos, SESC, São Paulo-SP, 20/09/1982.
  - Sócia Honorária da Casa do Poeta Brasileiro, Santos-SP, 05/10/1982.
  - Participação na 1ª Semana do Escritor Goiano, Centro Educacional Hugo de Carvalho Ramos, Goiânia-GO, 26/05/1982.
  - Diploma O Idoso em Ação, Destaque em Atividade e Idade, Governo do Estado do Rio de Janeiro - RJ, 10/10/82.
  - Personalidade Cultural da União Brasileira de Escritores, Rio de Janeiro,RJ, 15/10/1982.
  - Diploma e Medalha Tiradentes, por relevantes serviços prestados à Polícia Militar do Estado de Goiás, Goiânia-GO, 21/04/1982.
  - Colaboração prestada ao Trabalho Social, Serviço Social do Comércio do Estado de São Paulo-SP, 22/09/1982.
  - Diploma e Medalha de Mérito Antônio Joaquim de Moura Andrade, Câmara Municipal de Andradina-SP, 28/09/1982.
  - Honra ao Mérito como Expressão de Cultura e Exemplo de Vida, Academia Goiana de Letras e Fundação Projeto Rondon, Goiânia-GO, 11/07/1981.
  - Troféu Jaburu – Personalidade Cultural, Conselho Estadual de Cultura do Estado de Goiás, Goiânia-GO, 23/10/1981.
  - Contribuição ao Patrimônio Cultural e à Comunidade Vilaboense, Organização Vilaboense de Artes e Tradições, Cidade de Goiás - GO, 25/10 de 1981.
  - Dez Mulheres do Ano 1980 – Letras, Conselho Nacional das Mulheres do Brasil, Rio de Janeiro – RJ, 11/12/1980.
  - Colaboradora Emérita pela Participação na 2ª Semana Cultural de Goiás, Colégio Santa Paula, Goiânia-GO, 25/09/1979.
  - Grau de Cavaleiro da Ordem do Mérito Anhanguera, Governo do Estado de Goiás, Goiânia-GO, 09/05/1978.
  - Medalha Ana Néri, Sociedade Brasileira de Educação e Integração, São Paulo-SP, 24/07/1977.
  - Título de Arcade, Cadeira nº 5, Arcádia Goiana de Cultura, Goiânia-GO, 25/07/1977.
  - A Intelectual do Ano, Grêmio Littero-Teatral Carlos Gomes, Goiânia-GO, 05/10/1976.
  - Contribuição à Cultura Goiana no Setor Literatura (Especial), União Brasileira de Escritores, Goiânia-GO, 01/03/1973.
  - Membro Efetivo da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, Goiânia-GO, 09/11/1970.
  - Cidadã Andradinense – Câmara Municipal de Andradina-SP, 11/07/1962.

<sup>25</sup>SILVA, Richard. *Uma Leitura da Vida e Obra De Cora Coralina* (UNISUL): Caderno de Resumos das Comunicações do Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem e do Curso de Graduação em Letras da II Semana Integrada das Licenciaturas- Setembro 2003, p. 15.

*iluminado e extremamente sensível, humilde e impossível de ser esquecida, pois poeta sem fazer poesias, fez inventário da vida.*

*Seu lirismo tem a força e a delicadeza das coisas naturais. Há sempre a sensação de que algo fundamental na emoção humana está sendo tocado sempre que mergulhamos no universo poético de Cora.*

*É infinitamente brilhante. São relações sentimentais que se misturam com nossas emoções, uma vez que toda simbologia empregada pela poeta, faz parte de uma simbologia universal inerente ao homem, sendo uma construção baseada no mais profundo do ser. O estudo do pensamento simbólico remonta-nos ao homem primitivo, e, por que não dizer, a essência do homem animal pré-histórico. Isto fica claro, no momento em que, apesar se sua existência atual e irreversível, o homem constrói arquétipos que o reintegram ao homem primordial.*

*Afinal, o mundo simbólico é muito mais real que o condicionamento histórico no qual vive o ser. Neste trabalho, portanto, não há a pretensão de delimitar os arquétipos construídos pela poeta. Afinal, eles são livres e seus significados, inesgotáveis. É uma forma de estudo analítico com a intenção de fornecer uma compreensão dos símbolos usados nos poemas pela poeta.*

*Transpor os umbrais da criação poética de Cora Coralina é mergulhar em nós mesmos, num caminho sem volta, em busca da essência do homem, que só pode ser-nos revelada através da simbologia cósmica transsubjetiva e transconsciente.*

Cora se intitula “cabocla velha” em *Todas as Vidas*. Por essa velhice passa toda a transcendência da vida. O verso serve de ponte para que nos lancemos a um inesgotável e antigo questionamento. Afinal... Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? A anciã centenária sabia.

Voltemos à indagação inicial: Quem é, então, essa mulher? Ousamos responder por sua própria voz:

*Eu sou a terra, eu sou a vida.  
Do meu barro primeiro veio o homem.  
De mim veio a mulher e veio o amor.  
Veio a árvore, veio a fonte.  
Vem o fruto e vem a flor.*

*Eu sou a fonte original de toda a vida.  
Sou o chão que se prende à tua casa.  
Sou a telha da cobertura do teu lar.  
A mina constante de teu poço.  
Sou a espiga generosa de teu gado  
e certeza tranqüila ao teu esforço.  
(...)  
Eu sou a grande Mãe universal.<sup>26</sup>*

E para ratificar o que ela própria pensa a respeito de si, nos diz ainda:

*Pela minha voz cantam todos os pássaros, piam as cobras*

---

<sup>26</sup> In *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. São Paulo: Global, 2003. p. 210.

*e coaxam as rãs, mugem todas as boiadas que vão pelas estradas.  
Sou a espiga e o grão que retornam a terra.  
Minha pena (esferográfica) é a enxada que vai cavando,  
é o arado milenário que sulca.  
Meus versos têm relances de enxada, gume de foice e peso de machado.  
Cheiro de currais e gosto de terra.*

*Eu me procuro no passado.  
Procuro a mulher sitiante, neta de sesmeiros.  
Procuro Aninha, a inzoneira que conversava com as formigas,  
e seu comadrio com o ninho das rolinhas.  
Onde está Aninha, a inzoneira,  
menina do banco das mais atrasadas da escola de Mestra Silvina...  
Onde ficaram os bancos e as velhas cartilhas da minha escola primária?  
Minha mestra... Minha mestra... beijo-lhe as mãos,  
Tão pobre!...  
Meus velhos colegas, um a um foram partindo, raleando a fileira...  
Aninha, a sobrevivente, sua escrita pesada, assentada  
nas pedras da nossa cidade,*

*Amo a terra de um velho amor consagrado  
através de gerações de avós rústicos. Encartados  
nas minas e na terra latifundiária, sesmeiros.  
A gleba está dentro de mim. Eu sou a terra.  
Identificada com seus homens rudes e obscuros,  
enxadeiros, machadeiros e boiadeiros, peões e moradores.  
Seus trabalhos rotineiros, suas limitadas aspirações.  
Partilhei com eles de esperança e desenganos.  
(...)  
Minha identificação com a gleba e com a sua gente.  
Mulher da roça eu o sou. Mulher operária, doceira,  
abelha no seu artesanato, boa cozinheira, boa lavadeira.  
A gleba me transfigura, sou semente, sou pedra.  
Pela minha voz cantam todos os pássaros do mundo.  
Sou a cigarra cantadeira de um longo estio que se chama Vida.  
Sou a formiga incansável, diligente, compondo seus abastos.  
Em mim a planta renasce e floresce, sementeia e sobrevive.  
Sou a espiga e o grão fecundo que retornam à terra.  
Minha pena é a enxada do plantador, é o arado que vai sulcando  
para a colheita das gerações.  
Eu sou o velho paiol e a velha tulha roceira.  
Eu sou a terra milenária, eu venho de milênios.  
Eu sou a mulher mais antiga do mundo, plantada e fecundada  
no ventre escuro da terra.<sup>27</sup>*

---

<sup>27</sup> In *Vintém de Cobre - Meias Confissões de Aninha*. Goiânia-GO: UFG, 1984. p 108 e 109.

### 3.1 - Cora eclética

Um bom texto literário deve ser uma mistura de técnica e emoção. Existem os poetas e os fazedores de poesia. Os últimos são aqueles que planejam um poema como quem traça uma obra projetada com cálculos, régua e compasso. A obra coralínea é construída por uma poeta.

Cora Coralina nos mostra uma poesia eclética,<sup>28</sup> dessas que passeiam em várias vertentes. A princípio Cora carrega em si a miscigenação dos genes e das raças: ela se considera meio cangaceira, meio sertaneja. E apresenta essa mistura por intermédio de seus versos:

*Lampião, Maria Bonita... e Aninha*

*(...) Acontece que sou filha de pai nascido na Paraíba do Norte  
e de mãe goiana.*

*Assim, fui repartida.*

*Da parte materna, sou mulher goiana, descendente de portugueses.*

*Do lado paterno, minha metade nordestina, eu um pouco cangaceira.*

*Daí, Lampião, Maria Bonita, seus cabras e o padrinho Cícero  
na parede da minha casa, com muito agrado.*

*Filha de mãe goiana.*

*Meu pai nordestino.*

*(...)*

*Meu pai me trazia nos seus alforjes.*

*Minha mãe me trazia nos seus secretos embriões.*

*E um dia... um dia houve.*

*O sêmem, espermatozóides, avançaram  
pela trompa.*

*Pela rampa desceu o óvulo fecundado.*

*Meio a meio, Aninha.<sup>29</sup>*

Cora, autodidata, é eclética não somente na constituição física do seu ser: a constituição psicológica e espiritual dos poemas coralíneos se forma entre um emaranhado de referências e influências sociais, filosóficas e literárias. E por conta dessa mistura sofreu críticas quanto ao seu estilo. Muitos a julgavam mais proseadora

<sup>28</sup> Eclética: afeita aos mais variados estilos literários.

<sup>29</sup> In *Vintém de Cobre - Meias Confissões de Aninha*. Goiânia-GO: UFG, 1987. p 86.

que poeta. A produção literária de Cora Coralina encontra apoio nas idéias de Emil Staigger, autor que defendeu, em *Conceitos Fundamentais da Poética*, que não existe uma obra pura, quer seja no gênero lírico, quer no épico ou dramático:

Não vamos (...) concluir que possa existir em parte alguma uma obra que seja puramente lírica, épica ou dramática. (...) qualquer obra autêntica participa, em diferentes graus e modos, dos três gêneros literários.

“mas aquilo que é autenticamente poético escapa às descrições científicas: pois, de acordo com a expressão favorita que se usa neste caso, *a poesia é irracional*.” p.10.

Para reforçar esta ideia de miscigenação entre estilos, Cohen<sup>30</sup> acrescenta que a linguagem de um texto possui dois níveis: fônico e semântico e nos diz:

Seja como for, o fato principal é que existem dois níveis de processos poéticos oferecidos à linguagem, e que estes níveis permanecem independentes. De tal modo que o escritor que visa a objetivos poéticos tem a liberdade de associá-los ou, pelo contrário, de empregar apenas um dos dois. p.13.

Cora lia muito e sobre diversos assuntos e a estes deu interpretações próprias, regadas por sua intensa criatividade. A esta leitura juntou elementos de seu mundo interior e exterior. O ensino formal não lhe fez falta; antes, deu-lhe inspiração e leveza para transitar seus pensamentos e emoções entre as mais variadas formas e estilos literários.

Dessa maneira, os poemas de Cora permitem tal entrelaçamento. Os gêneros se misturam, confundem-se e intrometem-se uns com os outros para dar ao texto toda a autenticidade que nos leva a lê-los sem preocupação com os preceitos da estilística, fonética ou semântica. Os poemas em prosa ou verso de Cora chegam-nos como a mais deliciosa história. Têm início, reflexões em seu meio, e o fim que deixa quase sempre, na alma de quem a lê, um sentimento de quero mais.

Cora caminha pela veia lírica e chega a unir o lírico ao épico como em *O Prato Azul-Pombinho*.<sup>31</sup> A história em si é carregada de profundo lirismo. O próprio nome demonstra essa intenção: existe a cor azul-pombinho? Existe sim: nos imbricados versos dessa grande poeta goiana. O poema nos traz o épico na saga da princesinha Lui e do

---

<sup>30</sup> COHEN, Jean. *Estrutura da Linguagem Poética*. São Paulo: Cultrix, 1966.

<sup>31</sup> In *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. São Paulo: Global, 2003. p. 66

corajoso plebeu, em sua empreitada de fuga, tendo em seu percalço o poderoso Mandarim e o príncipe Li a quem a jovem fora prometida.

Ademais, irreverente como era, a própria Cora dizia em entrevistas que só conseguiu fazer poesia depois que os modernistas adotaram o verso livre. Contudo, Cora não se ateve a nenhuma academia ou grupo literário. Por este tempo cuidava da lide prática de criar filhos e zelar da casa, sobrando-lhe pouco tempo para o conhecimento de teorias literárias.

Poesia e Cora não se separam; antes, se fundem. Embora tenha publicado seu primeiro livro somente aos 76 anos de idade, jamais deixou de produzir seus escritos. Se houvesse o gênero literário “natural”, aí sim, poderíamos incluí-la, pois que a poesia nascia-lhe desta forma: sem tendências, sem medidas, livre.

Sua obra compõe-se de poemas lírico-narrativo-épicas, extensos, temáticos. Por vezes, sua obra é contemplativa: enxerga o Goiás arcaico, trata-o com intimidade de quem sabe dos segredos todos e relembra situações e costumes antigos. E, por outro lado, preocupa-se com os jovens, escreve para eles. Em *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, faz uma dedicatória aos jovens: “Para a gente moça, pois, escrevi este livro de estórias. Sei que serei lida e entendida”. p.25.

Seus textos são ecléticos, convivendo neles a poesia com rima, sem rima, com sentidos universais, com conotações diversas, liberdade poética, com entendimentos individuais, reservados, desabafos, confissões, revoltas, todos falando do passado, do presente e alguns do futuro. Vejamos Cora num relance futurista:

*Ofertas de Aninha (Aos moços)*

*Eu sou aquela mulher*

*a quem o tempo*

*muito ensinou.*

*Ensinou a amar a vida.*

*Não desistir da luta.*

*Recomeçar na derrota.*

*Renunciar a palavras e pensamentos negativos.*

*Acreditar nos valores humanos.*

*Ser otimista.<sup>32</sup>*

Cora Coralina incita-nos a uma vida futura otimista e baseada na perseverança; desta forma, prevê um mundo diferente deste em que vivemos. Prevê mais ainda: com

---

<sup>32</sup> In *Vintém de Cobre - Meias Confissões de Aninha*. Goiânia-GO: UFG, 1984. p. 145

sua mente aguçada e criativa, vaticina situações que não experimentamos na realidade de hoje.

*Tempo virá. Uma vacina preventiva de erros e violência se fará.  
As prisões se transformarão em escolas e oficinas.  
E os homens, imunizados contra o crime, cidadãos de um novo mundo,  
contarão às crianças do futuro, estórias absurdas de prisões,  
celas, altos muros, de um tempo superado.<sup>33</sup>*

Com sua sabedoria nata e aprendida no grande ofício de viver, consegue transpor a cortina do óbvio e avistar o que ainda está por vir:

*Ode às muletas.  
A sala de cirurgia inapelavelmente branca.  
A mesa estreita operatória.  
Até o dia muito breve  
Da cirurgia eletrônica.<sup>34</sup>*

Seus poemas foram percebidos por uma geração de vanguarda. A obra de Cora teve seu apogeu nos anos 70/80, época que coincide com o período da Ditadura Militar. Embora não tivesse um referencial único e exclusivamente político, prendia a atenção dos jovens por colocar em seus textos uma linguagem prolixa, pelo tom coloquial de seus versos e por sua rebeldia literária em apresentar, em sua temática, as mazelas sociais do país, naquele momento histórico. A saber, Cora deu voz aos excluídos, aos pobres, aos desfavorecidos e, dessa forma, contribuiu para a conscientização política da classe de leitores através de uma poesia engajada.

Por vezes, os versos de Cora encontram empecilhos que podem dificultar a leitura dos menos atentos. Mistura e funde conteúdos, gêneros, e escreve sem se preocupar com a extensão de seus versos. A sua inspiração é que lhe serve de medida. Os pormenores são, por ela, ressaltados, dando-nos a impressão de que estamos vivenciando aquela imagem. Seus poemas lírico-narrativos encontraram restrições pela crítica literária goiana e nacional. Talvez, o que tenha faltado à Cora tenha sido conhecimento teórico para resguardar-se de tais críticas.

Se à autora fosse dado o conhecimento das teorias de Staigger<sup>35</sup> a respeito das prevaletências dos traços estilísticos, certamente sua obra teria maior legitimação

<sup>33</sup> Idem. p. 141. *Premunições de Aninha*

<sup>34</sup> *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. São Paulo: Global, 2003. p. 192

literária. Entretanto, faria diferença para a poética de Cora saber que, segundo o pensador mencionado, uma obra pode ser considerada perfeita, quanto mais interrelacionados estejam seus gêneros?

Cora não está só neste universo de imbricações e misturas literárias. Encontramos eco de seu estilo em Bandeira, Cecília Meireles, Cassiano Ricardo, Raul Bopp, João Cabral de Melo Neto, estes de gerações que a antecederam, e de Marcus Acyoly, Carlos Nejar e Fernando Py, integrantes da geração de 60 (geração de estréia de Cora) e da mesma modalidade de escrita literária.

Cora é eclética, sem tradição canônica. É proprietária de uma obra de estilos variados. Não se deteve em um gênero, modelo ou uma preferência. Cora não pode ser considerada totalmente modernista, nem pode ser tachada e inscrita em nenhuma outra escola. Cora Coralina pode ser considerada um caso singular dentro da literatura goiana.

Cora Coralina preferiu experimentar de todos os gêneros e estilos literários, e sua versatilidade é prova de que a filosofia tem razão quanto ao sentimento eclético que diz existirem filósofos com a capacidade de elaborar doutrina própria, fundindo essa doutrina num todo coerente e valioso. Como filósofa formada pela própria vida, Cora Coralina se fez eclética em sua obra literária.

### 3.2 - Cora dos Goiasés

Esse nome: Cora dos Goiasés, não é invenção minha, (parafrazeando Drummond) nem de Darcy França Denófrío.<sup>36</sup> Esta expressão é de Oswaldino Marques,<sup>37</sup> que prefaciou a primeira edição de *Poemas dos Becos de Goiás e Estória Mais, publicada pela UFG em 1978*.

Marques escreveu: “Assim como Juana de Ibarbourou foi cognominada Juana de América, assim a nação do planalto brasílico deveria, numa festa de consagração

---

<sup>35</sup> STAIGGER, Emil. *Conceitos Fundamentais da Poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

<sup>36</sup> Poetisa, ensaísta e crítica literária. Organizou: *Cora Coralina – Seleção Melhores Poemas*. São Paulo: Global, 2004.

<sup>37</sup> **Oswaldino Ribeiro Marques** nasceu em São Luís (MA), no dia 17 de outubro de 1916. Fundou o Cenáculo Graça Aranha, ponto de convergência das idéias modernistas de 1922. Em 1936, transferiu-se para o Rio de Janeiro. Foi um dos fundadores da União Nacional dos Estudantes (UNE). Dirigiu a cadeira de Teoria da Literatura na Universidade de Brasília (UnB). Esteve entre os 280 professores que pediram demissão durante a ditadura militar. Faleceu em 13 de maio de 2003.

nativista, rebatizá-la Cora dos Goiases, o que, ou muito me engano, lhe saberia ao seu mais constelado galardão”.

Dessa forma, em homenagem ao próprio Oswaldino Marques, abrimos este capítulo com o nome de Cora dos Goiases, por acreditar que a poeta faz jus à designada nomenclatura. E podemos considerá-la poeta de Goiás e do Brasil. Entretanto, por retratar em seus escritos a problemática do ser humano, quer seja de Goiás ou de outro lugar qualquer, transcende os limites geográficos de nosso país e se torna Cidadã-escritora do mundo, na medida em que se faz conhecida pelo universo literário globalizado.

O Centro Oeste do Brasil tem alguns nomes de remonta em sua literatura. Podemos destacar Bernardo Elis, Antonio Almeida, Hugo de Carvalho Ramos, Veiga Neto. Na literária feminina, destacamos algumas figuras quixotescas como Rosarita Fleury, Leodegária de Jesus (primeira mulher a publicar um livro em Goiás) e, sobretudo, Cora Coralina.

Em tempos idos, época em que Cora viveu (o crepúsculo do século XIX e meados do século XX), em que prevalecia o preconceito machista de que mulher para casar não precisava ler e tampouco escrever, a mulher letrada perdia o seu potencial de corretora, de caseira, de casamenteira. No Estado de Goiás, especialmente, nessa época, (e ainda vigora em alguns lugares) era muito comum o adágio: Mulher para casar, não precisa soletrar! Acreditava-se que a mulher que soubesse ler e interpretar iria perder seu tempo em leituras de mundos romanceados, ao invés de cuidar dos afazeres domésticos: bordar, cozinhar, lavar, passar e outras infinidades de tarefas rotineiras.

Saber ler e escrever já era um feito extraordinário, imaginemos destacar-se no ambiente literário. Tal prática era muito difícil, quase impossível. Ainda assim, rompendo todas as barreiras do tempo e espaço daquele final de século e início de outro, Goiás já se curvava à magnitude de Cora Coralina, que desde muito jovem, escrevia. Em 1910, “o *Anuário Histórico Geográfico e Descritivo do Estado de Goiás* trazia o seguinte verbete:

“Cora Coralina (Anna Lins dos Guimarães Peixoto) é um dos maiores talentos que possui Goyas; é um temperamento de verdadeiro artista. Não cultiva o verso, mas conta na prosa animada tudo que o mundo tem de bom, numa linguagem fácil, harmoniosa, ao mesmo tempo elegante. É a maior escriptora do nosso Estado, apesar de não contar ainda 20 anos de idade”.<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> *O tesouro da Casa Velha*. São Paulo: Global, 2001. p. 9.

A escrita de Cora é recheada de regionalismos, observamos em suas linhas o mais puro regionalismo goiano e, por isso, podemos chamá-la, com propriedade, de Cora dos Goiaes. Como tal, fez literatura de, para e sobre o povo goiano.

Quando conheceu o livro *Vintém de Cobre – Meias Confissões de Aninha*, o poeta Carlos Drummond de Andrade escreveu um artigo publicado no Jornal do Brasil, Cad. B, 27-12-1980, do qual extraímos excerto que bem traduz a expressão Cora dos Goiaes:

“Cora Coralina, de Goiás

Cora coralina, para mim a pessoa mais importante de Goiás. Mais que o Governador, as excelências parlamentares, os homens ricos e influentes do Estado. Entretanto, uma velhinha sem posses, rica apenas de sua poesia, de sua invenção, e identificada com a vida como é, por exemplo, uma estrada.”

A respeito da importância de dedicar pesquisa e estudo ao regionalismo literário em Cora Coralina, encontramos em Freyre<sup>39</sup> a seguinte defesa:

"quem se aproxima do povo desce às raízes e à fonte de vida, de cultura e de arte regionais. Quem se chega ao povo está entre mestres e se torna aprendiz, por mais bacharel em artes que seja ou por mais doutor em medicina". p.76

Por regionalismo, entende-se a literatura que tem seu foco em determinada região do Brasil, visando retratá-la, de maneira mais superficial ou mais profunda. Regionalismo literário é a forma de que se valem os poetas e escritores para realçar as características de uma comunidade, um espaço, ou sentimentos de determinada região ou habitantes dessa região.

Acerca de estudos literários no regionalismo, podemos citar, também, Freyre:<sup>40</sup>

"uma região pode ser politicamente menos do que uma nação. Mas vitalmente, e culturalmente é mais do que uma nação; é mais fundamental que a nação, como condição de vida e como meio de expressão ou de criação humana. Um filósofo, no legítimo sentido, tem que ser super ou supranacional; mas dificilmente ele pode ser supra-regional no sentido de ignorar as condições regionais da vida, da experiência, da cultura, da arte e do pensamento que lhe cabe julgar ou analisar" (Freyre, 1947, p.140).

---

<sup>39</sup>FREYRE, Gilberto. Manifesto Regionalista. Recife: Massangana, 1996. pp. 47- 76.

<sup>40</sup>FREYRE, Gilberto. "Unidade e diversidade, Nação e Região". In: *Interpretação do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

Tratar de regionalismo goiano é tarefa complexa, pois envolve conceitos fluídicos que se perdem, se mesclam e se confundem com a própria vida do sertanejo e do cidadão goiano, por mais urbano que seja, haverá sempre de possuir e ser possuído por uma ancestralidade do sertão que lhe influenciará em seus modos, sua cultura e suas linguagens.

O texto regionalista goiano pode ser encontrado em verso ou em prosa. Por sua natureza, o texto narrativo denota temporalidade ao fato, quer seja no presente ou no passado, tornando a história verossímil, dando-lhe uma representação significativa. A literatura regionalista é assinalada por uma interessante característica que é a performance grupal, ou seja, cada grupo cria, cuida e mantém sua identidade grupal. E o sertão, por sua distância físico-geográfica, aproxima os habitantes em seus usos e costumes. Talvez, por isso, o sentido de vida social do sertanejo seja mais integrado e comunitário.

Um dos aspectos relevantes na temática regionalista é a fala. O goiano do universo de Cora, da região onde se detém a poeta, fala com os traços orais muito puxados no "r" que é normalmente chamado de "r" caipira, ou linguisticamente falando, "r" retroflexo. Esse "r" muito puxado do idioleto goiano supõe-se possa ter sido, ao longo da história, uma influência da linguagem utilizada pelos bandeirantes que viviam na região do Estado de São Paulo. Esses bandeirantes tinham o português marcado por esses traços e influenciaram, também, nas áreas mais interioranas do Brasil, principalmente as que chamaríamos de sertanejas, com suas típicas falas "caipiras".

O regionalismo traz consigo uma essência universal nitidamente apresentada pelos sentimentos e ações humanas descritas e presentes nos textos literários. A ideia de que é a literatura que representa uma região, seus hábitos e costumes é clássica e tem sua verdade.

Partindo desse ponto é que podemos analisar a produção regionalista de Cora Coralina. A poeta primou por nos apresentar este sertão goiano através de seus acordos sóciopolíticos, identitários e linguísticos. A literatura goiana de Cora Coralina resgata a perspectiva histórica que envolve os acontecimentos. Cora Coralina produz farta literatura regionalista em prosa e versos que abordam a temática do sertão.

Para apresentar o povo sertanejo visto por seus olhos e sob sua sensibilidade é que Cora escreveu textos que podem ser considerados regionalistas.

Cora Coralina apresenta-nos o erudito, com uma linguagem cheia de arcaísmos e uma preocupação com o vernáculo em interface com o popular, com o modo de falar do

goiano e de seu regionalismo que enriquece, sobremaneira, a brasilidade da poesia brasileira:

*Meninas, não aceitavam a linguagem corriqueira  
e vulgar da casa.  
Palavrinha diferente apanhada no almanaque ou trazida de fora,  
Logo a pecha de sabichona, D, Gramática, pernóstica, exibida.(...)<sup>41</sup>*

Valoriza o padrão formal da língua sem diminuir o valor cultural dos modos de falar das pessoas simples do meio rural ou do *continuum rurbano*<sup>42</sup> ou esboçar qualquer preconceito linguístico:

*As lavadeiras nunca se cansam.  
Lavam de dia, passam de noite.  
Sua tina d'água, seu ferro de brasa,  
Seus prendedores, seus anseios, necessidade.  
Mantendo, equilibrando a pobreza, até o final.  
E uma me exemplou um preceito de fé.  
“Graças a Deus que Deus ajuda muito os pobres...”  
Foi tão profundo o conceito que fiquei sem entender.<sup>43</sup>*

A leitura de seus textos desencadeia ações de *Scaffolding*<sup>44</sup> (andaimes) que possibilitarão o desenvolvimento da competência sociocomunicativa e de práticas de habilidades de aceitação às diferenças e valorização de diferentes culturas. Também, de forma a ampliar o universo de letramento do leitor, fornecendo-lhe acesso à variedade padrão da língua, não promovendo estigmas em relação à oralidade e aos padrões graduais e descontínuos da língua.

Cora Coralina insere-se na literatura regionalista, através de sua linguagem em que mescla o erudito e o popular, o rural e o urbano, traz a oralidade, enfim, acentua marcas identitárias da gente goiana, tão genuinamente características do português brasileiro.

---

<sup>41</sup> In *Vintém de Cobre – Meias Confissões de Aninha*. Goiânia-GO: UFG, 2004. p.121.

<sup>42</sup> Espaço em que o falar rural e urbano se entrelaçam. Stella Maris Bortoni-Ricardo – *Educação em Língua Materna*. São Paulo: Parábola, 2004.

<sup>43</sup> In *Vintém de Cobre*.Goiânia-GO: 2004. p.144.

<sup>44</sup> KLEIMAN, Ângela B. (org.). Os significados do Letramento. São Paulo: Mercado das Letras, 2001. p 142. Scaffolding – termo metafórico usado para denominar o processo interativo por meio do qual o professor, como parceiro mais competente, ajuda o aluno a construir seu conhecimento.

Entretanto, Cora não produz uma leitura ingênua, que representa apenas à caça aos regionalismos linguísticos e curiosidades do homem sertanejo; ela preocupa-se também com a linguagem literária e com a verossimilhança das narrativas com os fatos:

*Mandou que Anselmo trouxesse os bois para a entrega no curral.  
Aí, falou o velho vaqueiro: “Inhô, dá licença. Isso num tenho corage,  
Num faço não. Dá licença de’u tirá meus cacos e saí premero.”<sup>45</sup>*

Conhecer a produção regionalista literária de Cora com suas múltiplas possibilidades de reflexão sobre a temática abordada fornece referências e conteúdo para que os leitores possam interagir em sociedade com atitudes respeitadoras e positivas, que resultarão na ampliação de seus conhecimentos sociais, históricos, culturais e linguísticos.

Seus escritos, via de regra, voltam-se à gente moça que, afinal, é quem perpetua e, paradoxalmente, quem pode dar ressignificação a eles. Cora deixa clara essa intenção em seus versos:

*Alguém deve rever, escrever e assinar os autos  
do Passado antes que o Tempo passe tudo a raso.  
É o que procuro fazer, para a geração nova, sempre  
atenta e enlevada nas estórias, lendas, tradições, socio-  
logia e folclore de nossa terra.  
Para a gente moça, pois, escrevi este livro de  
estórias. Sei que serei lida e entendida.<sup>46</sup>*

Cora Coralina é produtora, também, de rica prosa em forma de contos que a faz participante elementar do regionalismo literário goiano. Retrata os mitos goianos e a credence, beirando ao purismo dos vilaboenses. Certo é que, realmente, o mito exerce uma força singular em quem lê ou escuta. Conto e mito estão intrinsecamente ligados, quer seja pela voz e sua entonação, pelo corpo e mímicas, pelo olhar, pelo gesto que dá vida à palavra e, na prática regionalista, se rende à função de espalhar o medo, o mistério, o escondido.

Normalmente, o contador de “causos” e, assim, podemos, inclusive, definir Cora Coralina, esparrama suas histórias em solos imaginativos, férteis e sedentos de estímulo ao imaginário. Os mitos chegaram até nós, através de narrativas orais e por fim, de textos escritos. Inserem-se na tradição regionalista e na memória coletiva dos seres. Os

<sup>45</sup> In *Vintém de Cobre – Meias Confissões de Aninha*. Goiânia-GO: UFG, 1987. p.103

<sup>46</sup> *Ao Leitor*. In *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 1983. p. 25.

Mitos constituem-se numa linguagem de mundos criativos, metamorfoseados e libertários.

O literato Manuel Antônio de Castro explica que “o mito, em seu vigor imperante, está presente, como não podia deixar de ser, em todos os momentos e acontecimentos do homem, Poesia que é.”<sup>47</sup>

A obra coralineana, por várias vezes reforça o poder do mito, enquanto elemento sobrenatural e incógnito, provando que os atributos míticos pela sua exegese alegórica dão lugar a um pretexto (no sentido de vir antes do texto) a uma narrativa mágica e pretensiosa, quando sabe que os poderes naturais e sobrenaturais exercem, sobremaneira, influência no ser humano comum:

*Vive dentro de mim  
uma cabocla velha  
de mau-olhado,  
acocorada ao pé do borrarho,  
olhando pra o fogo.  
Benze quebranto.  
Bota feitiço...  
Ogum. Orixá.  
Macumba, terreiro.  
Ogã, pai-de-santo...*<sup>48</sup>

Observamos a manipulação do mito fogo<sup>49</sup> que se associa ao sobrenatural, às almas errantes, ao mundo dos espíritos. No poema, Cora Coralina mexe com o imaginário coletivo e popular ao misturar, ainda, a credence e a questão religiosa muito representativa no folclore goiano.

A questão do “mau-olhado” também evidencia o regionalismo goiano. Desde a Antiguidade registram-se atos e simpatias para afugentar o mau olhar. Teixeira<sup>50</sup> apresenta:

Entre outras práticas preventivas do quebranto, correntes em Goiás, vou citar esta, muito comum: Quando se elogia uma criança pela beleza ou robustez, deve-se acrescentar: “benza-o Deus”; isso corta o quebranto. Se a pessoa não o disser, a mãe deve acrescentar baixinho: “beija no cu dela”.

---

<sup>47</sup> Castro. *Ibidem*. p. 39.

<sup>48</sup> In *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 2003. p. 31.

<sup>49</sup> O mito do Fogo encontra eco em diversas culturas, e está ligado ao ritual de purificação, assim como a purificação pela água. A purificação pelo fogo, portanto é complementar à purificação pela água, tanto no plano microcosmo (ritos iniciáticos), quanto no plano macrocósmico (mitos alternados de Dilúvios e grandes secas e incêndios. Releitura de: *Dicionário dos Símbolos*. Jean Chevalier e Alain Gheerbrant. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002. p.440-441.

<sup>50</sup> Teixeira, José A. *Folclore Goiano*. São Paulo: Nacional, 1971. p.231.

(...) A primeira fórmula é corrente entre muitos povos europeus. (...) Graças a essa forma grosseira, o menino se torna imune aos efeitos do mau-olhado.

Daí certamente procede a fórmula goiana, trazida pelos numerosos sírios estabelecidos no Estado.

Como poeta regionalista, Cora Coralina traz à tona em seus versos, esses temas populares: ervas e práticas medicinais, orações para cura de males do espírito e da alma e magias várias:

*O arroz, fumaçando numa travessa imensa de louça antiga,  
Rescendia a pimenta de cheiro. O frango ensopado em molho de  
Açafrão e cebolinha verde, e mais coentro e salsa.*<sup>51</sup>

(...)

*Tinha-se muito medo de cobra. A mordida, o tratamento  
na base de fogo impressionava o juízo dos moços.  
Atava-se a perna ofendida, parar a circulação.  
E na mordedura assentar uma brasa viva até a carne do padecente  
cheirar a carne assada. (...)*<sup>52</sup>

Outro interessante texto é o que fala de seu Tio Jacinto. O referido Tio é rodeado de mistérios a partir do casamento desfeito na primeira noite nupcial. Convém explicar que essa prática foi muito comum no interior de Goiás e, também se perpetua pelos rincões goianos mais afastados de grandes cidades. Normalmente acontece quando a moça usa de trapaças ou mentiras para o noivo dizendo-se “virgem”, sem o ser.

O texto-poema evidencia o (des)respeito à religiosidade e mistérios sobrenaturais. Cora Coralina utiliza-se do ideal religioso, que é herança de nossos colonizadores e dos fatos históricos ocorridos para testemunhar acontecimentos.

*Ninguém soube o porquê.  
Certo foi que amanheceu com a desposada na porta do sogro.  
Ajudou a jovem a descer do animal, entrou com ela na casa e lá, sem  
palavra,  
a deixou entregue ao pai.*<sup>53</sup>

(...)

*Meu tio chamava sempre por sataná e era o que se dizia no tempo.  
Anti-Clerical.  
Um dia esse tio entendeu de invocar espírito das trevas, sataná.  
Que desse sinal de presença em movimentos da mesa,  
Sem a previsão costumeira de oração.*

<sup>51</sup> In *Vintém de Cobre – Meias Confissões de Aninha*. Goiânia-GO: UFG, 1987. p.95.

<sup>52</sup> Idem. p. 96

<sup>53</sup> In *Vintém de Cobre – meias confissões de Aninha*. Goiânia-GO: UFG, 1987. p. 89.

*Acreditem, a mesa disparou em batidas incessantes.  
 Nós, que tínhamos aquelas práticas um tanto em brincadeira,  
 nos afastamos amedrontadas, Tia Nhá-Bá se fechou na capela.  
 Meu avô pediu ao mano que acabasse com aquilo...  
 Tio Jacinto mandou que o espírito imundo se retirasse.  
 A mesa continuou suas pancadas insistentes.  
 Aí ele mandou em nome de Deus Todo Poderoso, que o mau se retirasse  
 e foi que a mesa fez um retorcido, estalou a madeira  
 e se reduziu a um monte de lascas.  
 Todos apavorados. Meu tio soturno e cabisbaixo.  
 Aí meu avô proibiu mesinhas de invocar espíritos na fazenda  
 e que nunca mais se falasse ali o nome de satanás.*

A poesia popular de Cora se incumbe de preservar as raízes regionalistas, o culto ao sagrado, a prática medicinal fitoterápica, os mistérios de mundos além.

Sábua a poeta, pois que ao valorizar o regionalismo goiano, resgatou em sua obra o Goyaz de séculos passados, dando-nos dimensão e possibilidades de aprender sobre o tema em seus escritos.

### 3.3- Cora Metalinguista

A palavra *metalinguagem*, formada com o prefixo grego meta, expressa idéias de comunidade ou participação, mistura ou intermediação e sucessão. Já neste prelúdio podemos ver em Cora toda uma *Meta*. Por extensão podemos dizer que a metalinguagem é uma linguagem usada para descrever algo sobre outra linguagem, dentre elas, inclusive, a linguagem objeto. A metalinguagem é a linguagem usada para descrever uma linguagem em si mesma.

Dessa forma, podemos dizer que esta definição estende-se para o metadiscorso, a metaliteratura, metapoema e metanarrativa.

Roman Jakobson<sup>54</sup> (1974) considera função metalinguística quando a linguagem fala da linguagem, voltando-se para si mesma. Esclarece que mesmo no dia-a-dia, fazemos uso constante da função metalinguística sem, muitas vezes, nos darmos conta disso.

---

<sup>54</sup> **Roman Jakobson** - (11-10-1896 – 18-07-1982) foi um pensador russo que se tornou num dos maiores linguistas do século XX e pioneiro da análise estrutural da linguagem, poesia e arte. Foi chamado de "o poeta da linguística".

Cora Coralina, a saber, faz constante uso da função metalinguista. No seu fazer poético explica e discute o código.

*Não é o poeta que cria a poesia.  
E sim, a poesia que condiciona o poeta.*

*Poeta é a sensibilidade acima do vulgar.  
Poeta é o operário, o artífice da palavra.  
E com ela compõe a ourivesaria de um verso.*

*Poeta, não é somente o que escreve.  
É aquele que sente a poesia, se extasia sensível ao achado  
de uma rima, à autenticidade de um verso.*

*Poeta é ser ambicioso, insatisfeito,  
procurando no jogo das palavras,  
no imprevisto do texto, atingir a perfeição inalcançável.*

*O autêntico sabe que jamais  
chegará ao premio Nobel.  
O medíocre se acredita perto dele.  
Alguns vêm a mim.  
Querem a palavra, o incentivo, a apreciação.  
Que dizer a um jovem ansioso na sede precoce de lançar um livro...  
Tão pobre ainda a sua bagagem cultural,  
Tão restrito seu vocabulário,  
enxugando lágrimas que não chorou,  
dores que não sentiu,  
sofrimentos imaginários que não experimentou. (...) <sup>55</sup>*

A poeta, ao mesmo tempo em que cria o poema, expõe seu conceito de poesia, explicita o que entende por poesia e critica os “medíocres”. Ensina-nos que não se faz poesia com a compilação de versos, mas que é preciso vivenciar, enxugar lágrima, sofrer.

Já no início do poema, sentencia que não é o poeta quem detém o poder de poetizar, mas a poesia é quem vai condicionar o dom de escrever. Portanto, Cora Coralina utiliza-se da metalinguagem para explicar poema e poesia.

Ainda, de forma peculiar, aplica a metalinguagem quando diz:

*Tanto papel escrito, tanta coisa inútil.  
Se tudo já foi dito, o que ficou para mim?...  
A palavra nova... como será?  
Mesmo nova será nascida de um arcaísmo.*

---

<sup>55</sup> Idem. p. 195- *O Poeta e a Poesia*.

*Neste livro, o que terá de valor?  
 O que ficou sem escrever.  
 O maior valor dos meus livros.  
 Poucos. Escritos no tarde da vida:  
 A exaltação à minha escola primária,  
 a sombra da velha mestra,  
 a bolacha de minha bisavó,  
 as broinhas da tia Nhorita,  
 a sabedoria de meu avô,  
 um canto de galo, um cheiro de curral,  
 o arrolho da juriti,  
 resumindo tudo no carreiro Anselmo.<sup>56</sup>*

Em seus versos fundem-se a ideia da importância da escola, do estudo, e a dificuldade em transformar pensamentos em palavras. Cora Coralina reforça o que disse no poema anterior: para escrever é preciso se ter um vasto manancial de cultura e memória. Afinal, as palavras são sempre as mesmas, o que altera o que está disposto nos dicionários é o sentimento de quem viveu, experimentou e tem sensibilidade para fazer essa decodificação de pensamentos e sentimentos em palavras.

O trato de Cora com o dicionário é motivo de um aparte. Ela sempre se valeu dele e não ocultou que ele era sua fonte de sabedoria.

Podemos perceber Cora Metalinguista em:

*O grande livro que sempre me valeu e que aconselho aos  
 jovens,  
 um dicionário. Ele é pai, é tio, é avô, é amigo e é um mestre.  
 Ensina, ajuda, corrige, melhora, protege.  
 Dá origem da gramática e o antigo das palavras.  
 A pronúncia correta, a vulgar e a gíria.  
 Incorporou ao vocabulário todos os galicismos, ante condenados  
 Absolveu o erro e ressalvou o uso.  
 Assimilou a afirmação de um grande escritor: é o povo que faz a língua.  
 Outro escritor: a língua é viva e móvel. Os gramáticos a querem estática,  
 solene, rígida. Só o povo a faz renovada e corrente  
 sem por isso escrever mal.<sup>57</sup>*

Registramos, no caso desse texto, que a poeta traz uma visão sociolinguista da língua. Procura apontar os desvios gramaticais de forma lógica dentro da linguística e não de forma excludente. Mostra-nos ainda, a mobilidade da língua portuguesa, que se transforma, como qualquer outra, na medida em que vai sendo usada pelos falantes.

---

<sup>56</sup> Ibidem. p. 192 – *Meu Amigo (in memoriam)*.

<sup>57</sup> Ibidem. p. 128 – *Voltei*.

Nessa linha, Cora Coralina percorre a questão do “erro gramatical”, do desvio da norma padrão e do uso de regionalismos nos seus textos literários.

É como se a poeta quisesse fazer um pacto com seu leitor, dando-lhe uma chave do que entende por poesia e o instiga a aprender e a viver. Podemos bem caracterizar a metalinguística em Cora Coralina, tomando o texto seguinte como exemplo:

*Detesto os que escrevem mal e publicam livros.  
A linguagem escrita, simples e correta, deve dar a impressão  
de alguém que sabe escrever.  
A maior dificuldade para mim sempre foi escrever bem.  
A minha maior angústia foi superar a minha ignorância.  
Confesso com humildade essas verdades simples e grandes.  
Sou mulher operária e essa segurança me engrandece,  
é meu apoio e uma legitimação do que realmente sou.*

*A linguagem errada dos humildes tem para mim um gosto de terra  
e chão molhado e lenha partida.  
Jamais procurei corrigi-los como jamais tolerei o bem falante, exibido.  
Já o nordestino, mesmo analfabeto, tem uma linguagem corrente,  
fácil e floreada, encenada nos arcaísmos do idioma.  
Tive uma empregada que só dizia “meicado”.  
Outra que teimou em me dizer “Dona Coria”.  
Não criei obstáculos nem propus conserto. No fim,  
Quando me dirigia à primeira eu dizia: vai ao “meicado”,  
Com medo de que ela se corrigisse. Achava aquilo saboroso,  
como saborosa me pareceu sempre a linguagem dos simples.  
Tão fácil, espontânea e pitoresca nos seus errados.<sup>58</sup>*

Percebemos no poema uma Cora severamente crítica em relação à norma padrão da língua e podemos classificar o texto como um metapoema, pois em seu cerne, utiliza-se da própria linguagem para nos mostrar outra.

Cora utiliza-se, propositadamente, de uma linguagem arcaizada, de um léxico em que se mesclam a primitividade da língua de tempos idos e uma preocupação com a rigidez de dicionários, somados ao uso de expressões dêiticas, familiares e regionalistas.

A sua linguagem clara e densa em expressividade dá voz aos inúmeros problemas sociais que habitaram seu passado e sua sociedade e, ainda, amedrontam os moradores deste planeta, nos austeros e sofridos dias atuais.

*Meninas, não aceitavam delas senão a linguagem corriqueira  
e vulgar da casa.  
Palavrinha diferente apanhada no almanaque ou trazida de fora,*

---

<sup>58</sup> Ibidem. p. 62- *Meu Vintém Perdido*.

*Logo a pecha de sabichona, D. Gramática, pernóstica, exibida.  
Um dia fui massacrada por ter falado lilás em vez de roxo claro.  
E a gente recolhia a pequena amostragem, melhoria, assimilada de vagas  
Leituras de calendário, folhinha Garniê e se enquadrava no bastardo doméstico.  
A gente era vigiada, tinha uns preceitos arrasantes de ridicularizar,  
Reduzir e limitar as jovens personalidades,  
as pencas de chaves ali enganchadas no cós da saias.  
Graças a Deus que os armários e gavetas tiveram seus fechos arreventados  
e toda gente anda farta nestes tempos de carestia,  
arrotando alto, poderia dizer.<sup>59</sup>*

Em *Os aborrecimentos de Aninha*<sup>60</sup> encontramos uma multiplicidade de códigos e linguagens. A densidade do poema nos remonta a uma linguagem intersemiótica<sup>61</sup>, possibilitando uma nova consciência de linguagem e um acréscimo de conhecimentos ao mundo interno do leitor. Portanto, possibilita a uma visão metalinguística da língua.

*Aninha podia crescer e perder o vestido,  
ficar curto, coisa assim, de grande perigo.  
Também o borzeguim, um ponto acima.  
Meu pequenino pé de folga, perdido no espaço largo.  
Podia crescer e perder o borzeguim.  
Borzeguim... quem fala ou escreve mais esta palavra?  
sabe a menina do presente o que seja calçar um borzeguim?(...)<sup>62</sup>*

Também podemos encontrar na prosa coralínea exemplo de uso da metalinguagem:

*Antigamente, as boas casas de Goiás tinham janelas de rótulas,  
Sim, que as rótulas se abriam para fora, em Goiás e em toda parte.  
Mesmo desusadas e substituídas, ainda restam algumas em casas não-  
reformadas; noutras simplesmente pregadas, enquanto que as restantes  
continuam se abrindo para o lado da rua.  
Foi muito variada no Brasil a esquadria das rótulas. Nem sabemos bem se  
elas vieram de Portugal ou da Espanha; se eram autenticamente lusas ou  
mouriscas. Foram elas o documentário mais expressivo da segregação da  
mulher dentro da casa senhorial.<sup>63</sup>*

---

<sup>59</sup>Ibidem, p. 121.

<sup>60</sup>Ibidem, p.135.

<sup>61</sup> A linguagem intersemiótica caracteriza-se por produzir outra *linguagem*, uma outra informação estética, autônoma. Intersemiiose é o diálogo entre duas linguagens artísticas distintas.

<sup>62</sup> In Vintém de Cobre. Goiânia-GO: UFG. 2ª Ed, 1884. p.135. Os aborrecimentos de Aninha.

<sup>63</sup> In *Estórias da Casa Velha da Ponte*. São Paulo: Global. 1986, p. 19. *Procissão das Almas*.

Nos textos coralianos a metalinguagem aparece de forma recorrente e interativa levando a autora e, conseqüentemente, os leitores a um processo auto-reflexivo.

Cohen<sup>64</sup> explica a fundamentação teórica relativa a este aspecto:

Linguagem natural e linguagem de arte são dois pólos entre os quais se estabelecem, à distância variável de um ou de outro, as produções escritas efetivas. Sem dúvida a prosa literária tem processos próprios mas, como teremos ocasião de verificar, emprega um grande número de processos que caracterizam o poema. Entre poesia e prosa romanesca, a diferença é menos qualitativa que quantitativa. É pela freqüência do desvio que esses dois gêneros literários se distinguem. p. 23.

A prosa é a metalinguagem da qual a poesia é a linguagem objeto. Essa heterogeneidade fundamental parece condenar a poética a não alcançar a própria essência do objeto: ela empobrece irremediavelmente a poesia quando a explica em prosa. Porém, mais uma vez, convém distinguir entre o ato de consumo, que é estético, e o ato de reflexão, que é científico. p.24.

A respeito da linguagem, tomamos emprestado o que diz Heidegger: “A linguagem é a casa do Ser. Em sua habitação mora o homem”.<sup>65</sup>

A obra de Cora servirá de instrumento de socialização da língua portuguesa. Neste sentido a linguagem de Cora é a sua casa. Nela a linguagem entra e se sente à vontade para colocar as alpercatas e se espalhar na velha cadeira de balanço que, de sentinela, vigia a passagem do corredor sempre aberto para os aposentos internos da Velha Casa da Ponte. Estão imbricadas: a linguagem, Cora e a Casa. E dessa tríade nasce a mais pura das poesias.

---

<sup>64</sup> Jean Cohen, *A estrutura da linguagem poética*. São Paulo: Cultrix, 1966.

<sup>65</sup> HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Nova Cultural. Coleção Os Pensadores, 1989. p. 24

#### 4- O erotismo (natural) em Cora Coralina

Embora se julgasse assexuada<sup>66</sup> por sua própria condição de viúva, o tema erótico<sup>67</sup> é presença marcante em seus versos. Cora Coralina sente e enxerga o sexo em sua mais pura e natural eclosão. A forma como nos apresenta a libido vegetal e animal nos faz ver e, sobretudo, acreditar, no sexo natural, sem culpa, dogmas preconceito e tabus. A poeta reconhece nas entrelinhas de *Minha Cidade*<sup>68</sup> a sua sexualidade dormente, entretanto, latente:

*Minha vida,  
Meus sentidos,  
Minha estética,  
todas as vibrações  
de minha sensibilidade de mulher,  
têm, aqui, suas raízes.*

Percebemos no verso *de minha sensibilidade de mulher* a assunção desta sexualidade e, se fizermos uma leitura intertextual tomando por referência a palavra “vibrações”, veremos que a mesma está intrinsecamente ligada ao erotismo feminino. Destarte, a poeta nos revela que, enquanto ser humano, está viva e pronta a cumprir a predestinação da espécie em que o sexo possui carga de intensa responsabilidade para a reprodução e equilíbrio emocional da pessoa.

A análise da palavra e do verso anteriores se dá no campo das múltiplas relações entre a linguagem e a sexualidade. Nesta vertente, o erotismo apresenta-se sob o crivo da linguagem para demonstrar que envolve o homem desde milênios em suas mais variadas facetas: palavras, gestos, imagens, arte, cultura, entre outros. O erotismo

---

<sup>66</sup> Era comum para os preceitos goianos que uma mulher correta deveria manter seu estado permanente de viuvez e, Vicência Bretas, em seu livro *Cora Coragem, Cora Poesia*, destaca a decisão de sua mãe em não mais se permitir novo casamento ou algum companheiro.

<sup>67</sup> Erotismo - conjunto de expressões culturais e artísticas humanas referentes ao sexo. A palavra provém do latim ‘eroticus’ e este do grego ‘erotikós’, refere-se ao amor sensual e à poesia de amor. A palavra grega deriva-se do nome de Eros, o deus grego do amor, Cupido para os romanos, que com suas flechas unia corações. Simboliza, dentre vários significados amor, paixão, desejo intenso. Simbologicamente podemos definir o erótico como a atração para o perfeito, o integral. A junção harmoniosa entre masculino/feminino e a natureza/Deus.

<sup>68</sup> *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 2003. p. 36.

analisado na obra de Cora Coralina pode ser encarado como uma tentativa consciente e amorosa dos instintos e desejos do ser humano.

Em seu poema *Cântico da Terra*<sup>69</sup> o erotismo natural aparece de forma muito clara:

*Eu sou a terra, eu sou a vida.  
Do meu barro primeiro veio o homem.  
De mim veio a mulher e veio o amor.  
Veio a árvore, veio a fonte.  
Vem o fruto e vem a flor.  
(...)  
Eu sou a grande Mãe universal.  
Tua filha, tua noiva e desposada.  
A mulher e o ventre que fecundas.  
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.*

Seus versos são repletos de erotismo, de imagens fálicas e com forte apelo sexual que se apresentam sem cerimônia ou parcimônia. Através dessas imagens, nos aprofundamos no espaço da união perfeita do carnal com o espiritual. Em *Velho Sobrado*<sup>70</sup> essa imagem fálica aparece, nitidamente, a despertar sensações:

*Dá guarda, perfilado, um pé de mamão-macho.  
No alto, instala-se, dominadora,  
uma jovem gameleira, dona do futuro.  
Cortina vulgar de decência urbana  
Defende a nudez dolorosa das ruínas do sobrado  
- um muro. (...)*

Cora Coralina traz, expressa numa linguagem poética, o erotismo na cotidianidade do sertão. Vários de seus poemas demonstram que o tema erotismo envolve toda e qualquer situação. Em *Evém boiada*<sup>71</sup> a poeta consegue, a um só tempo, mostrar, com simplicidade, que a natureza do animal é reproduzir, cobrir vacas, exercer seu papel de macho. Ademais, explicita toda a dor da castração e do não cumprimento natural da vida sexual:

*Eu vi  
Lameiro de mangueira, repisado.  
Cheiro de currais,*

---

<sup>69</sup> Idem. p. 210.

<sup>70</sup> Ibidem. p.84.

<sup>71</sup> Ibidem. p.130.

*Esterco, mijado.*  
*Cheiro de saúde,*  
*Fecundo, estimulante.*  
*Mangueiras esterçadas, lameadas.*  
*Cheiro animal. Cheiro vegetal.*  
*Cheiro de terra, cheiro de vida.*  
 (...)

*Eu vi*  
*Novilhada mestiçada.*  
*Touros, marruás.*  
*Aspas retorcidas, cumbucadas levantadas.*  
*Morrote de cupim*  
*balançando, balanceando.*  
*Orelhas – muita orelha –*  
*Compridas, caídas.*  
*O luxo das barbelas salmilhadas.*  
*O ventre liso, redondo.*  
*A verga. As glândulas do sexo,*  
*Enormes, conformadas.*  
*Pelagem luzidia.*  
 (...)

*Eu vi boi de carro, emasculado.*  
*Castrado.*  
*Tortura das glândulas esmagadas*  
*- torquês, macete.*  
*Infecundado, manteúdo, forte.*  
*Boa caixa – boi de guia, boi do coice, boi do mei*  
*Pesado. Apreçado. Refugado, machucado,*  
*Separado no meio da vacada. (...)*

Os mais desatentos podem, de imediato, não perceberem a carga erótica do texto, haja vista que Cora se utiliza de expressões e palavras do dialeto sertanejo de Goiás. Grafa o membro masculino por *verga*. A verga do touro é seu membro sexual. Podemos flagrar neste texto, novamente, a estreita relação entre linguagem e sexualidade. Cora Coralina não objetualiza o sexo, antes, criativamente, persuade os sentidos de seu leitor para acreditar nesse sexo natural. Cora Coralina deixa entrever em seus poemas todo um teor erótico.

Carl Jung<sup>72</sup> classificou o termo eros feminino<sup>73</sup> para fundamentar o básico da psicologia feminina:

---

<sup>72</sup> **Carl Gustav Jung**. Kesswil, 26 de julho de 1875 - Küsnacht, 6 de junho de 1961) foi um psiquiatra suíço. Utilizando-se do conceito de "complexos" e do estudo dos sonhos e de desenhos, Jung passou a se dedicar profundamente aos meios pelos quais se expressa o inconsciente.

<sup>73</sup> O Psiquiatra C.G. Jung estudou a psique masculina e feminina e concluiu que os homens possuem o anima no seu inconsciente, que é uma caricatura do Eros feminino

A psicologia das mulheres é fundada principalmente em Eros, fortemente ligado ao desprendimento, visto que nas épocas antigas o principal atributo relacionado aos homens é Logos. O conceito do Eros podia ser expressado nas épocas modernas como uma ligação psíquica, e o Logos com o interesse objetivo.<sup>74</sup>

Cora Coralina comunga, talvez de modo inconsciente, com esta tese, pois sua escrita erótica sobrepuja intensamente o valor do feminino. Aceita o Eros como elemento natural da vida. E aí, mais uma vez, extrapola limites patriarcais de uma sociedade falocrática.

Detém habilidade em ver e perceber além do ego projetado e de despertar sensações em nosso ser consciente. Apresenta-nos Eros como desejo para o perfeição sexual natural. Essa perfeição, no mundo bucólico e rural de Cora, é necessária para que sintonizemos, ao ler seu texto, a natureza com nossa personalidade.

Cora Coralina, em seus versos, demonstra também que o desejo maior do ser humano é o amor, e este desejo de se alcançar o amor, utilizando-se de sexo em sua forma natural, nos transporta a uma interconexão e a uma interação com o mundo que nos cerca e com outros seres que nele habitam.

Percebemos na obra coralineana que existe erotismo no sexo e sexo no erotismo, e assim, a poeta vai trazendo aos nossos sentidos o despertar do erotismo natural, como em *Trem de Gado*<sup>75</sup> :

*Eu vi  
O boi deitado exausto.  
Pisado. Mijado. Sujo. Escoiceado.  
Quartos encolhidos. Juntas dobradas. Cabo inerte. (...)*

Percebemos que figuram, embutidos em seus versos, valores culturais e sociais que interligam sexualidade e linguagem. Em seu poema *Pouso de Boiadas*<sup>76</sup> encontramos explicitamente o assunto sexo, tão natural em conversas de homens, que por vezes, confundem erotismo e pornografia<sup>77</sup>:

*Conversa sem sentido.  
Os homens estirados*

---

<sup>74</sup> No Sentido Horário. Vol. X, p. 123-255.

<sup>75</sup> Idem, p. 134.

<sup>76</sup> Ibidem, p. 143.

<sup>77</sup> Pornografia é a representação, por quaisquer meios, de cenas ou objetos obscenos destinados a ser apresentado a um público e também expor práticas sexuais diversas, com o fim de instigar a libido do observador. O termo deriva do grego *πόρνη* (*pórne*): "prostituta", *γραφή* (*grafé*), representação. A pornografia está ligada, constantemente, atividade comercial e à violência, com intuito de provocar dor física ou moral.

*nas redes e nos forros,  
 assuntam de mulheres...  
 - Fêmea. Erotismo de macho.  
 Palavrado obscuro.  
 (...)  
 Manelão canta sozinho.  
 Manelão canta baixinho.  
 Moda de mulher.  
 ...Dola... Xandrina...  
 ... o chamado obscuro, sexual.  
 (...)  
 Manelão canta em surdina,  
 Manelão canta baixinho,  
 Manelão canta sozinho  
 Toada de mulher.  
 Dola... Xandrina...  
 O rude chamado sexual.  
 A saga bárbara  
 dos boiadeiros.*

O erótico se propaga nos poemas coralineanos. Cora Coralina parece saber do mito de Eros<sup>78</sup> que, a criança Cupido, aparece sempre pobre, não é delicado e belo como geralmente se crê; mas sujo, hirsuto, descalço, sem teto. Deita-se sempre por terra e não possui nada para cobrir-se, descansa dormindo ao ar livre sob as estrelas, nos caminhos e junto às portas. Enfim, mostra claramente a natureza da sua mãe, andando sempre acompanhado da pobreza. Eros, dessa forma, é a personificação da própria natureza. E é assim que Cora Coralina vai introduzindo o mito Eros em seus versos: de forma, naturalmente, natural.

Porém, Eros por ser filho de Poros, herda do pai a capacidade de cultivar o belo de corpo e de alma, e assim como o Cupido, utiliza-se de armadilhas, ardis para capturar os escolhidos. Assim também é o amor natural, cheio de surpresas e sagazes sutilezas. Sua natureza não é nem mortal nem imortal; tudo lhe sucede bem, floresce bem vivo e, no momento seguinte, morre; mas depois retorna à vida, graças à natureza paterna.

Pierre Brunel<sup>79</sup> dedica estudo a *Um poder Universal: Eros e a natureza*:

Desse primeiro aspecto de Eros, deus primordial, resulta a amplitude de seu poder, que se estende não apenas aos deuses e aos homens, mas aos elementos e à própria natureza. (...)

---

<sup>78</sup> Eros é uma das divindades primordiais. Pertence à pré-história da mitologia grega. É o princípio da atração universal, que leva as coisas a se juntarem, criando a vida. Eros é a força que assegura a coesão interna do cosmos e a continuidade da vida na terra.

<sup>79</sup> Pierre Brunel (organização), *Dicionário de Mitos Literários*. Brasília: EdUnB, 1988. p. 319-322.

Finalmente, em sua qualidade de força fecundadora do universo, Eros está ligado à vegetação, cuja renovação primaveril coincide com a estação dos amores. (...)

Eros representa o princípio da vida, e todas estas extensões de seu poder à natureza inteira nada mais são do que o desenvolvimento desse aspecto original.

Em toda a cotidianidade da vida corriqueira, a poeta consegue enxergar e nos fazer enxergar o erotismo:

*A vacada solta partia para os campos e barreiros salitrados  
Os bezerros cabritando, cabo levantado.*<sup>80</sup>

Em seu poema *Mulher da Vida*<sup>81</sup>, podemos exemplificar a afirmação a respeito da dita junção harmoniosa, além de revolvermos à secular condição feminina na sociedade:

*Um dia, numa cidade longínqua, essa  
mulher corria perseguida pelos homens  
que a tinham maculado. Aflita, ouvindo  
o tropel dos perseguidores e o sibilo  
das pedras,  
ela encontrou-se com a Justiça.*

(...)  
*A Justiça pesou a falta pelo peso  
do sacrifício e este excedeu àquela.  
Vilipendiada, esmagada.  
Possuída e enxovalhada,  
ela é a muralha que há milênios  
detém as urgências brutais do homem  
para que na sociedade  
possam coexistir a inocência,  
a castidade e a virtude.*

*Na fragilidade de sua carne maculada  
esbarra a exigência impiedosa do macho. (...)*

E por assim entender que o erotismo permeia a vida, Cora nos presenteia, ainda, com versos de um magnífico erotismo implícito, onde fala de arroubos da mocidade e dos desejos humanos carnaís. Deixa-nos entrever, inclusive, o contexto psicossocial de seu tempo: *Moinho do tempo*<sup>82</sup>

---

<sup>80</sup> *Vintém de Cobre- Meias Confissões de Aninha.* Goiânia-GO: UFG, p. 91- *As Maravilhas da Fazenda Paraíso.*

<sup>81</sup> *Idem*, pp. 202-203

<sup>82</sup> *Ibidem*, pp. 43-44

*A gente era moça do passado.  
 Namorava de longe, vigiada.  
 Aconselhada. Doutrinada dos mais velhos,  
 em autoridade, experiência, alto saber.  
 “Moça pra casar não precisa namorar,  
 O que for seu virá”.*  
*Ai, meu Deus! e como custava chegar...  
 Virá! Virá!... Virá virá... quando?  
 E o tempo passando e o moinho dos anos moendo,  
 e a roda-da-vida rodando... Virá-virá!  
 A gente ali, na estaca, amarrada, consumida  
 de Maria Borracheira, sem madrinha-fada,  
 sem sapatinho perdido,  
 sem arauto de príncipe-rei, a procurar  
 pelos reinos da cidade de Goiás  
 o pezinho faceiro do sapatinho de cristal,  
 caído na correria da volta.  
 (...)  
 A igreja, refúgio e confessionário antigo.  
 O frade velho e cansado. Frei Germano, piedoso,  
 exortando paciente e severo. “Minha filha, a virgindade  
 é um estado agradável aos olhos de Deus.  
 (...)  
 Depois a solidão de solteira, o sonho honesto de um noivo,  
 O desejo de filhos,  
 Presença de homem, casa da gente mesma, dona ser. Um lar.  
 Estado de casada. (...)*

O erotismo envolve grande parte da obra de Cora Coralina, basta que tenhamos maior sensibilidade e atenção aos seus versos. No mundo natural da poeta, o assunto é de posse de todos, inclusive das criadas da fazenda Paraíso, que, ao dizer da autora, *só valeu depois de perdido*. Vejamos um trecho de conversa entre Siá Balbina e Nicota em *Dona Otília*<sup>83</sup>, galinha que escapou da morte e amou dentro da despensa, para depois aparecer com uma ninhada:

*Siá Balbina conversou com a Nicota: “Num falei Nicota...  
 Suncê perdeu a aposta, tudo raça do galo carijó,  
 O sem vergonha que não respeita nem galinha doente”.*  
*Ao que retrucou a Nicota:  
 “Foi bão, Bá. Deixou ela sadia.”*

Encontramos a mesma temática de Eros natural em *Maravilhas da Fazenda Paraíso*<sup>84</sup>, onde Cora festeja de modo peculiar a reprodução, o nascimento, a vida:

---

<sup>83</sup> Idem. p. 75

<sup>84</sup> Ibidem. p. 89

*No terreiro rústico da Fazenda Paraíso,  
 nos anos da minha adolescência,  
 era certa e esperada aquela comunicação anual.  
 A volta dos casais de João de Barro,  
 para levantar suas casinhas novas  
 nos galhos do grande jenipapeiro.  
 Raramente retocavam alguma casa velha  
 das muitas que resistiam nas forquilhas.  
 Preferiam fazer novas. Chegavam em alarido,  
 gritadores e alegres. Gente de casa, dizia rindo meu avô.  
 Era o tempo sagrado da reprodução.  
 Todo o terreiro se alegrava e acompanhava com ternura  
 aquela querência, o labor daquelas construções,  
 o esforço daqueles passarinhos.  
 (...)
 e darem começo a casinha, orientada para o sul,  
 trazendo de começo sua divisão interna,  
 a camarinha do amor onde renovavam  
 e defendiam a sua espécie. (...)*

Podemos perceber que a poesia de Cora Coralina reproduz os sentimentos e as sensações comuns aos seres em geral. O erotismo cerceia sua obra numa sinuosa e estreita relação. Reparemos nas palavras utilizadas e voltemos nossos olhos para a semântica: *reprodução, querência, camarinha do amor, renovavam sua espécie* e podemos perceber que a poeta trabalha com uma linguagem no, com e para o sexo. Podemos atribuir significados a essas palavras e, assim, reescrever junto à poeta, o seu texto, aproveitando a sua linguagem erótica transparente, apossando-nos de sua visão de mundo e também acrescentando, substituindo, enfim, interagindo com essa visão através de nossos referenciais sexuais, sociais, etc. e nossa vivência. Sob esta ótica, paradoxalmente, poderíamos classificar a linguagem erótica utilizada por Cora Coralina como linguagem pragmática<sup>85</sup> sexual.

No Cântico de Dorva esse fenômeno pode ser exemplificado, pois Cora escreve eroticamente; contudo, é a nossa interação a respeito do tema que vai condicionar o entendimento do texto e nos conduzir a interpretações e inferências próprias.

---

<sup>85</sup> Estuda as condições que governam a utilização da linguagem na prática linguística. Na utilização da linguagem pragmática a comunicação esconde mais que revela, escolhe palavras para provocar reações no leitor e passar para ele a responsabilidade de interpretar as expressões veladas, o que chamamos de 'ler nas entrelinhas'. Na interação social evitamos o confronto com o outro para ser aceito em um grupo, por isso, na nossa vida cotidiana protegemos nossa face, da mesma forma que mantemos a face do outro.

**V**

*Dorva é moça da roça.  
Dorva lava roupa na tina:  
Roupa grossa de homem – calça mescla, camisa de riscado.*

*Geme o sarilho no poço.  
Tibum... a lata vem cheia d'água.  
Vai ensaboando,  
Vai cantando:  
laranja da china  
limão bravo, cana doce  
se encontra aqui  
se encontra acolá.  
Pra dá, pra vendê  
pra quem quisé  
pra quem passá.  
Se dá fogo, se dá água  
Não pode negá.  
A cantiga de Dorva  
alta, gritada  
Bramido de fêmea –  
apelo enfeitado.*

**VI**

*É meio-dia; a sombra está marcando.  
O sol num desafio de luz  
fustiga a poeira da estrada.  
Silêncio no sítio.  
Um galo canta longe.  
Distante, um corno de ponteiro.  
Boiadeiro vem vindo devagar...  
Os homens lá no eito  
relanceiam enxadas.  
O milharal chama Dorva.  
O cheiro da terra chama.  
O arrozal tem seus ninhos  
Chamando Dorva.  
Um assovio fino, espraiado  
fere Dorva.  
Larga a roupa, deixa a tina.  
Torce o vestido mesmo no corpo,  
molhado na barriga.  
Olha pra os lados.  
Gritam as angolas. Grita um bem-te-vi.  
Dorva afunda no milharal.*

**VII**

*O ninho de Dorva.  
A cama de Dorva  
de palha e folha*

*na terra.*  
*Deixa-se cair*  
*sentada, deitada.*  
*Sobre seu ventre liso, redondo*  
*desnudo,*  
*salta o macho.*  
*Um ofego de posse*  
*tácito.*  
*Sexo contra sexo.*  
*Aquele cântico de Dorva,*  
*Aquele chamado – piado de fêmea:*  
*obscuro*  
*aflitivo*  
*genésico*  
*instintivo*  
*veio vindo...veio vindo...*  
*Rugindo*  
*chorando*  
*gritando*  
*apelando*  
*do fundo do tempo*  
*do fundo das idades.*

O poema Dorva nos apresenta o que existe de natural nas relações sexuais: o erotismo consensual. O “verbo se fazendo carne”. Para que a junção carnal acontecesse, houve um acordo tácito entre Dorva e o macho. Mesmo na simplicidade dos versos, privilegia-se a estética, tornando erotismo em arte.

Em seu *Poema do Milho*<sup>86</sup> *Cora Coralina* apresenta todo o ciclo da vida envolvida pelo erotismo. Por estar, sempre, à frente de seu tempo, a poeta ousa trazer à baila questões mais profundas. Traz a importância sexual para a continuidade da vida. Apresenta o potencial orgástico a serviço do prazer e da confirmação do sucesso de encontros: entre pólen-flor, sêmen-útero, homem-mulher e suas relações cotidianas:

*Milho embandeirado*  
*bonecando em gestação.*  
*- Senhor!... Como a roça cheira bem!*  
*Flor de milho, travessa e festiva.*  
*Flor feminina, esvoaçante, faceira.*  
*Flor masculina – lúbrica, desgraciosa.*

(...)
   
*As bandeiras altaneiras*  
*Vão se abrindo em formação.*  
*Pendões ao vento.*

---

<sup>86</sup> *Poemas do Becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 2003. pp. 165- 166

*Extravasão da libido vegetal.  
Procissão fálica, pagã.  
Um sentido genésico domina o milharal.  
Flor masculina, erótica, libidinosa,  
polinizando, fecundando  
a florada adolescente das bonecas.*

*Boneca de milho, vestida de palha...  
Sete cenários defendem o grão.  
Bonecas verdes, vestidas de noiva.  
Afrodisíacas, nupciais...  
De permeio algumas virgens loucas...  
Descuidadas, desprovidas.  
Espigas falhadas. Fanadas. Macheadas.*

*Cabelos verdes. Cabelos brancos.  
Vermelho-amarelo-roxo, requeimado...  
E o pólen dos pendões fertilizando...  
Uma fragrância quente, sexual  
invade num espasmo o milharal.*

*A boneca fecundada vira espiga.  
Amortece a grande exaltação.  
Já não importam as verdes cabeleiras rebeladas.  
A espiga cheia salta da haste.  
O pendão fálico vira ressecado, esmorecido,  
no sagrado rito da fecundação.*

Cora, ainda, ousa ainda demonstrar que, por vezes, não raras, sexo e erotismo propiciam momentos de infinitas delícias, sem a preocupação com o papel elementar de fecundação. A poeta vai mais longe e aborda o sexo em suas variadas facetas. Encontramos em seu poema *Lua-Luar*<sup>87</sup> referência a uma outra forma de sexualidade. Contudo, a poeta nos apresenta os versos com o mesmo erotismo natural a que se primou em escrever:

*Lua cúmplice  
Lésbica lua nascente,  
andrógina – lua-luar.  
(...)  
Lua grande. Lua genésica  
que marca a fertilidade da fêmea  
e traz o macho para a sementeira.*

Cora Coralina estabelece parceria com a linguagem para nos apresentar o erotismo de forma ímpar, de modo que possamos e passemos a interagir com sua obra.

---

<sup>87</sup> *Meu livro de Cordel*. São Paulo: Global, 2002. p. 12

Linguagem e erotismo coabitam numa zona maleável em que a utilização de metáforas deixa o carnal se aproximar do divino, dando-nos a certeza de que a dimensão das palavras terá seu campo fértil na mente de seu leitor privilegiado e contagiará a forma de encararmos a sexualidade. Mais uma vez, os versos coralíneos utilizam-se do erótico para tratar de assuntos subjacentes.

Nos versos de Cora, o erotismo pulsa e pulula. O tema é tão natural, que a natureza celebra o amor, o sexo, a vida. Perceber o erotismo na linguagem de seus versos é captar como a cultura de seu tempo tratou o assunto e como sua sensibilidade soube fazê-lo arte através de seus poemas.

## 5 - Uma Velha Rapsoda

A obra de Cora Coralina pode ser interpretada na perspectiva de trazer a rapsódia<sup>88</sup> para a temática atual, como forma de ler, conhecer e compreender o passado, para interferir no presente, com vistas a construir um futuro plural, ético, justo e inclusivo. É uma velha Rapsoda: *Contando o presente, cantando o futuro, fazendo adivinhações.*<sup>89</sup>

A rapsódia remonta ao Romantismo, no século 19. É um termo utilizado para classificar as composições que não seguem uma estrutura fixa. Nesse estilo de composição, a emoção criativa é valorizada e usada para transformar sentimentos em música. Cora Coralina consegue, através de seus textos, entrelaçar, sentimento, texto e música.

No período clássico da literatura, havia o soneto, uma forma rígida de composição. No Romantismo o poema perdeu a forma fixa, mas manteve o ritmo, os versos, as ideias, e essa liberdade poética e musical é que deu origem à rapsódia.

Dentre os principais autores que utilizaram a rapsódia, destacaram-se Beethoven, George Gershwin autor de *Rhapsody in Blue* e Liszt compositor de famosas rapsódias húngaras.<sup>90</sup>

Na composição musical rapsódia, o autor se baseia em temas de inspiração folclórica ou assuntos populares. A rapsódia também pode ser entendida como sendo um conjunto de composições folclóricas de cuja temática o compositor se apropria, transformando histórias e acontecimentos em música, com eventuais modificações.

---

<sup>88</sup> Rapsódia: é uma justaposição, de escassa unidade formal de melodias populares e de temas conhecidos. As rapsódias caracterizam-se por terem apenas um movimento, mas podendo integrar fortes variações de tema, intensidade, tonalidade, sem necessidade de seguir uma estrutura pré-definida. A sua forma consegue ser mais livre que as variações, uma vez que não há necessidade de repetir os temas.

<sup>89</sup> Cora Coralina in *Ressalva - Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*.

<sup>90</sup> Rapsódia Húngara No. 2 é a segunda e mais famosa obra de um conjunto de 19 rapsódias compostas por Franz Liszt. Poucas composições de piano atingiram tal popularidade e permitiram ao pianista a revelar sua habilidade excepcional, além de oferecer ao ouvinte uma irresistível e imediata apreciação musical. Composta em 1847 e dedicada ao Conde Laszlo Teleky, *Rapsódia Húngara No. 2* foi publicada pela primeira vez como um solo de piano em 1851 por Senff e Ricordi. Seu sucesso e popularidade imediatos logo deram origem à versão orquestrada, organizada pelo compositor com a colaboração de Franz Doppler e publicada por Schubert. Em 1874, Liszt criou a versão em dueto, publicada por Schubert no ano seguinte.

Ao analisarmos a rapsódia em Cora, veremos que seu texto é supratemporal. Excede-se no tempo e espaço para criar uma atmosfera em que o leitor serve-se da rapsódia para deixar aflorar o gosto pela leitura, pelo simples prazer de ler e, em contrapartida, munir-se de vários conhecimentos que o levarão à reflexão e tomada de posicionamentos perante os temas abordados em sua obra.

É a própria autora quem alerta o leitor:

*Alguém deve rever, escrever e assinar os autos  
do Passado antes que o Tempo passe tudo a raso.  
É o que procuro fazer, para a geração nova, sempre  
atenta e enlevada nas estórias, lendas, tradições, sociologia e folclore de nossa terra.  
Para a gente moça, pois, escrevi este livro de estórias.  
Sei que serei lida e entendida.<sup>91</sup>*

Seu texto, de fácil leitura, traduz as inquietações do povo comum, com seus anseios, seus medos, desejos e preconceitos. Cora Coralina traz a leveza nos versos primitivos e simples que conduzem a uma volta ao passado para atitudes presentes e mudanças futuras. Fica explícita a proposta da autora de ver-sejar o antes, com perspectiva de agir no agora e, sobretudo, transformar o depois.

A temática de Cora é farta e extremamente comprometida com as relevantes questões sociais que lhe são apresentadas em seu cotidiano de anciã contemporânea, ligada aos problemas que a cercam. No viés de seus escritos existe uma série de textos subliminares que indicam caminhos para a reflexão: um olhar sensibilizado para a temática social abordada em seus escritos. Esses temas servirão de instrumentos para a socialização da literatura, com vistas a construir um futuro plural, ético, justo e inclusivo.

Cora nos apresenta, em forma rítmica e de intensa sonoridade, suas criações líricas que podem ser consideradas documentais, na medida em que expõem a vida doméstica de gerações que nos antecederam, seu modo intra e intersubjetivo de lidar com questões corriqueiras:

*Melhor fora não ter nascido...  
Feia, medrosa e triste.  
Criada à moda antiga,  
- ralhos e castigos.  
Espezinhada, domada.  
Que trabalho imenso dei à casa  
para me torcer, retorcer,  
medir e desmedir.*

---

<sup>91</sup> In *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. São Paulo: Global, 2003. p. 25

*E me fazer tão outra,  
diferente,  
do que eu deveria ser.  
Triste, nervosa e feia.  
Amarela de rosto empapuçado.  
De pernas tortas, caindo à toa.  
Retrato vivo de um velho doente.  
Indesejável entre as irmãs.  
Sem carinho de Mãe.  
Sem proteção de Pai...  
- melhor fora não ter nascido.  
E nunca realizei nada na vida.  
Sempre a inferioridade me tolheu.  
E foi assim, sem luta, que me acomodei  
na mediocridade de meu destino.<sup>92</sup>*

Entre seus temas, apresenta-nos a lide diária da vida rural, ou as adversidades e vicissitudes do meio urbano das pequenas cidades interioranas, ao modo de *Do Beco da Vila Rica*,<sup>93</sup> ocasiões em que se vale da crônica de forma poetizada:

*No beco da Vila Rica  
tem sempre uma galinha morta.  
Preta, amarela, pintada ou carijó.  
Que importa?  
Tem sempre uma galinha morta, de verdade.  
Espetacular, fedorenta.  
Apodrecendo ao deus-dará.*

*No beco da Vila Rica,  
Ontem, hoje, amanhã,  
no século que vem,  
no milênio que vai chegar,  
Terá sempre uma galinha morta, de verdade.  
Escandalosa, malcheirosa.*

A poesia salta de seus textos e envolve o leitor em deliciosas sensações. Sua obra, mesmo em prosa, possui a sonoridade das rapsódias, que serviu para embalar os cantos épicos e a epopéia:

*Miquita<sup>94</sup>  
Miquita foi moça como toda moça.*

---

<sup>92</sup> Idem. pp. 172, 173

<sup>93</sup> Ibidem. p.96

<sup>94</sup> In *Estórias da Casa Velha da Ponte*. São Paulo: Global, 1986. p. 45

*Contou seus quinze anos como toda jovem. Era parda. Nem preta, nem morena, nem mulata; de pele manchada. Seca, sem ancas; de pernas compridas, canela fina e jeito de boneca de pano malfeita – sem sal, desajeitada.*

*Nem por tantos negativos da natureza, deixou de achar quem a quisesse. Casou-se mesmo, de palma e capela, que a mãe era lavadeira e caprichava com a filha.*

*Tempos depois, o marido a largava sem dizer nada, abria pé no mundo e nunca mais deu ligação.*

E a estória (história) segue adiante, contando e cantando a vida da moça tão nova abandonada pelo marido, tendo por única saída resvalar-se para o beco da prostituição. Sem atrativos a moça não conseguia “ganhar” o suficiente para se manter e esta, sem clientes, volta-se para a tradicional profissão de sua mãe. Mas o corpo nem quer saber se é feio ou bonito e a carne apela que o desejo seja aplacado. Miquita veste-se com a melhor de suas roupas e parte para uma gafeira se oferecendo com “mulher-dama”. O resultado é pancadaria e olho roxo e a reclamação de Miquita:

*É só que muié de bem que nem eu, num pode se mistura com muié-dama.<sup>95</sup>*

Com referência aos heróis, estes são gente do cotidiano da cidadezinha pitoresca, do meio rural ou de seu entorno emocional. Meros mortais: a lavadeira, o presidiário, a prostituta, o menino de rua, dentre outros. Seu texto é repleto do cântico de todas as vozes.

Encontramos justificativa em Bosi<sup>96</sup> para tratar da rapsódia em sua obra:

A superfície da palavra é uma cadeia sonora. A matéria verbal se enlaça com a matéria significada por meio de uma série de articulações fônicas que compõem um código novo, a linguagem. (21)

(...)

No entanto, a poesia, toda grande poesia, nos dá a sensação de franquear impetuosamente o novo intervalo aberto entre a imagem e o som. (23)

(...)

O discurso é sempre um arranjo de enunciados que se comportam como processos integradores de níveis diferentes, cujos extremos são o simbólico e o sonoro. (25-26)

<sup>95</sup> Idem. p. 47.

<sup>96</sup> BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1983.

Através de seus escritos aparecem *Todas as Vidas*,<sup>97</sup> em cujo bojo navega a mulher-benzedeira, dotada de forças sobrenaturais e de saberes populares; a mulher-lavadeira, esboço da exploração do trabalho doméstico; a mulher-cozinheira, roceira, trabalhadeira; mulher-do-povo, proletária e livre de amarras sociais; a mulher-da-vida, versos propícios para questionamentos interiores sobre a prostituição, preconceito contra a mulher, diferenças sociais, entre outros:

*Vive dentro de mim  
 uma cabocla velha  
 de mau-olhado,  
 acorada ao pé do borralho,  
 olhando pra o fogo.  
 (...)  
 Vive dentro de mim  
 a lavadeira do Rio Vermelho.  
 Seu cheiro gostoso  
 d'água e sabão.  
 (...)  
 Vive dentro de mim  
 a mulher cozinheira.  
 Pimenta e cebola.  
 Quitute bem-feito.  
 (...)  
 Vive dentro de mim  
 a mulher do povo.  
 Bem proletária.  
 Bem linguaruda,  
 Desabusada,  
 (...)  
 Vive dentro de mim  
 A mulher roceira.  
 - Enxerto da terra,  
 meio casmurra.  
 Trabalhadeira.  
 (...)  
 Vive dentro de mim  
 a mulher da vida.  
 Minha irmãzinha...  
 tão desprezada,  
 tão murmurada...  
 Fingindo alegre seu triste fado.*

*Todas as vidas dentro de mim:  
 Na minha vida –  
 a vida mera das obscuras.*

---

<sup>97</sup> In *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. São Paulo: Global, 2003. p.31

Pelo seu texto fala a voz interior da menina mal compreendida e possuidora de grandes inquietações. De forma lírica, Cora Coralina nos apresenta sua doída biografia infantil, a segregação que lhe foi imposta, as feridas da alma, a rejeição por parte da mãe e das irmãs. A pobreza, a economia obrigatória e o pensamento mesquinho de seus familiares. Sua vida, enfim, contada e cantada sem floreios ou arremates. Encontramos em *Minha Infância (Freudiana)*<sup>98</sup> toda a expressão de seu martírio interior.

Cora é fabuladora: narra em forma de versos e, assim, resgata a identidade de muitas pessoas anônimas neste redemoinho da vida. A questão da identidade pode ser também, esclarecida pelos apontamentos de Castro<sup>99</sup>:

O homem não constata a identidade e a diferença só no que o cerca. O desafio da identidade e diferença também se dá nele mesmo. Passa por diversas fases: criança, jovem, adulto, velho. E, no entanto, permanece sempre o mesmo, cada um não se sente sendo a soma dessas fases. A força e a presença da identidade é tão certa como as fases pelas quais cada um passou.

A identidade cultural não pode ser vista como sendo um conjunto de valores fixos e imutáveis que definem o indivíduo e a coletividade da qual ele faz parte. Cultura e identidade não podem ser pensadas como um patrimônio a ser preservado. Ao contrário, para o próprio desenvolvimento e crescimento da identidade cultural é necessário existir intercâmbio e modificação, caminhos que orientam a formulação e a construção das identidades. As identidades culturais devem ser definidas e trabalhadas de forma menos rígidas.

Uma população não deve abraçar a sua cultura e garantir sua cristalização. Dessa forma, presenciamos a abertura de novas possibilidades de entender o comportamento do homem com seu mundo.

Cora Coralina percebia isso e evidencia em seus textos toda preocupação com esta questão. Venerava o novo, a juventude e as mudanças, e colocou sua literatura a serviços destas.

Ressaltamos como obra prima de sua escrita os versos em que se dedica a apresentar na simbologia do ciclo vegetal, toda a essência da identidade humana: nascer,

---

<sup>98</sup> Idem. p. 168.

<sup>99</sup> CASTRO, Manuel Antônio de. *O Acontecer Poético – A história da Literatura*. Rio de Janeiro: Antares, 1982. p 29.

crescer, reproduzir (trata da sexualidade de forma ímpar) e morrer, em *Oração do Milho*<sup>100</sup> e *Poema do Milho*.<sup>101</sup>

Analisar a rapsódia, o folclore, a sonoridade na obra coralínea é contribuir para a prática de uma leitura reflexiva e valorizadora. A leitura da obra de Cora Coralina, na perspectiva da rapsódia, será síntese entre o patrimônio cultural da humanidade e a especificidade da própria cultura individual.

A leitura não pode acabar com todas as mazelas sociais, mas pode e deve contribuir para minorar preconceitos e velhos preceitos. A leitura não pode resolver todas as injustiças e desigualdades, mas pode contribuir para que esses preconceitos não sejam acirrados.

Cora Coralina, como escritora democrática que foi, oferta em seus escritos ampla possibilidades de leituras, sendo que seus textos promovem a aculturação e a tomada de consciência. A leitura do texto-rapsódia contribuirá para a emancipação do saber. Ler, conhecer e analisar a rapsódia na obra de Cora Coralina possibilitará o debate, a leitura crítica e comparativa, a capacidade de pensar e crescer transformando os espaços sociais de e para cidadãos.

Esse conhecimento a respeito da rapsódia em Cora Coralina poderá contribuir para se ampliarem as visões de mundo e de leitura e do conhecimento literário possibilitando-nos ler o passado, para agir no presente e transformar o futuro.

---

<sup>100</sup> Ibidem. p.156

<sup>101</sup> Ibidem. p. 158



**"A vida é boa. Saber viver é a grande sabedoria.  
Saber viver é dar maior dignidade ao trabalho.  
Fazer bem feito tudo o que houver de ser feito."**

## 4 - Cora Coralina: como se expressa esta mulher

A leitura literária detém a força de despertar, nos sensíveis, um fogo interior que funciona como caldeira, lareira, escalda-pés para esquentar a frieza que atinge as almas das pessoas, em nosso cotidiano. A literatura faz com que realidade e imaginação, metonímia e metáfora se interpenetrem, se confundam e, dessa forma, contribui para aliviar o pesado fardo da vida dos comuns.

A literatura, ciência e arte humanas, se apresenta como compromisso do indivíduo nas relações de práticas sociais. Ela é a sustentação para o homem enfrentar as adversidades do tempo de hoje, do mundo globalizado.

Para iniciarmos esta reflexão, analisemos o que diz Castro<sup>102</sup> a respeito da metáfora:

O lugar mais comum quando se fala da metáfora é a semelhança que estabelece entre duas realidades. (...) o termo metáfora significa ao mesmo tempo um procedimento e um resultado. De fato, em toda metáfora há uma semelhança real entre seus elementos e, por isso, equivocadamente, acreditou-se que a metáfora consistia essencialmente numa similaridade. (...) Entre os dois termos da metáfora tem de existir uma semelhança real em algum ponto, mas sem importância; é uma identidade não essencial. p.73

A poética de Cora pode ser entendida como um fenômeno que consegue resgatar os finos limiares entre sentimento, poesia e sociedade. A poeta goiana desvenda-nos seu mundo intrassubjetivo e vai construindo paragens, paisagens, portos, ancoradouros – utópicos, alegóricos ou não – de onde conclama seu povo, sua cidadezinha, seus leitores, que são muitos, pelo mundo todo afora, a olhar, com ela e por ela, da mesma janela da Casa Velha da Ponte, para que, juntos, possam vislumbrar a mesma visagem, ainda que em perspectivas difusas e diferentes.

### 4.1 - Cora Coralina: um ser - por essência – Metafórico.

Cora Coralina vai metaforizando e metaforizando-se por sua obra, estabelecendo semelhanças entre distintas realidades.

---

<sup>102</sup> CASTRO, Manuel Antônio de. O Acontecer Poético – A história da Literatura. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Antares, 1982.

*Eu sou a dureza desses morros,  
revestidos,  
enflorados,  
lascados a machado,  
lanhados, lacerados.  
Queimados pelo fogo.  
Pastados.  
Calcinados  
e renascidos. (...)*

A poeta consegue êxito nesta tentativa de contar de forma poética as histórias de seu mundo e de conseguir valer-se de metáforas para facilitar a exposição de seus pensamentos. Essa facilidade se dava no campo do entendimento de sua leitura e, inclusive, como forma de poder dizer o que, em verdade, era perigoso de ser dito.

Para analisarmos a metáfora em sua obra e classificarmos Cora Coralina em um ser - por essência – metafórico, podemos encontrar justificativa em Heidegger <sup>103</sup>, que nos adverte a respeito da história:

História não significa para nós o passado; pois esse é justamente o que já não acontece. História também não é, e muito menos, o simples presente, que também nunca acontece, mas apenas “passa”, aparece e desaparece. História entendida como acontecer, é o agir e sofrer pelo presente, determinado pelo futuro e que assume o pretérito vigente.

Cora Coralina utiliza-se de histórias em seus versos e em sua prosa e vai intercalando em meio a seus escritos uma linguagem metafórica. <sup>104</sup>

Talvez por ter sido criada por sua bisavó e pela sua Tia Nhorita, pessoas de um tempo remoto, que possuíam uma fala típica e especial remontada a esse tempo, tenha herdado um léxico cheio de arcaísmos, e repleto do uso das símileis, que ela própria assim definia:

*Minha bisavó não falava errado,  
falava no antigo,  
Ficou agarrada às raízes  
e desusos da linguagem  
E eu assimilei o seu modo de falar.*

---

<sup>103</sup> HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Nova Cultural. Coleção Os Pensadores, 1989. p. 45

<sup>104</sup> Linguagem metafórica é a que se utiliza da metáfora, que é uma figura de estilo (ou tropo linguístico). Consiste numa comparação entre dois elementos por meio de seus significados imagísticos, causando o efeito de atribuição "inesperada" ou improvável de significados de um termo a outro. A metáfora pode ser considerada-la como uma comparação que não usa conectivo, mas que apresenta de forma literal uma equivalência que é apenas figurada. A linguagem metafórica faz uso do emprego das palavras, fora do seu sentido normal.

*Ela jamais pronunciou “metro”,  
sempre “côvado” ou “vara”.  
Nunca disse “travessa” e sim “terrina”,  
rasa ou funda que fosse,  
Nunca dizia “bem vestido”,  
falava – “janota” e “fama” era “galarim”.*<sup>105</sup>

Essa influência vocabular e linguística é marca constante em seus poemas. E, segundo Castro<sup>106</sup> podemos inferir que “A língua é mais comumente um meio de comunicação, de reprodução do vivenciado. É, portanto, necessário distingui-lo como signo verbal-literário. E tal se dá no operar metafórico”.

Cora, contudo, conseguiu aprofundar sua forma de escrever e juntou aos arcaísmos: metáforas, símbolos, intertextos e dialogismos, fazendo de seus personagens arautos de múltiplas vozes que vivem soltas pela Cidade de Goiás, pelo Goiás, pelo Brasil e pelo mundo.

Cora Coralina, imbuída de seu empirismo característico, sem saber compactuava com Mikhail Mikhailovich Bakhtin,<sup>107</sup> que pregava em sua obra a respeito das abordagens externas e internas da linguagem no texto os princípios de polifonia, dialogismo, pluralidade de discursos, etc.

A pesquisadora Diana Luz Pessoa de Barros<sup>108</sup> resume os pensamentos bakhtinianos quando nos diz:

O texto-enunciado recupera estatuto pleno de objeto discursivo, social e histórico.

O Texto é considerado hoje tanto um objeto de significação, ou seja, como um “tecido” organizado e estruturado, quanto como objeto de comunicação, ou melhor, objeto de uma cultura, cujo sentido depende, em suma, do contexto sociohistórico”.<sup>109</sup>

<sup>105</sup> In *Vintém de Cobre – Meias Confissões de Aninha*. Goiânia: UFG, 1987. *O Triângulo da Vida*.

<sup>106</sup> CASTRO, Manuel Antônio de. *O Acontecer Poético – A história da Literatura*. Rio de Janeiro: Antares, 1982. p. 13.

<sup>107</sup> Mikhail Mikhailovich **Bakhtin** (1895 - 1975). Foi um linguista russo. Nascido em Orel, localidade a sul de Moscovo, de família aristocrática em decadência, cresceu entre Vínus e Odessa, cidades fronteiriças com grande variedade de línguas e culturas. Mais tarde, estudou Filosofia e Letras na Universidade de São Petersburgo, abordando em profundidade a formação em filosofia alemã.

<sup>108</sup> **Diana** Luz Pessoa de **Barros** é professora titular do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo USP, Brasil e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

<sup>109</sup> Diana Luz Pessoa de Barros. *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 2003. p.13

O foco dialógico e polifônico bakhtiniano pode ser facilmente aplicado em toda a obra de Cora Coralina, entretanto, salientamos o seguinte poema:

*Lua-Luar*  
*Escuto leve batida.*  
*Levanto descalça, abro a janela*  
*Devagarinho.*  
*Alguém bateu?*  
*É a lua-luar que quer entrar*

*Entra lua-poesia*  
*Antes dos astronautas:*  
*Gagarin da terra azul.*  
*Apolo XI que primeiro passeou solo lunar.*

*Lua que comanda os mares,*  
*A fúria dos vagalhões*  
*Que vêm morrer na praia.*  
*O banzeiro das pororocas.*

*Lua dos namorados*  
*Das intrigas de amor,*  
*Dos encontros clandestinos.*  
*Lua-luar que entra e sai.*

*Lua nova, incompleta no seu meio arco.*  
*Lua crescente, velha, enorme, fecunda.*  
*Lua de todos os povos*  
*De todos os quadrantes.*  
 (...)
 *Lua cúmplice.*  
*Lésbica lua nascente,*  
*Andrógina – lua-luar. (...)*

*Lua das gestações de amor.*  
*Do acaso, do passatempo.*  
*Irresistível,*  
*Responsável, irresponsável.*  
*Lua grande. Lua genésica*  
*Que marca a fertilidade da fêmea*  
*E traz o macho para a semente.*  
*O fruto aceito –*  
*Mal aceito: repudiado, abandonado.*  
*A semente morta*  
*Lançada no esgoto.*  
*A semente viva palpitante*  
*deixada em porta alheia.<sup>110</sup>*

---

<sup>110</sup> In *Meu livro de Cordel*. São Paulo: Global, 2002. pp.12 – 15

Tomemos emprestada a definição de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant no livro *Dicionário de Símbolos*, a respeito da simbologia que a lua traz em si:

“a lua ser privada de luz própria e não passar de um reflexo do sol; (...) a lua atravessar fases diferentes e mudanças de formas. É por isso que ela simboliza a dependência (...), assim como a periodicidade e a renovação. (...) A lua é um símbolo dos ritmos biológicos. A lua é também o primeiro morto. Durante três noites, em cada mês lunar, ela está como morta, ela desapareceu... Depois reaparece e cresce em brilho. Da mesma forma, considera-se que os mortos adquirem uma nova modalidade de existência. A lua é para o homem o símbolo desta passagem da vida à morte e da morte à vida.<sup>111</sup>

O poema *Lua-Luar*, apreende muito da simbologia definida e lhe empresta múltiplos significados. O poema é repleto de metáforas. A primeira que destacamos provém do próprio título. Lua= feminino e Luar= masculino. Nesta metáfora, para a autora, homem e mulher se igualam em direitos, deveres, sonhos, esperanças, oportunidades.

Logo no título, ambas as letras “L” aparecem em maiúscula tanto para a palavra Lua, quanto para a palavra Luar. Essa metáfora demonstra, claramente, a sua posição em defender a mulher e dar-lhe representatividade social no início do século XX.

Em seu *Poema do Milho*<sup>112</sup> consegue, nitidamente, apresentar em metáfora o milho, sexo e reprodução sexual:

*Milho embandeirado*  
*bonecando em gestação(...)*  
*Flor de milho travessa e festiva.*  
*Flor feminina, esvoaçante, faceira.*  
*Flor masculina – lúbrica, desgraciosa.*  
 (...)
 *Extravasão da libido vegetal.*  
*Procissão fálica, pagã.*  
*Um sentido genésico domina o milharal.*  
*Flor masculina erótica, libidinosa,*  
*Polinizando, fecundando*  
*A florada adolescente das bonecas. (...)*

*Bonecas verdes, vestidas de noiva.*  
*Afrodisíacas, nupciais... (...)*  
*Uma fragrância quente, sexual*  
*Invade num espamo o milharal. (...)*

<sup>111</sup> CHEVALIER Jean e GHEERBRANT. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. p 561.

<sup>112</sup> In *Poema do Milho - Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 2003. p.165, 166.

Em se falando de metáforas, polifonia, múltiplas vozes, simbologia, iremos encontrar na obra de Cora inúmeros momentos em que, nós, leitores, podemos através do dialogismo interagir com sua obra, dando-lhe nossos próprios significados.

Lukacs<sup>113</sup> aprofunda a questão de múltiplas vozes nos trazendo a seguinte reflexão:

No entanto, e este é um importante axioma do conhecimento dialético – a realidade apresenta diversos graus: existe a realidade fugaz e epidérmica, que nunca se repete, a realidade do instante que passa, e existem elementos e tendências de uma realidade mais profunda, que ocorrem segundo determinadas leis, ainda que se transformando com a mudança das circunstâncias. Tal dialética atravessa toda a realidade, de modo que, numa relação desse tipo, relativizam-se aparência e realidade: aquilo que era uma essência que se contrapunha ao fenômeno aparece, quando nos aprofundamos e superamos a superfície da experiência imediata, como fenômeno ligado a uma outra e diversa essência, que só poderá ser atingida por investigações ainda mais profundas. E assim até o infinito.

Afinal, essa capacidade de atribuir significados ao que se lê é objeto primeiro da leitura e atitude espontânea do leitor crítico e criativo e, ainda, assunto estudado pelos cânones da literatura, sociologia, psicanálise, filosofia e de outras importantes ciências. Definindo o simbólico, encontramos ressonância em J. Lacan<sup>114</sup> ao afirmar que “*o simbólico designa a ordem dos fenômenos dos quais a psicanálise tem de se ocupar, sempre que forem estruturados como uma linguagem*”.

Muitos pensadores, filósofos, linguistas, sociolinguistas e outros dedicaram estudo à questão da simbologia e imagens. Freud<sup>115</sup> conceitua o assunto e acrescenta: “*a simbólica é o conjunto de símbolos de significação constante que podem ser encontrados nas diversas produções do inconsciente*”.<sup>116</sup>

---

<sup>113</sup> LUKACS, Georg. *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1968, p. 31

<sup>114</sup> **Jacques-Marie Émile Lacan** (Paris, 13 de abril de 1901 — Paris, 9 de setembro de 1981) foi um psicanalista francês. Para ele o campo de ação da psicanálise situa-se então na fala, onde o inconsciente se manifesta, através de atos falhos, esquecimentos, chistes e de relatos de sonhos, enfim, naqueles fenômenos que Lacan nomeia como “*formações do inconsciente*”. A isto se refere o aforismo lacaniano “*o inconsciente é estruturado como uma linguagem*”.

<sup>115</sup> **Sigmund Freud** (Příbor, 6 de maio de 1856 — Londres, 23 de setembro de 1939) foi um médico neurologista judeu-austriaco, fundador da psicanálise. Interessou-se inicialmente pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudou pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, com interesses pelo inconsciente e pulsões, entre outros. Depois foi abandonando a hipnose em favor da associação livre e da interpretação dos sonhos. Estes elementos tornaram-se as bases da psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor (Prêmio Goethe, 1930), possui o título, assim como Darwin e Copérnico, de ter realizado uma revolução no âmbito humano: a idéia de que somos movidos pelo inconsciente.

<sup>116</sup> In FREUD, Sigmund. *Esboço de Psicanálise*. São Paulo: Imago, 1998. p. 36.

A poeta nos oferece um universo de símbolos, aos quais podemos atribuir os mais variados significados e atrelar às metáforas de nossa vivência. Nesse espaço libertário da imaginação é que se instala sua poesia. A poesia de Cora Coralina, entremeada de metáforas, é fonte de pura sabedoria ontogênica. Mesmo em seus versos mais simples e despojados, é possível estabelecer hipertextos e múltiplos sentidos.

Cora detém uma ligação com o espiritual, o sagrado, faz reverências à fusão do sincretismo religioso brasileiro em toda sua expressão de afrobrasilidade. Rompe barreiras, nivela os ritos e os traz para a cotidianidade, que, mesmo não sendo nossa, nem de nosso passado, nem dos dias atuais, abre lugar e caminhos para fazermos analogias e comparações.

Em seu poema *As tranças de Maria*, poetisa com singularidade o sumiço de Maria, moça de cabelos muito grandes, arrumados em trança, que foi buscar água no poço e desapareceu, deixando o noivo sem notícias. O desfecho da história se dá com a morte de uma sucuri e, dentro de seu estômago, enroladas e cheias de um líquido viscoso, aparecem as tranças de Maria. Essas tranças serviram de rédea ao noivo, O Izé da Badia.<sup>117</sup> Ao relatar a busca por Maria, a autora apresenta-nos as diversas expressões de fé do povo goiano:

*A mãe de Maria  
Novenou a Santo Antônio.  
Reza nova emprazou:  
Menino de Jesus de Praga.  
Foi no Centro de Kardec  
Fez grandes invocações.  
Baixou o Espírito Guia:  
- Maria desencarnada.  
Espírito limpo no espaço.” (...)  
(...) Foi na cartomante  
Acreditada.  
Contou seus pesares, suas penas.  
O escuro daquele caso  
Pedi para clarear.  
A verdade as cartas podiam contar” (...)*

Em *Todas as Vidas*,<sup>118</sup> a temática religiosa, carregada de metáforas, reaparece :

*Vive dentro de mim  
Uma cabocla velha  
De mau-olhado,*

<sup>117</sup>In *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 2003. p. 179 a 190. *As tranças de Maria*.

<sup>118</sup> Idem. p 31.

*Acocorada ao pé do borralho,  
Olhando pro fogo.  
Benze quebranto,  
Bota feitiço...  
Ogum. Orixá.  
Macumba, terreiro.  
Ogã, pai-de-santo...*

Os excertos de versos destacados dos poemas expõem-nos a uma polivalência de simbologias. Por exemplo, ao trazer para o poema uma moça de cabeleira tão densa, brilhante, longa e forte, que ideários podemos visitar? Segundo *Chevalier-1995*, os cabelos traduzem “relações íntimas, mesmo depois de separados do corpo”. Destarte, o casamento de Izé da Badia e de Maria se confirma na detenção do sedenho da noiva em suas mãos, transformado em rédea para seu cavalo.

Os cabelos, remetem-nos, também, às metáforas de força e virtude, um caso clássico temos em Sansão e Dalila. O cabelo também está ligado à simbologia religiosa. Não é incomum, no interior dos estados, que mães façam promessas a santo e ofereçam como sacrifício o cabelo de seus filhos, que só serão cortados em determinada data. São pequenas fagulhas de mundos que se interligam: fé, virtude, força, religiosidade, submissão. Todos esses preceitos habitam o universo literário de Cora.

Outra metáfora que merece destaque é a da pedra. Tão forte este símbolo em sua vida e na vida de todos nós, porquanto esse elemento simboliza os percalços, os entraves que cotidianamente se interpõem em nossa estrada.

De fato, havia muitas pedras em seu caminho e a todas soube contornar, pular, subir nelas, conquistar, sentar-se nelas e esperar o momento oportuno de novamente reerguer-se para, com a paciência e a humildade de quem muito já viu, sofreu e viveu - recomeçar.

*Ajuntei todas as pedras  
que vieram sobre mim.  
(...)  
Tudo de pedra.  
Entre pedras  
cresceu a minha poesia.  
Minha vida...  
Quebrando pedras  
e plantando flores.  
Entre pedras que me esmagavam  
Levantei a pedra rude  
dos meus versos.*

Que pedras podemos imaginar que emperravam a vida de Cora? A falta de dinheiro, a infância pobre, a rejeição a que sempre foi submetida, as muitas mudanças e andanças... a incompreensão dos filhos e até “*um companheiro de pedra*”?

Meras interpretações do que podemos chamar de polifonia em seus versos. Qual a voz que fala? Qual a que se cala? Em cada um dos seus leitores, particularmente, essas vozes ressoam e ecoam. E vozes formam diálogos.

Convém que deixemos os versos de Cora penetrarem em nossa alma, de forma que possamos estabelecer diálogos, estreitar os laços, abrir os braços... Receber e passar adiante os mais variados sons, todos os barulhos do mundo nessa sinfonia humana que salta de sua obra.

Contudo, não nos apropriemos dessas vozes, porque a voz inicial tem dono, ou melhor, tem dona: D. Cora, D. Cória, Ana, Anica, Aninha..., que em sua bondade e sabedoria deixa que preenchamos os vazios, aquilo que não diz em seus textos e, assim, nos permite formar uma parceria de interatividade e comunicação que nos leva a partilhar de seu baú de histórias, adentrar pela porta sempre aberta da velha casa da ponte, sentar, como amigo íntimo em sua cozinha e provar de seus doces – literários ou não.

Sendo a metáfora figura de linguagem que altera o sentido de palavras e expressões, atribuindo-lhes outro significado, entre a base e o acrescentado, estabelecendo um ponto de intersecção, entre o lido e o entendido, podemos definir Cora Coralina, como um ser - por essência - metafórico.

Encontramos a presença de metáfora em seu próprio pseudônimo, um nome que começa no sertão, que traz em si a CORAgem<sup>119</sup> do sertanejo, que rompe mundos e se estende, abocanhando espaços por todo o planalto central, até desembocar no mar – CORALINA – do coral,<sup>120</sup> vermelha, enraizada, às vezes submersa, mas viva, presente, ativa.

Em seus poemas, a analogia consiste em relacionar conceitos, fatos e personagens ao mundo-comum de todos seus leitores. Seu texto é repleto de vozes polissêmicas,

---

<sup>119</sup> Sua filha, a escritora Vicência Bretas usou inicialmente esta metáfora em seu livro: *Cora Coragem, Cora poesia*. Contudo, a grafia CORAgem foi criada a partir do aprofundamento de estudos sobre Cora pela presente pesquisadora.

<sup>120</sup> O poeta Carlos Drummond de Andrade usou o nome Coralina para fazer a metáfora entre coral – mar – vermelho. Encontramos esse texto no prefácio da 4ª edição do livro *Vintém de Cobre – meias confissões de Aninha*. Goiânia:UFG,1987. p. 21-22. Drummond prefacia a obra com *Cora Coralina, de Goiás*.

polifônicas, dialógicas e heteroglóssicas:<sup>121</sup> múltiplas vozes que se misturam, se interpõem, se sobrepõem, utilizando-se da linguagem metafórica para transmitir toda a essência do regionalismo e toda a brasilidade do povo goiano.

A poeta soube utilizar-se com sabedoria das metáforas em seus versos e em sua prosa, para expor seus pensamentos e alcançar seus leitores. Através desse recurso, Cora pôde dar asas a sua vertiginosa criação literária e, assim, não sofrer represálias e retaliações, além do que já sofria, porque, em verdade, em sua cidadezinha, na sociedade da época, com o papel definido de mulher-mãe-submissa ao marido, não caberia, mesmo, que as coisas fossem assim tão esclarecidas. Daí, o valor das metáforas em sua obra.

## **4.2 - Confluência de vozes em seu universo literário**

---

<sup>121</sup> Heteroglossia significa a diversidade social de tipos de linguagens. Essa diversidade é produzida por forças sociais tais como profissão, gêneros discursivos, tendências particulares e personalidades individuais.

Cora é poeta das minorias, dos excluídos, dos renegados, relegados, dos solitários, dos desvaforecidos. Por sua poesia se extravasam múltiplas vozes. Podemos dizer que seu texto é polifônico.

Segundo Mikhail Bakhtin, polifonia é o choque entre multiplicidade de vozes; é a presença de outros textos dentro de um texto. Esse entranhamento de textos acontece através do universo literário do autor. Portanto, polifonia compreende a soma de textos que compõem a carga literária do autor, isto é, o conjunto de textos lidos anteriormente pelo autor e que, de uma forma mais velada ou mais explícita, retornam em sua obra. Esses textos deixaram marcas que influenciarão nos processos de escritura e de interpretação de textos. A polifonia também pode ser considerada como heterogeneidade enunciativa, que pode ser mostrada (no caso de citações de outros autores em obras acadêmicas, por exemplo) ou constitutiva (que não é mencionada diretamente, mas transparecida).

A língua é assumida nos processos enunciativos como forma de interação, em sua dimensão dialógica e interlocutiva. Na obra bakhtiniana encontramos reflexões a respeito do dialogismo<sup>122</sup> que pode acontecer entre sujeitos ou entre textos, manifestando-se por meio da pluralidade de vozes, a polifonia. Por ser a linguagem um produto da criação humana, tem uma dimensão histórica e social que não se desvincula, em nenhuma circunstância, de sua construção e de seus usos. A linguagem possui caráter ideológico profundamente arraigado no sujeito e na ação coletiva.

Cora segue, empiricamente, os preceitos de Bakhtin. É produto final dos muitos eus e das muitas vozes que compõem seu mundo. A sua linguagem possui uma forte carga dialógica; seu texto comporta duas faces: é escrito pelo eu da autora e para o eu dos outros. Essa interação verbal reflete o caráter dialógico e polifônico de seus textos.

Segundo (Bakhtin, 1981:85): *“a palavra é um território compartilhado, quer pelo expedidor, quer pelo destinatário”*.

---

<sup>122</sup> Dialogismo é o que Mikhail Bakhtin define como o processo de interação entre textos que ocorre na polifonia; tanto na escrita como na leitura; o texto não é visto isoladamente, mas sim correlacionado com outros discursos similares e/ou próximos. Em retórica, por exemplo, é mister incluir no discurso argumentos antagônicos para poder refutá-los. Dialogismo se da à partir da noção de recepção / compreensão de uma enunciação a qual constitui um território comum entre o narrador e leitor. Pode-se dizer que os interlocutores ao colocarem a linguagem em relação frente um a outro produzem um movimento dialógico.

Para Bakhtin a palavra procede de alguém e se dirige para alguém; ela se orienta em função do interlocutor:

A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra se apóia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.<sup>123</sup>

A língua é vista como um fenômeno social, histórico e ideológico, a comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse vínculo com a situação concreta.<sup>124</sup>

A verdadeira substância da língua é constituída “pelo fenômeno social da interação verbal, realizada por meio da enunciação ou das enunciações”.<sup>125</sup>

Conforme Bakhtin, o diálogo é o princípio constitutivo da linguagem, isto significa dizer que, em qualquer campo, a linguagem está impregnada de relações dialógicas. O diálogo se constrói socialmente e precisa de, no mínimo, dois interlocutores cujos discursos são impregnados de influências do contexto em que vivem e se relacionam.

Em 1929, em sua obra *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Bakhtin grafou, pela primeira vez, a palavra polifonia e atribui-lhe significação para se referir à pluralidade de vozes que podem manifestar-se em uma mesma obra. Bakhtin entendeu que, em Dostoiévski<sup>126</sup> circulavam múltiplas vozes, de maneira que, ao lermos a obra de Dostoiévski, a percebemos não como de um só escritor, mas como a síntese de um conjunto de escritores e filósofos que falavam pela voz do escritor russo.

Este diálogo entre textos pode ser chamado de intertextualidade<sup>127</sup>. A obra de Cora Coralina é repleta de múltiplas vozes que ecoam por seus versos e seus escritos. Nesse sentido, a sua linguagem carrega um forte conteúdo ideológico; é variável, flexível, mutável, histórica, intertextual e polissêmica. Ela transforma a língua portuguesa em sua língua. Possui um jeito muito próprio e característico de deixar que

<sup>123</sup> BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel e Yara Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1992. p.113.

<sup>124</sup> Idem. p. 124

<sup>125</sup> Ibidem. p.122.

<sup>126</sup> Fiódor Mikhailovich **Dostoiévski** (Moscou, 11 de Novembro de 1821 — São Petersburgo, 9 de Fevereiro de 1881) – ocasionalmente grafado como *Dostoiévsky* – foi um escritor russo, considerado um dos maiores romancistas da literatura russa e um dos mais inovadores artistas de todos os tempos. É tido como o fundador do existencialismo. A obra dostoiévskiana explora a autodestruição, a humilhação e o assassinato, além de analisar estados patológicos que levam ao suicídio, à loucura e ao homicídio: seus escritos são chamados por isso de ‘romances de idéias’, pela retratação filosófica e atemporal dessas situações. O modernismo literário e várias escolas da teologia e psicologia foram influenciadas por suas ideias.

<sup>127</sup> Intertextualidade é considerada propriedade constitutiva do texto. O seu significado é produto da intersecção de um texto com outros textos. O resultado da intertextualidade resulta numa mistura de visões da realidade, diferentes relações textuais e culturais, ou seja, a bagagem literária de quem escreve.

as múltiplas vozes transbordem de seu texto para o pensamento do leitor, instigando-o, exigindo dele uma postura a respeito dos que “falam” em seus textos e das situações que evidencia.

Cora, por exemplo, abre espaço para o menor infrator e deixa que ele mesmo nos convença; e mais, convença as autoridades de nosso país, a respeito de suas necessidades, que continuam iguais às do século passado. A obra de Cora propicia crescimento pessoal, auxiliando na compreensão do mundo e na transformação individual.

Desde muito Cora Coralina enxergou que políticas públicas sociais precisavam ser dirigidas para solucionar o problema das *medidas inoperantes e superadas dos que tudo podem*.<sup>128</sup>

*Oração do Pequeno Delinqüente  
Fazei, Senhor, presente  
a razão dos que me julgam,  
que enquanto os filhos de pais abastados  
tinham escolas escolhidas,  
alimento, recreação, carinho e brinquedos,  
eu filho de pais ignorantes e pobres,  
era uma criança marginalizada,  
perdida pelas ruas,  
detida no pátio das Delegacias  
driblando os guardas,  
solerte e malandrim  
às voltas com o Juizado de Menores..  
Eu tinha fome.  
Sonhava com um bife bem grande.  
Um pastel enorme, uma fruta.  
Um doce sem tamanho.  
Eu era menor abandonado.  
Correndo dos guardas  
sozinho, sem escola e faminto.  
Meu Deus, acordai o coração dos meus juízes.*<sup>129</sup>

Cora Coralina preocupou-se também em dar voz aos presidiários. Talvez por sua intensa religiosidade e compaixão cristã, via nessas pessoas o resultado da

---

<sup>128</sup> Idem. p. 233.

<sup>129</sup> Ibidem. p. 232.

incompetência do Estado em tratar os cidadãos em igualdade de condições, conforme apregoa o parágrafo quinto<sup>130</sup> da Constituição Federal:

*Oração do Presidiário*<sup>131</sup>

*Senhor Deus, dai-me o que preciso, melhor sabeis do que eu, perdido e só na malha dos meus erros, cego para o conhecimento da Vossa Vontade*

*.(...)*

*Fazei, Jesus, que eu sinta a Vossa Justiça de estar aqui, embora segregado, em vez de estar num manicômio ou numa Casa de Inválidos, irremedialmente condenado e sem esperança.*

*Senhor, dai-me*

*(...)*

*Fortaleza para viver como ser humano dentro de uma prisão*

*.(...)*

*Paciência para viver minhas limitações.*

*Inteligência para ser digno no meu apagamento, humilde sem nunca me sentir humilhado. (...)*

Ao dar voz ao presidiário, em forma de oração, a escritora expõe também uma chaga social. Contudo, crê na possibilidade da recuperação deste indivíduo, quer seja pela atuação da comunidade e por ações políticas, quer seja por sua fé em Deus.

A temática de Cora é comprometida com as relevantes questões sociais de seu tempo e lanceiam um olhar para o futuro, de maneira que estas múltiplas vozes colocam-se à disposição para a análise de situações acontecidas e, ainda, possíveis de acontecer:

*A outra face*<sup>132</sup>

*Tudo deserto.*

*Alguém sozinha*

*na noite*

*no frio*

*procurando os berços*

*que já não cabem os meninos.*

*Eles cresceram tanto*

*que já não cabem nos berços.*

---

<sup>130</sup>Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

<sup>131</sup> Ibidem. p. 234-235.

<sup>132</sup> Ibidem. p. 222-223.

*Outras crianças virão?  
 Já não se precisa de berços?  
 Onde estão as criancinhas?  
 Indesejáveis, por aí...  
 nas creches.*

Sua intenção poética foi (des)pretensiosa, talvez porque tenha sido aluna do banco das atrasadas da Mestra Silvina, ou ainda porque a poesia lhe brotava pelos poros e fosse assim, quase, uma extensão contígua à lida simples de dona de casa e doceira.

Somente seu olhar perscrutador, sábio e sensível conseguia transformar os casos corriqueiros, os assuntos familiares, a tristeza da vida sofrida pelos pobres da região, a esperança do plantar e do colher, a falsa alegria da mulher da vida, o sofrimento dos presidiários e dos meninos de rua, entre outros seres que habitaram sua mente e seus escritos, em poesia-denúncia.

Entretanto, sua denúncia não era daquelas de alvoroçar, dada a repentes, a clima de rebeldia. Não, sua denúncia consistia em observar e escrever sobre o cotidiano da vida dos simples, dos humildes. Em palavras de hoje, poderíamos dizer que seus textos portavam a voz das minorias. Essa afirmativa é bem nítida nesta passagem:<sup>133</sup>

*As lavadeiras nunca se cansam.  
 Lavam de dia, passam de noite.  
 Sua tina d'água, seu ferro de brasa,  
 Seus prendedores, seus anseios, necessidade.  
 Mantendo, equilibrando a pobreza, até o final.  
 E uma me exemplou um preceito de fé.  
 "Graças a Deus  
 que Deus ajuda muito os pobres..."  
 Foi tão profundo o conceito  
 que fiquei sem entender.*

Ao relatar a lida dos simples, Cora, por querer e por saber, denunciava as desigualdades, as injustiças sociais. A poeta deixa-nos um valioso manancial de testemunho histórico em forma de poesia histórica. O pensamento de Manuel Antônio de Castro bem sintetizou o que vem a ser uma poética histórica:

A vivência do tempo unitário, como realização, como visualização do homem em sua historicidade, pode ser resgatada no acontecer. Este é um fenômeno fundamental da humanização do homem. O alcance histórico do Acontecimento é consumir no pensar a experiência da verdade do ser. Ele

---

<sup>133</sup> In Vintém de Cobre – Meias Confissões de Aninha. Ofertas de Aninha (Às lavadeiras). Goiânia: UFG, 1984. p.77

nos remete para o caminho do real. Nesse caminhar o homem chega a ser o que é, e isso é histórico.<sup>134</sup>

A sua linguagem clara e, em contrapartida, densa em expressividade, dá voz e vez aos inúmeros problemas sociais que habitaram seu passado e sua sociedade e, ainda, amedrontam os moradores deste planeta, nos austeros e sofridos dias atuais:

*Menor abandonado*  
*Versos amargos para o*  
*Ano Internacional da Criança, 1979.*

*De onde vens, criança?*  
*Que mensagens trazes de futuro?*  
*Por que tão cedo este batismo impuro*  
*que mudou teu nome?*  
 (...)
 *Criança periférica rejeitada...*  
*Teu mundo é um submundo.*  
*Mão nenhuma te valeu na derrapada.*  
 (...) *Há um fosso entre três mundo.*  
*E tu, menor abandonado,*  
*És o entulho, as rebarbas e o aterro*  
*Desse fosso.*

*Acorda, Criança,*  
*Hoje é teu dia... Olha, vê como brilha lá longe,*  
*na manchete vibrante dos jornais,*  
*na consciência heróica dos juízes,*  
*no cartaz luminoso da cidade,*  
*o ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA.*<sup>135</sup>

O poema foi escrito em 1979, para um evento de discussão sobre a criança, tendo como subtema o “menor abandonado”. O que mudou desde então? Podemos reconhecer a voz do menor abandonado de nossos dias atuais nos versos de Cora?

Se nos adentrarmos no problema, veremos que muito pouco se alterou, e o menor abandonado continua sendo um *entulho, rebarba, aterro do fosso*.

Retomando, ouvem-se, incontestavelmente, as múltiplas vozes que por sua poesia se extravasam. Isso podemos perceber pela intertextualidade de e em seus textos, que formam um coral cuja batuta é uma literatura de combate à exclusão social e fonte para o enfrentamento de situações preconceituosas.

<sup>134</sup> In CASTRO, Manuel Antônio de. *O Acontecer Poético – A história da Literatura*. Rio de Janeiro: Antares, 1982. pp. 12-13

<sup>135</sup> In Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais. Goiânia: Global. 2003. p. 222-228.

## 5 – Algumas considerações finais

Esta dissertação de mestrado teve seu título original redigido como: Cora (coral) Coralina: confluência de vozes em seu universo literário. Porém, na tentativa de aproximá-la do discurso científico, sem perder a subjetividade, optamos por retirar o (coral) que, inicialmente, aparecia entre parênteses. Tal colocação tinha a intenção, desde o início, de conduzir os leitores dessa pesquisa para um aporte intertextual entre as questões que são tratadas durante a segunda parte do texto, a saber: metáfora, polifonia, múltiplas vozes, intertextualidade.

Para não ocasionar uma ambiguidade é que a palavra coral foi retirada. Mesmo porque retomo este assunto no último capítulo e, então, explico toda a carga metafórica presente na palavra. Contudo, quero destacar que o nome da autora, por ressonância, carrega implícita esta intenção inicial.

Também, neste meu próprio discurso perpassa uma linguagem científica imbuída de intensa carga subjetiva, pois que é impossível falar de Cora e tratar de sua obra sem se deixar contagiar pela subjetividade, pelo lirismo, pelas emoções diversas, pelas múltiplas vozes em que seus textos são embalados.

Duas finalidades básicas pautaram esta pesquisa: aprofundar no estudo da vida e obra de Cora Coralina e analisar a possível contribuição literária de seus textos. Para este convencimento foram abordadas as facetas, que a mim foram visíveis em sua obra: Cora metalinguista, rapsoda, dos goiases, erótica, metafórica, polifônica.

No que se refere ao dialogismo e à intertextualidade, através da fundamentação teórica estudada, procuramos reafirmar alguns conceitos básicos, mormente o tema, de forma direta ou indiretamente, e inverter ou refutar alguns deles, de maneira que a polêmica seja lançada, analisada e as conclusões sejam do leitor desta dissertação.

Ao nos referirmos à polifonia - hoje intertextualidade - procuramos ressaltar que todo texto é produto de múltiplas vozes, de uma criação coletiva. Quem produz o texto não é apenas o escritor. O produtor de um texto é tão somente mais uma voz integrante desse imenso coral de vozes literárias que formam o todo do texto.

A intencionalidade dessa dissertação está na tentativa de provocar a leitura crítica. Essa dissertação pretendeu, inclusive, demonstrar que os textos precisam de um contexto, de uma história, literária ou não, que possibilite o reconhecimento dessas

outras vozes e, a partir desse resgate, estabelecer entre elas o confronto, para que seja formado o próprio ponto de vista sobre o enfoque abordado na temática.

As ideias de Bakhtin apontam para pensar de modo dialético<sup>136</sup> a realidade social e, assim, percebermos a palavra, cada uma em especial, em todas as suas possibilidades. Seja no aspecto semântico ou estilístico, as palavras revelam experiências e valores de uma determinada cultura. Ao tomarmos a palavra como referencial nos textos de Cora Coralina, passamos a vivenciar o dialogismo. Essa prática dialógica se estabelece entre a poeta, seus textos, os sujeitos-leitores e seus textos e, ainda, com e entre outros textos.

A leitura da obra de Cora Coralina possibilita o reconhecimento de que é através do conjunto de discursos que interpelam o indivíduo ao longo de sua vida que se pode formar uma consciência comprometida e equilibrada com o cosmos. . A leitura de Cora Coralina oportuniza-nos a aquisição de uma nova consciência social possibilitadora de articular a interação entre teoria e prática, visando a relação dialógica entre os sujeitos leitores e criadores da literatura.

Nesse sentido, analisamos a fala que perpassa pela obra coralineana, os discursos da vida cotidiana que refletem ideologias, valores, culturas e ideias que representam a sociedade em que os textos e discursos foram produzidos. Certo é que esses discursos veiculam ideologias, mas, se por um lado inculcam essas ideologias, por outro lado, é por meio da reflexão sobre estas ideologias, da nossa capacidade de interpretação e correlação dialógica que teremos possibilidade de alterar a realidade com a qual não concordamos.

Assim, a leitura possibilita uma nova aprendizagem a respeito de velhos temas e será encarada como um interessante desafio que, ao ser vencido, cotidianamente, resultará em conhecimento, entretenimento, diversão e nova consciência social. Ler é atividade fundamental. A leitura leva o leitor à expansão de experiências e a participar da transformação e democratização da conjuntura social. Em especial, a leitura de Cora, consegue incentivar o espírito de cidadania, o respeito e aceitação das diferenças (sociais, físicas, geográficas, psicológicas, etc.).

A prática da leitura da obra coralineana deixa-nos categóricos quanto ao fato de que, quanto mais lemos, mais se nos amplia a capacidade de perceber vestígios

---

<sup>136</sup> Dialética refere-se à arte do diálogo, da contraposição e contradição de idéias que leva a outras idéias. No diálogo, demonstra-se uma tese por meio de uma argumentação capaz de definir e distinguir claramente os conceitos envolvidos na discussão

intertextuais no texto lido e, assim, possibilita-nos (re)estabelecer as relações com outros objetos culturais, o que poderíamos chamar de manancial literário do receptor

Na perspectiva de engrandecer o manancial literário de quantos a possam ler é que apresentamos a escritora Cora Coralina, poeta de Goiás e do Brasil - Cidadã do mundo! Como bem representa sua neta Ana Maria Tahan,<sup>137</sup> ao nos dizer sobre a *Cora que criou asas e ganhou o mundo*.

Através da leitura de Cora Coralina fica possível vislumbrar todo o poder da palavra e perceber que é nas relações dialógicas, nas situações de enunciação e interlocução de que participamos todos os dias que podemos colocar em prática a nossa cidadania, fazendo uma opção entre reproduzir ou mudar o social.

Afinal, após este estudo, esperamos que as indagações iniciais a respeito da obra de Cora Coralina possam ter sido, em parte, respondidas. Quiçá as reflexões aqui ponderadas sirvam de elemento facilitador para a ampliação do universo literário de muitos leitores.

Que a leitura de Cora Coralina possa incentivar o gosto pela leitura de fruição. Que seus textos possam contribuir para a formação de um leitor crítico e reflexivo. Que encontremos na obra de Cora Coralina referencial para o enfrentamento de situações preconceituosas, sejam elas linguísticas, ou não.

Que essas reflexões contribuam para a assunção de uma postura e ideal a ser alcançado de se colocar a literatura como instrumento de combate à exclusão social. Para terminar, reiteramos a proposta desta dissertação. Esperamos que Cora Coralina seja, em maior intensidade, reconhecida e valorizada literariamente; que essa mulher e a forma em que ela se expressa despertem e mantenham nos sujeitos o amor pela poesia, pelo simples, pelas questões sociais, enfim, pela literatura, pois ler Cora é sentir a alma repleta da ontogênese universal da vida.

---

<sup>137</sup> Ana Maria Tahan é jornalista. Formada pela Escola de Comunicação da USP, estagiou, durante os anos de faculdade, na editoria de economia da Folha de São Paulo. Formada, foi chamada para trabalhar no Jornal do Brasil de São Paulo e lá ficou de 1977 a 1988. Neste ano, trabalhou por quatro meses na TV Cultura, indo trabalhar, em seguida, no jornal Estado de São Paulo. Trabalhou também na TV Record, na TV Gazeta, na CNT e na revista Época. Teve também participação na campanha de Marta Suplicy para a prefeitura de São Paulo.

Atualmente, é editora-chefe do JB e participa, às quartas-feiras, do quadro "As meninas do Jô", ao lado do anfitrião Jô Soares.

### **Bibliografia:**

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.

ARANTES, Célia Siqueira. "Cora Coralina". In: CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 4ª edição. São Paulo: Global, 1990.

BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito da leitura*. São Paulo: Ática, 1986.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Dialogismo, polifonia Intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 2003.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel e Yara Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1992.

BORTONE, Márcia e BORTONI-RICARDO, S. M. *Modos de Falar / Modos de Escrever*. Programa Pro-Letramento Brasília: MEC. Fascículo 6. 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em Língua Materna – A Sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1983.

BRUNEL, Pierre (organização). *Dicionário de Mitos Literários*. Brasília: EdUnB, 1988.

CASTRO, Manuel Antônio de. *O Acontecer Poético – A história da Literatura*. Rio de Janeiro: Antares, 1982.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro. José Olympio, 1982.

CORALINA, Cora. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1987.

\_\_\_\_\_. *Meu Livro de Cordel*. São Paulo: Global, 2002.

\_\_\_\_\_. *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 2003.

\_\_\_\_\_. *Villa Boa de Goyaz*. São Paulo. Global, 2001.

\_\_\_\_\_. *Estórias da Casa Velha da Ponte*. São Paulo: Global, 1986.

- \_\_\_\_\_. *O Tesouro da Casa Velha*. São Paulo: Global, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A moeda de ouro que um pato engoliu*. São Paulo: Global, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Os Meninos Verdes*. São Paulo: Global, 1996.
- FREUD, Sigmund. *Esboço de Psicanálise*. São Paulo: Imago, 1989.
- FREYRE, Gilberto. *"Unidade e diversidade, Nação e Região"*. In: *Interpretação do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.
- \_\_\_\_\_. *Manifesto regionalista*. Recife: FUNDAJ, Massangana, 1996.
- HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Nova Cultural. Coleção Os Pensadores. 1989
- \_\_\_\_\_. *Introdução à Metafísica*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2003.
- LIMA, da Silva Omar. *Cora Coralina & Vozes Emersas*. Guarapari: Ex-Libris, 2007.
- KLEIMAN, Ângela B. (org.). *Os significados do Letramento*. São Paulo: Mercado das Letras, 2001.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- NERUDA, Pablo – *Para Nascer Nascer*. São Paulo. Difusão Editorial, 1980.
- PAIXÃO, Fernando. *O que é poesia – Coleção primeiros passos*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- ROSA, Heitor. *"Poema com Açúcar"* para Aninha. In: CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 1990.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da & ZILBERMAN, Regina. *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1991.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Elementos de pedagogia da leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Leitura na escola e na biblioteca*. São Paulo: Papyrus, 1986.

\_\_\_\_\_. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo: Cortez, 1991.

TAHAN, Vicência Brêtas. *Cora coragem, Cora poesia*. São Paulo: Global, 1989.

TOLEDO, Dionísio de Oliveira. *Teoria da Literatura – Formalistas Russos*. São Paulo: Globo, 1971.

VELLASCO, Marlene Gomes. *A poética da reminiscência: estudos sobre Cora Coralina*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras e Linguística. Goiânia-GO. UFG 1990.

## **7- Anexos:**

### **7.1- DEPOIMENTOS**

#### **Depoimento de Vicência Tahan**

#### **Filha de Cora Coralina**



Ser filha de Cora Coralina é ter muito orgulho e muita responsabilidade com tudo que representa a escritora.

O legado da certeza de que tudo tem seu momento certo. Não desistir:  
**PERSISTIR.**

Ela nunca perdeu a simplicidade.

Fato marcante em nossas vidas foi a naturalidade com que recebeu homenagens, troféus e títulos.

Minha mãe foi um exemplo e grande incentivo para que eu escrevesse.

## Depoimento de Célia Bretas Tahan

### Neta de Cora Coralina



Tem uma história sobre mim e a minha avó que costumo contar quando falo sobre ela nas escolas aqui do Tocantins. Então, vou contá-la a você.

Quando eu tinha 5-6 anos, morava em Anápolis (GO). Uma vez, ouvi minha avó conversando com a minha mãe e dizendo que precisava juntar dinheiro para comprar uma geladeira. Com a geladeira, poderia fazer e vender mais doces e ter o suficiente para publicar seu primeiro livro. Para quem não sabe, o escritor precisa pagar para publicar seus livros e recebe cerca de 10% do valor de capa que é bem mais baixo que o preço cobrado nas livrarias.

Eu juntava moedas que o meu pai dava para comprar balas, pirulitos, estas guloseimas. Então, perguntei para a minha mãe se poderia dar minhas economias para a minha avó. Minha mãe concordou e lá fui eu, com a minha ingenuidade de criança, dar aquelas poucas moedas para a minha avó, para ajudá-la a comprar a geladeira.

O fato é que minha avó nunca esqueceu deste fato. Sou a única neta para quem ela escreveu um poema (Cigarra cantadeira e formiga diligente). E, em todas as

dedicatórias de livros ela fala da menina que salvava cachorrinhos da enxurrada e que lhe deu suas economias de criança para ajudá-la na publicação de um livro.

Cora Coralina, minha avó, é a minha força e a minha inspiração. Cada vez que as coisas se complicam e penso em desanimar, lembro que sou neta dela e que tenho força de sobra para enfrentar e vencer qualquer dificuldade.

**Depoimento: Dr. Paulo Salles****Neto de Cora Coralina**

Paulo Salles é biólogo e Professor Adjunto 4 do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de Brasília, onde atua desde 1991. Em 1997, recebeu o grau de PhD em Ecologia na Universidade de Edimburgo, Escócia, e atualmente é professor dos Programas de Pós-graduação em Ecologia e em Ensino de Ciências da UnB. Atua também no curso de graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas, em projetos de pesquisa nacionais e internacionais e em atividades de extensão relacionadas com a formação de professores em serviço e com a capacitação de gestores de recursos hídricos. Paulo Salles é ainda 1º Vice-Presidente do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Paranaíba (2008-2010) e membro do Conselho de Recursos Hídricos do Distrito Federal (CRH-DF).



Cora Coralina, para mim, tem duas dimensões: A primeira é a de um ser humano muito marcante e foi assim que tive contato com ela. E a outra dimensão é de uma escritora uma pessoa que levou sua mensagem a outras pessoas e continua levando até hoje. Com relação a Cora escritora, vim a conhecê-la mais tarde, quando era menino,

ouvia dizer que ela escrevia, mas isso não fazia muito significado para mim e depois eu fui aprendendo que a literatura dela estava muito ligada à cidade dela.

Mais adiante pude aprender também e verificar nela aquela máxima de que o universo está no quintal da casa da gente. Acho que ela vivenciou isso bastante porque embora ela morasse naquela pequena Cidade de Goiás, distante de muitas outras coisas ela era uma pessoa extremamente atualizada, extremamente antenada. Ela sabia de tudo que estava se passando em todos os outros lugares.

A sua escritura recriava essas informações que ela recebia de todo o mundo e de uma certa forma, ela transformava aquela realidade de sua pequena cidade neste sentimento, nessa visão universal que ela adquiria pela literatura, pelas experiências pessoais e pelos visitantes.

Para mim foi uma experiência muito rica de vida, conviver com ela como uma pessoa comum, que tinha posições, argumentos muito bem definidos. Uma pessoa capaz de olhar o mundo e extrair coisas interessantes do mundo e dividir essa visão com os outros. Eu aprendi muito com ela, aprendi mesmo.

Também me orgulho em ver que Cora tinha uma mensagem que ultrapassou os limites daquela cidade. Então, minha relação com Cora foi de profunda admiração e aprendizado.

A Cora avó não era uma pessoa melosa. Isso não era da personalidade dela. Ela era carinhosa, mas não no sentido de ficar derretida com as pessoas. Ela veio de um tempo duro em que o contato físico era resguardado. Um tempo de pobreza, um tempo em que as coisas eram mais difíceis. E as relações entre os adultos e as crianças eram muito distante. Ela dizia coisas sobre a sua infância e sabemos que ela não teve uma infância fácil. Ela também contava casos de pessoas que ilustravam ainda melhor esse relacionamento entre o adulto e a criança.

Ela contava uma história que me marcou muito. Que tinha um amigo de escola muito levado, mas muito levado mesmo, muito cheio de travessuras. Como forma de educá-lo sua mãe o amarrava na mesa. Fiquei impressionado ao saber que esta senhora amarrava o filho na mesa com uma linha e não com uma corda ou uma corrente, era uma linha. Cora dizia que a mãe do menino prendia o espírito do menino à mesa. O menino se quisesse poderia quebrar a linha e sair, mas seu espírito estava aprisionado ali. Essas práticas traziam até certo sadismo, ranço da escravidão, que ainda era próxima. Havia também o castigo dos “bolos” com palmatória, aplicados em casa e na escola.

Cora aproveitava o fato de ter uma longa vida para comparar as coisas que viu ao longo do tempo e ela citava essas histórias para nos advertir que o tempo de antes era sempre pior que o de hoje. Ela dizia que as pessoas idealizam o passado achando que era melhor e ele não era, aliás, era pior em muitos aspectos. Cora dizia que as crianças não tinham a atenção de hoje, o respeito de hoje. Os pais não tinham o carinho, o cuidado, o amor que têm hoje em dia. Um castigo como esse, hoje em dia, é inaceitável, naquele tempo era até louvável. A sociedade abonava: a mãe estava educando o filho. Por isso ela sempre dizia que o tempo presente era infinitamente melhor que o do passado.

Minha relação com minha avó Cora Coralina sempre foi cheia de lições, de ricos momentos de aprendizado. Ela tinha umas mensagens que ela sempre voltava a elas, uma que me marcou também foi sua mensagem sobre o trabalho, a importância do trabalho. Ela dizia assim: “Olha para essa sala, não tem nada que se veja aqui que não seja fruto do trabalho de alguém. E o trabalho de alguém nos proporciona isso. O trabalho é uma forma de realização e uma forma de propiciar aos trabalhadores novas oportunidades. O mundo se transforma pelo trabalho e o valor do trabalho esta em sua capacidade de mudar o mundo”.

Ela acreditava também que poderíamos ter um mundo melhor se as pessoas olhassem para o aspecto da violência, da educação e do trabalho como força transformadora. Ela não tinha uma visão ingênua de que o mundo seria melhor por nada, mas através do trabalho.

Li a obra de minha avó e por muitas vezes tive a oportunidade de vê-la recitando seus poemas.

Minha avó tinha uma ligação com a Cidade de Goiás, tanto que voltou para lá. Ali estavam enterrados todos seus antepassados. Minha avó e meu avô foram para São Paulo e moraram em algumas cidades dali. Minha mãe, Jacintha nasceu em Jaboticabal.

Eu mantenho uma forte ligação com a Cidade de Goiás por conta da Casa de Cora Coralina. Quando a Cora morreu, nós ficamos preocupados com o que iria acontecer com a casa. A casa estava na mão dos herdeiros e todos eles viviam na cidade de São Paulo, nenhum deles tinha condições de morar em Goiás e ficou aquele impasse. Essa casa é uma casa grande, histórica, um lugar maravilhoso e naquela ocasião, nós decidimos fundar uma associação: Casa de Cora Coralina, sem fins lucrativos, por pessoas que queriam manter a memória viva de Cora. Meu irmão, eu e algumas pessoas ligadas à Cora fundamos a Associação.

Naquela época, por coincidência, entrava em vigor a Lei Sarney de incentivo à cultura. Por intermédio dessa lei conseguimos uma construtora de Belo Horizonte que doou o dinheiro para a compra da casa e a Associação Casa de Cora Coralina comprou a casa dos herdeiros.

A casa de Cora foi transformada em museu e uma parte do material deixado por ela foi doado pela família para o museu. Outra parte, inclusive escritos inéditos, encontram-se sob a guarda de sua filha – a única viva – Vicência Tahan, que também é escritora. Essa tia lembra muito a Cora, inclusive com o tom de voz, da entonação, do gestual. Ela declama poemas da Cora de forma muito bonita. Ela faz a gente lembrar de Cora vivamente.

Vim morar em Brasília por conta de um irmão que já morava aqui e trabalhava num jornal. Vim aos 17 anos, passei no vestibular, estudei, segui meus estudos acadêmicos e hoje sou professor da UnB. Dessa forma passei a visitar muito a Cidade de Goiás e ainda, sou uma visita freqüente.

Comecei a vida como professor e a Cora dedicou muito espaço à educação em seus escritos e ela fazia uma grande diferença entre o professor e o mestre. Ela dizia que o Mestre tem discípulos, ele mestreia.

Minha avó está sempre presente em minha vida. Em minha juventude passei um longo período morando com ela. Seus ensinamentos estão vivos em minha profissão e em minha vida.

**Depoimento: Antônio Marques**

**Jardineiro da Casa de Cora**



Meu nome é Antônio Marques e já trabalhei,, antes aqui na Casa de Cora como jardineiro, mas tive de ir para Goiânia por motivo de separação e já tem cinco anos que retornei para a Casa de Cora. Sou muito feliz em meu trabalho, entro às 7h da manhã e saio às 1h da tarde. Ganho pouco, aí a Diretora da Casa me dá algumas horas do dia para fazer outros trabalhos nos jardins da cidade.

Eu conservo o quintal da Casa de Cora para resgatar as plantas do tempo dela viva e outras plantas que não tinham por aqui e depois do falecimento dela acabaram-se, por exemplo: Maria sem vergonha, laranja da terra, baunilha, figo, plantas de fazer doce. Algumas estavam muito doentes e eu tive que tirar, mas com o tempo quero trazer todas de volta. Eu cataloguei todas elas. O tanto que saiu eu vou replantar, inclusive estou fazendo mudas de plantas frutíferas.

Esse plantio meu é para realizar o sonho de Cora que queria que a Cidade de Goiás fosse cheia de mangas de qualidade, cheia de laranja, de cidra.

Conheci Cora Coralina, quando eu tinha 10 para 11 anos. Já vendi muito chuchu para ela, ela colhia e eu ia para a rua vender. Ela sempre recomendava para mim que não deveria vender chuchu que havia sido colhido num e vender no outro. Ela pegava no chuchu para ver se ele estava pregando, se tinha aquela aguinha no chuchu, ela tinha a mania de enfiar a unha no chuchu. Conheci também a Maria Grampinho, Seu Vicente e parentes dela. Eu aprendi muito sobre jardinagem com o Seu Vicente, sempre fui uma pessoa de respeitar e aprender com os mais velhos.

As lembranças que tenho da Maria grampinho são muito tristes. Eu estudava numa escola que hoje não existe mais: Escola Municipal D. Colombina Caiado de Castro, e quando eu saía da aula, nos anos de 1978-79-80, sempre encontrava a Maria Grampinho comendo lavagem, muitas e muitas vezes vi corós caindo das mãos dela e ela comendo. O povo da cidade achava que ela era louca, mas ela não era. Era uma coitadinha, uma andarilha, não tinha ninguém por ela a não ser a D. Cora e o Seu Vicente. Ela dormia aqui no porão toda noite. Ela entrava pela frente e vinha direto para o porão.

Uma coisa que lembro muito de Cora é que toda vez que eu chegava aqui, ela estava sentada na cadeira dela, na sala, aí ela pedia pra eu colocar a cadeira na calçada perto da ponte e ficava por ali por horas quase até escurecer, olhando para o Rio Vermelho. Em outros momentos ela ia para o quintal e ficava admirando os pés de ata, tinha muito pé de ata por aqui.

Lembro que um dia cheguei aqui para o serviço de sempre e tinha um senhor todo de branco, com uma bengala que ficou me perguntando sobre a Cidade de Goiás. Só depois de muitos anos é que fui saber que este homem era o escritor Jorge Amado.

Eu leio muito pouco da obra de Cora Coralina, só tenho tempo de ler à noite quando começo a ler meus olhos se enchem de lágrimas. Confesso que eu só comecei a dar mais valor a ela, depois que passei a me envolver com pessoas que a admiram, que vivem por Cora, que são fanáticas, com os turistas que vêm aqui e falam sobre ela. Existem turistas maravilhosos, desses que quando vão embora deixam saudades.

Os turistas me dizem que cuidar do jardim, do quintal de Cora é privilégio para poucos. E eu sinto orgulho do que faço. Aprendi a amar Cora. Procuro preservar também as plantas que ela mais gostava: avencas, samambaia de renda. Bem neste lugar ela tinha plantado um pé de funcho. Eu replantei o funcho e olha ele aí de novo. Eu fico feliz de replantar as plantas da D. Cora, por exemplo como o guiné vermelho, a folha de

Santana que é planta aromática para defumar a casa e Cora usava muito. Eu tiro as mudas nas pedras dos morros, elas são nativas da região.

Essa parreira de uva deu muito trabalho para a recuperação. Aqui tem alfazema e este manacá tem cerca de cem anos que está plantado. Essa outra planta aqui, o jasmim do coração, os pesquisadores falam que foi a primeira planta ornamental a chegar no Rio de Janeiro trazida pela corte portuguesa. Fiz também o cantinho que a Cora tinha, aqui tem poejo, alecrim, arruda, sálvia, artemijo (Artemísia), bálsamo, gengibre, pimentinhas, carqueja, coisinhas que eram dela mesma. O pé de romã dela continua intacto.

Neste outro canto, tenho mudas que costumo dar de presente para as pessoas que tiram o seu tempo pra conversar comigo. Tenho: cajá, cajazinho, que vai produzir dentro de dois anos e muitas outras mais, cajueiro, folha de Santana, ipê, alfazema, dama da noite, maracujá, jaca, pé de guariroba, de manga rosa

Posso dizer que não só trabalho aqui, mas estudo, pesquiso e me divirto ajudando na manutenção da cultura goiana.

Cora gostava muito dessa biquinha, e ela é maravilhosa mesmo, só do Rio Bacalhau secar, outros rios secarem também e ela continuar sempre a mesma coisa é um fato maravilhoso.

Essa água vem do Morro da Antena, vem encanada num cocho de pedra sabão e aroeira, percorre um trecho de mais ou menos 1 quilômetro até chegar aqui. É água doce e pura.

**Depoimento: Alice de Santana Passos**

**Vizinha de frente de Cora Coralina**



Tenho 65 anos, e me lembro muito de Cora Coralina. Minha mãe foi muito sua amiga. Trabalhei muito com a obra dela, eu era Supervisora da Educação e, como admirava os poemas delas procurava levá-los aos alunos da Cidade de Goiás para que eles tivessem

contato com uma poetisa da cidade de reconhecimento nacional. Sempre trazia os alunos para conversar com ela. Todos os textos de Cora são muito atualizados, de fundo social, retratava bem a época dela e em todos seus textos podemos perceber mensagens: para os jovens, menores abandonados, presidiários e outros.

Quando terminei o Curso Normal ela me deu um álbum com uma dedicatória grande e linda.

Cora criou o dia do vizinho por conta de sua amizade com minha sogra, ela era muito amiga dela, tinha minha sogra como ponto de apoio. Minha sogra também escrevia e uma estava sempre mostrando os escritos de uma para outra.

Hoje eu não moro mais aqui, moro atrás da igreja do Rosário, nesta casa montei uma loja de artesanato e um café. A casa de minha sogra ficou para minhas duas cunhadas, mas elas só vêm aqui de vez em quando. Elas só vêm a passeio, moram em Goiânia.

Depois que me casei, mudei para Goiânia e tive um menino muito branco e loirinho, quando a gente estava na cidade, havia uma visita certa a ser feita, levar o menino para Cora ver, ela só o chamava de “meu portuguesinho”. Inclusive ela deu e autografou um livro para ele, até hoje ele guarda este livro. Ela falava sempre para ele que ele vivia em tempos bons, onde a criança era mais respeitada e contava as coisas que ela tinha vivido com sofrimento em sua infância.

Uma coisa que incomodava Cora era quando alguém perguntava a idade que ela tinha. Aí ela dava um jeito da pessoa ir embora bem rapidinho. Para a gente que era vizinha dela, ela era como um de nós, ela não se exibia e nem era tida como uma Personalidade. Era somente uma boa doceira e boa vizinha que era muito inteligente e escrevia os seus sentimentos.

Hoje a Casa de Cora é muito bem conservada, mas quando Cora morava aí, a casa era muito pobre, muito humilde. Ela era despojada de tudo, de qualquer luxo. Ela tinha os filhos que ficaram em São Paulo que se preocupavam muito com ela. Uma vez ele alugou essa casa minha por seis meses, enquanto ele fazia uma reforma na casa dela. O filho mais velho mobiliou a casa. Ela nunca se mudou para cá. A casa ficou alugada por seis meses. Ela dizia que gostava da casa dela e que não ia sair de lá, não. A reforma não foi feita e ela dizia também, que a casa estava boa assim, mas tinha pedaço até caindo.

## Depoimento – Jadeir Figueiredo Segurado

### Vizinha de Cora



Eu me lembro da Cora Coralina, ia lá para visitá-la. Lá na casa dela tem muitos livros, eu não tenho nenhum livro dela não, mas ela era uma boa doceira e uma boa vizinha. Já comi muito dos doces dela.

Ela era muito inteligente, mas também muito rusguenta. De estopim curto, ela era muito franca. Quando ela queria falar alguma coisa, ela falava mesmo. Se alguém fosse fazer uma visita, uma entrevista e perguntasse alguma coisa que ela não gostava... podia se preparar para a resposta.

O quintal dela é todo bem plantado e já era desde quando ela era viva. Tem uma biquinha de água pura que desce do alto da serra.

Tem mais de vinte anos que moro aqui e me lembro muito bem da Cora. E daqui só vou me mudar para o cemitério. Aqui é um bom lugar, o único problema que temos é com a enchente. Na última, eu estava em casa, a água chegou até esta altura (e mostra na parede um marco). Os móveis, a casa..., estragou muita coisa. Perdi muitas jóias, porque não deu tempo de pegar nada.

**Depoimento - Nair dos Santos****Moradora da Rua de Cora Coralina**

Tenho 92 anos, mas me lembro da Cora e já me encontrei com ela no mercado. Sempre que eu passava pela ponte eu tirava um dedo de prosa com ela. Às vezes passava lá para comprar salsinha, coentro e cebolinha. Ela cobrava de vez em quando, sempre ela não cobrava.

Eu estudei no Colégio Santana e a Cora era muito comentada por lá. Eu usei a saia de pregas azul marinho com blusa branca, meias três quartos e sapato de bico redondo preto.

A vida aqui em Goiás é boa demais. Tenho boas lembranças do meu tempo de menina, de moça.



**Depoimento – Marlene Vellasco**  
**Amiga de Cora Coralina**  
**Diretora da Fundação Casa de Cora Coralina**



Minha paixão por Cora vem desde a minha infância, desde menina, minha casa sempre em frente à Casa de Cora. Desde criança participo da vida de Cora. Na medida em que fui estudando e crescendo passei a datilografar os originais de seus escritos. Ela escrevia, lia para mim e trocávamos idéias a respeito de literatura. Cora despertou em

mim o gosto pela literatura. Meu contato com ela me fez apaixonar também pela literatura.

A memória que me vem de Cora é de uma mulher avançada, Cora Coralina foi sempre uma pessoa além de seu tempo. Cora sabia conviver com os jovens. Uma mulher de 90 anos conversava e entendia os jovens. Não se via diferença entre ela e os mais jovens. Ela sabia conviver com os jovens. Ela tinha palavras de otimismo e incentivo aos jovens.

Cora era uma mulher muito preparada. Admiro Cora porque mesmo sem que ela tenha passado pelos bancos da faculdade, adquiriu seu conhecimento através da leitura, ela lia o mundo e essa leitura de mundo ela levava para os seus textos, o seu cotidiano.

Ela dizia que o motivo dela escrever era a própria Cidade de Goiás. Cora dizia que esteve fora por muitos anos, mas que mentalmente ela estava aqui em Goiás.

Como eu convivia com Cora desde menina e aprendia admirá-la, com sua morte veio a ideia de criar a Fundação Cora Coralina. Eu sempre achei que era um compromisso meu manter o nome de Cora vivo. Os filhos de Cora, bem como seus netos nasceram longe daqui e assim não mantiveram o vínculo com a terra da avó.

Os amigos, vizinhos, admiradores de Cora, então, resolveram comprar o espólio dela e cuidar cuidando de sua memória. No dia mesmo que ela morreu, resolvemos criar a Fundação Casa de Cora Coralina, com o apoio de seu neto Paulo Salles, que é muito próximo da gente.

Essa entidade tem por objetivo principal manter a imagem e a memória da grande poeta Cora Coralina. A casa foi comprada com ajuda de uma grande empresa brasileira e reformada pelo Ministério da cultura. Mantivemos a casa preservada em sua originalidade, as paredes de adobe e pau a pique. Cora, ela própria deixou, em forma de versos a gênese da Casa, como foi construída, e isso facilitou o trabalho de recuperação da Casa Velha da Ponte respeitando todas as suas características.

Dessa forma, no dia 20 de agosto de 1989, inauguramos o Museu Cora Coralina. A família doou todos os móveis e objetos de Cora. Inclusive em 20 de agosto, dia do aniversário de Cora, ela criou o Dia do Vizinho. Ela comemorava o Dia do Vizinho.

Estamos aqui abertos a todos que queiram saber, conhecer e admirar a obra dessa grande escritora goiana. Nossa equipe é formada de gente muito jovem. São estes jovens que continuarão a manter esse museu.

## 7.2 – Fotopoemas





*“Em Goiás tudo é velho: as casas, os telhados, as igrejas, os muros, as ruas e os becos. O calçamento das ruas, o velho chafariz, esse então é o monstro sagrado. Dito pitorescamente, Chafariz de Cauda.”*<sup>138</sup>



---

<sup>138</sup> Villa Boa de Goyaz. Global Editora, São Paulo, 2001, p. 73.

*“Enraizada como velhas figueiras, agarrada às tradições e aos encantamentos da terra, sustentáculos, colunas e cariátides; embasamento, concreto e arcabouço, amparo e anteparo da cidade frustrada.”*<sup>139</sup>



---

<sup>139</sup> Idem, p. 108.

*“Onde os bem-te-vis dos altos coqueiros  
Com seus constantes desafios? Onde mais esses poetas alados  
Marcados pela juriti das velhas mangueiras?  
Foram-se para sempre.”<sup>140</sup>*



---

<sup>140</sup> Ibidem, p. 168.

*“Na haste  
Hierática e vertical  
pompeia.  
Sobe para a luz e para o alto  
a flor...”*<sup>141</sup>



---

<sup>141</sup> Meu Livro de Cordel. Cultura Goiana, 1976, p. 50.



*“CASA VELHA DA PONTE...*

*Olho e vejo tua ancianidade vigorosa e sã.*

*Revejo teu corpo patinado pelo tempo, marcado das escaras da velhice.*

*Desde quando ficaste assim?”<sup>142</sup>*

---

<sup>142</sup> Idem, p. 90.

*“Maria, das muitas que rolam pelo mundo.*

*Maria pobre. Não tem casa nem morada.*

*Vive como quer.*

*Tem seu mundo e suas vaidades.”<sup>143</sup>*



---

<sup>143</sup> Vintém de Cobre. UFG, 2ª Edição, 1984, p. 49.

*“...Minha pedra mãe. Quem assentará você sobre o meu túmulo no meu retorno às origens de todas as origens?”<sup>144</sup>*



---

<sup>144</sup> Idem, p.54.

*“Ponha sempre nas mãos do trabalhador, mesmo fraco,  
uma ferramenta forte.*

*Observe o resultado. A boa ferramenta estimula o trabalhador.*

*O trabalhador sente-se forte e seu trabalho se faz leve e ele se esperta  
e até mesmo canta, abrindo o eito, estimula os companheiros,  
joga pilhéria, graceja e alegra seus parceiros.”<sup>145</sup>*



---

<sup>145</sup> Ibidem, p. 60.



*“Muitos se ufanam:  
“Não devo nada a ninguém.”  
Engano: devemos muito a todos.  
Devemos, particularmente, a nossos vizinhos  
A felicidade da boa vizinhança.”<sup>146</sup>*

---

<sup>146</sup>Ibidem, p. 169.

*“Da janela da casa velha  
todo dia, de manhã,  
tomo a bênção do rio:  
“Rio Vermelho, meu avozinho,  
dá sua bença pra mim...”<sup>147</sup>*



---

<sup>147</sup> Idem, p.83.



*“Monturo:  
Tem coisa impossível de queimar,  
vai ardendo devagar,  
no rasto da cinza, na mortalha da fumaça.”<sup>148</sup>*

---

<sup>148</sup> Ibidem, p.99.



*“Na velhice dos muros de Goiás  
o tempo planta avenca.”<sup>149</sup>*

---

<sup>149</sup> Ibidem, p.98



*“Estas e outras visitas se faziam  
passando pelo portão.  
Andar pelas ruas. Atravessar fontes e largos,  
as moças daquele tempo eram muito acanhadas.  
Tinham vergonha de ser vistas de “todo mundo”...”<sup>150</sup>*

---

<sup>150</sup> Ibidem, p.105.



*“Beco da minha terra...  
Amo tua paisagem triste ausente e suja.  
Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa  
(...)  
Becos da minha terra,  
discriminados e humildes,  
lembrando passadas eras...”<sup>151</sup>*

---

<sup>151</sup> Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais. Global, 2003, pp. 92/93

**7.3 – Anexo - A história de Aninha – Versão em Português**  
**(que virou Cora Coralina)**

Esta história relata a biografia de Cora Coralina versificada para crianças e é fruto, também, da dedicação a essa Dissertação O livro encontra-se no prelo.

**A história de Aninha**  
**(que virou Cora Coralina)**

Num ano muito distante (era 1889)

Houve um dia vinte  
De um mês de agosto quente  
Na cidade de Goiás.  
Um lugarzinho escondido  
Pela sombra da Serra Dourada.

Na velha casa  
À beira da ponte  
Do Rio Vermelho  
Nascia a menina Aninha.

Nascia em mau momento.  
Sua mãe nem teve  
Resguardo, amores e tempo.  
Uma dor pungente  
Consumia D. Jacinta.

Aninha nascia  
E seu velho pai falecia.  
Aninha sem pai,  
Sem afeto,  
Sem valia!  
Segue a vida...  
Três filhas – grande peso  
Pra viúva carregar  
É preciso dividir  
O fardo compartilhar.

A mais velha fica com a mãe  
Pois já pode ajudar.  
A segunda também fica  
Não se podem separar...  
Tão unidas as irmãzinhas!

A terceira é Aninha.  
Esta sim: atrapalha os planos maternos  
De tocar a vida  
De tirar o luto  
De fazer futuro.  
Novos planos, outra filha,  
Aninha de lado  
Um estorvo essa menina.

A boa Tia Nhorita  
Foi quem lhe serviu  
De refúgio,  
Regaço,  
Abrigo.

Foi crescendo  
E muitos apelidos recebendo:  
Feia, pandorga, moleirona,  
Inzoneira, buliçosa,  
De pernas moles,  
Sempre tropeçando e caindo.

De fato havia  
Muitas pedras em seu caminho!  
Aninha feia,  
Aninha boba,  
Aluna do banco das atrasadas  
Da escola da Mestra Silvina.

A que ninguém queria nas brincadeiras  
A que não arranjava casamento  
A que gostava de ler  
E escrever.

Já mocinha,  
Proprietária de bom vocabulário  
E de intensa criatividade,  
Arriscou-se a mostrar  
Um poema que escreveu.

De volta nem um só elogio.  
Recebe sim: reprimenda e castigo  
E mais um apelido:  
Metida!  
Onde já se viu?  
Uma menina roceira  
Gostar de Almeida Garret?

Leva ainda (sem motivo)  
A fama de copiar escritos  
De um padre, cônego-Pio,  
Seu parente de batismo.

Mas os versos enchem  
Da menina  
As idéias, o peito, o pensamento.  
Precisam ganhar o mundo,  
Materializar-se em escrita  
Para ser lida.

Cumprir com seu destino:  
Servir de verso-denúncia  
Verso que grita, ataca,  
Demonstra: verso-ameaça!  
Contra todos os preconceitos!

Agora quem escreve  
Não é mais Aninha.  
Agora quem escreve  
É Cora Coralina.

Escreve, escreve e amadurece.  
Fruta já madura, já no ponto  
Sem ninguém para colher.  
Cora sem par  
Cora sem casar.  
E a roda do tempo girando...

Enfim, chega de longe um moço  
E da Cora moça-solteira  
Aprisiona o coração.

Esse amor proibido  
Pelas leis dos homens  
Da família  
Da sociedade  
Leva Cora para longe.  
Novas terras... outros mundos...

Um sonho concretizado  
Ativista política – líder social -  
Outros bem embalados:  
Mulher – companheira – mãe.  
Tanta energia e talento  
Acabam por balançar  
Os alicerces da casa.

Vida vai...vida vem...  
O tempo devorando  
A vida que vai  
A vida que vem.

Cora cria filhos  
Planta rosas  
Milho  
Sonhos  
Amigos.

Já na tarde de sua vida  
Sente o mesmo apelo  
Que um dia sentiu  
O soldado carajá:  
Um forte atavismo,  
Um intenso magnetismo  
Chama Cora de volta

Pra sua Serra Dourada  
Pro seu povo  
Sua gente  
Seu lugar.

Quarenta e cinco anos passados  
E Cora de novo  
Na velha casa da ponte  
Nos becos da meninice.  
Agora... faz doces.  
Como sempre: recomeça!  
E escreve: O cântico da volta.

Sua vivência,  
Seus saberes,  
Sua eloquência.  
O tempo –grande parceiro –  
A Cora vai permitindo:  
Noites de autógrafos,  
Júbilos,  
Comemorações,  
Prêmio Jabuti,  
Palavras do poeta...  
Por fim – o reconhecimento!  
E Cora? Cansada?  
Ela não!  
Talvez as gentes que habitam  
Seu mundo interior  
E sua cidade-Goiás.  
Cora vive intensamente,  
Prepara-se para a colheita da vida.  
Mas o corpo – esse não agüenta o repuxo  
De carregar espírito  
Assim tão libertário.

A vista baça  
Os sons abafados  
As muletas  
A cadeira de rodas...  
Vão preparando Cora  
Para sua viagem final.

Um dia  
Cora Coralina parte,  
Mas não como chegou.  
Não vai sozinha.  
Leva gloriosa soma  
De tudo que viveu  
E deixa  
Escritos, livros,  
Conselhos, vizinhos...

Para onde foi  
A menina Aninha?  
A jovem ousada?  
A mulher forte?  
A sábia anciã?  
Cora, afinal, é cidadã do espaço  
E de longe nos abençoa  
Uma benção centenária  
Para sempre  
Na alma  
Na memória  
Daqueles que a amam.

#### 7.4- A história de Aninha (que virou Cora Coralina) Versão em Espanhol

(Tradução – Joseph Weiss – Revisão – Elga Laborde)

La historia de Anita (que se volvió Cora Coralina)

En año muy distante (era 1889)

Hubo un día veinte

De un mes de agosto caliente

En la Ciudad de Goiás.

Una localidad escondida

Por la sombra de la Sierra Dorada.

En la casa vieja

Al costado del puente

Del Río Rojo

Nacía la niña Anita.

Nacía en momento malo.

Su mamá ni tuvo

Resguardo, amores y tiempo.

Un dolor punzante

Consumía Doña Jacinta.

Anita nacía

Y su viejo papá moría.

Anita sin padre,

Sin afecto,

¡Sin valía!

Sigue la vida...  
Cuatro hijas – peso grande  
Para viuda cargar  
Necesita dividir  
El fardo compartir.

La más vieja queda con la madre  
Pues ya puede ayudar.  
La segunda y la cuarta también quedan  
No se las puede separar...  
¡Tan unidas las hermanitas!

La tercera es Anita.  
Esta sí: estorba los planos maternos  
De llevar la vida  
De sacar el luto  
De hacer futuro.  
Un estorbo esa niña.

La buena Tía Ñorita  
Fue quien le sirvió  
De refugio,  
Regazo,  
Abrigo.

Fue creciendo  
Y muchos apodos recibiendo:  
Fea, cometa, blandita,  
Mezcladora, alborotadora,  
De piernas débiles,  
Siempre tropezando y cayendo.

De hecho había  
 ¡Muchas piedras en su camino!  
 Anita fea,  
 Anita tonta,  
 Alumna del banco de las retrasadas  
 De la escuela de la Maestra Silvina.

La que nadie quería en los juegos  
 La que no arreglaba matrimonio  
 La que le gustaba leer  
 Y escribir.

Ya muchachita,  
 Propietaria de buen vocabulario  
 Y de intensa creatividad  
 Arriesgo demostrar  
 Un poema que escribió.

De vuelta ni un solo elogio.  
 Recibió sí: reprimenda y castigo  
 Y un apodo más:  
 ¡Metida!  
 ¿Donde ya se vio?  
 Una niña del campo  
 ¿Gustarle de Almeida Garret?

Lleva aún (sin motivo)  
 La fama de copiar escritos  
 De un primo, un padre, Canónigo-Pio,  
 Su pariente de bautizo.

Pero los versos llenen  
De la niña  
Las ideas, el pecho, el pensamiento.  
Necesitan ganar el mundo,  
Materializarse en escrita  
Para ser leída.

Cumplirse con su destino:  
Servirse de verso-denuncia  
Verso que grita, ataca,  
¡Demuestra: verso-amenaza!  
¡Contra todos los prejuicios!

Ahora quien escribe  
No es más Anita.  
Ahora quien escribe  
Es Cora Coralina.

Escribe, escribe y madurando.  
Fruta ya madura, ya a punto  
Sin nadie para cosechar.  
Cora sin par  
Cora sin casar.  
Y la rueda del tiempo girando...

Al fin, llega de lejos un muchacho  
Y de la Cora joven-soltera  
Captura el corazón.  
Ese amor prohibido

Por las leyes de los hombres  
De la familia  
De la sociedad  
Lleva Cora para lejos.  
Nuevas tierras...otros mundos...

Un sueño concretizado  
Activista política – líder social -  
Otros bien embalados:  
Mujer – compañera – madre  
Tanta energía y talento  
Terminan por balancear  
El sostén de la casa.

Vida va... vida viene.  
El tiempo devorando  
La vida que va  
La vida que viene.  
Cora cría hijos  
Planta rosas  
Comida  
Sueños  
Amigos.

Ya en la tarde de su vida  
Siente el mismo apelo  
Que un día sintió  
El soldado carajá:

Un fuerte atavismo  
Un intenso magnetismo  
Llama Cora de vuelta

Para su Sierra Dorada

Para su pueblo

Su gente

Su lugar.

Cuarenta y cinco años pasados

Y Cora de nuevo

En la vieja casa del puente

En los calles de la niñería.

Ahora... hace dulces.

¡Como siempre: recomienza!

Y escribe: La canción del regreso.

Su vivencia,

Su sabiduría,

Su elocuencia.

El tiempo – gran compañero –

Cora va permitiendo:

Noches de autógrafos,

Júbilos,

Conmemoraciones,

Premio Jabuti,

Palabras de poeta...

¡Por fin – el reconocimiento!

¿Y Cora? ¿Cansada?

¡Ella no!

Quizás las gentes que habitan

Su mundo interior

Y su Ciudad Goiás.

Cora vive intensamente,  
Prepárase para la cosecha de la vida.  
Pero el cuerpo – ese no aguanta el esfuerzo  
de cargar el espíritu  
Así tan libertario.

La vista turbia  
Los sonidos se apagan  
Las muletas  
La silla de ruedas...  
Van preparando Cora  
Para su viaje final.  
Un día  
Cora Coralina parte,  
Pero no como llegó.  
No va sola.  
Lleva gloriosa suma  
De todo lo que vivió  
Y deja  
Escritos, libros,  
Consejos, vecinos...

Para donde fue  
¿La niña Anita?  
¿La joven osada?  
¿La mujer fuerte?  
¿La sabia anciana?

Cora, al fin, es ciudadana del espacio

Y de lejos nos bendice

Una bendición centenaria

Para siempre

En el alma

En la memoria

De aquellos que la aman.